

**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e**  
**Prevenção de Violência**

**Estudo sobre a percepção dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM, quanto aos processos de saúde/doença relacionados às condições e processos de trabalho.**

**Virgínia Raimunda Ferreira**

**Belo Horizonte**  
**2016**

VIRGÍNIA RAIMUNDA FERREIRA

**Estudo sobre a percepção dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM, quanto aos processos de saúde/doença relacionados às condições e processos de trabalho.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência, do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Jandira Maciel da Silva

Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE MEDICINA**

Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da  
Violência

Linha de pesquisa: Promoção de Saúde e suas Bases: Trabalho, Ambiente e  
Cidadania

**Reitor:** Prof. Jaime Arturo Ramírez

**Vice-Reitora:** Prof<sup>a</sup>. Sandra Goulart Almeida

**Pró-Reitora de Pós-Graduação:** Profa. Denise Maria Trombert de Oliveira

**Pró-Reitor de Pesquisa:** Prof<sup>a</sup>. Adelina Martha dos Reis

**Diretor da Faculdade de Medicina:** Prof. Tarcizo Afonso Nunes

**Vice-Diretor da Faculdade de Medicina:** Prof. Humberto José Alves

**Coordenador do Centro de Pós-Graduação:** Prof. Luiz Armando Cunha De  
Marco

**Subcoordenador do Centro de Pós-Graduação:** Prof. Edson Samesiana  
Tatsuo

**Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social:** Prof. Antonio  
Thomaz Gonzaga da Matta Machado

**Subchefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social:** Prof<sup>a</sup> Alaneir  
de Fátima dos Santos

**Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e  
Prevenção da Violência:** Prof<sup>a</sup>. Elza Machado de Melo

**Subcoordenadora Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e  
Prevenção da Violência:** Prof<sup>a</sup>. Cristiane de Freitas Cunha Grillo

**Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e  
Prevenção da Violência**

Profa. Cristiane de Freitas Cunha - Titular  
Profa. Eliane Dias Gontijo - Titular  
Profa. Efigênia Ferreira e Ferreira - Titular  
Profa. Elza Machado de Melo - Titular  
Profa. Soraya Almeida Belisario - Titular  
Prof. Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro - Titular  
Profa. Andréa Maria Silveira - Suplente  
Prof. Marcelo Grossi Araujo - Suplente  
Profa. Eugenia Ribeiro Valadares - Suplente  
Prof. Antônio Leite Alves Radicchi - Suplente  
Profa. Stela Maris Aguiar Lemos - Suplente  
Profa. Izabel Christina Friche Passos - Suplente

**Representantes discentes:**

Maria Beatriz de Oliveira - Titular  
Marcos Vinícius da Silva - Suplente

BELO HORIZONTE

2016

## FOLHA DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora abaixo assinada \_\_\_\_\_ a dissertação intitulada *Adoecer: Condição do Ser trabalhador? Estudo sobre a percepção dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM, quanto aos processos de saúde/doença relacionados aos processos de trabalho*, apresentada e defendida por VIRGÍNIA RAIMUNDA FERREIRA, para obtenção do grau de Mestre em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

---

Profa. Dra. Jandira Maciel da Silva (Orientadora) - UFMG

---

Prof. Dr. Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro - UFMG

---

Profa. Dra. Soraya Almeida Belisário - UFMG

---

Prof. Dra. Elza Machado de Melo- UFMG

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Universo por essa experiência!

À professora Jandira, minha orientadora, que apostou nessa pesquisa em seu estado embrionário.

Aos professores que participaram da banca de qualificação e da defesa dessa dissertação: Prof<sup>a</sup>. Elza, Prof. Ricardo, Prof. Tarcísio e prof<sup>a</sup> Soraya. Agradeço as importantes contribuições.

A todos os professores que ajudaram na minha formação teórica, por meio das disciplinas.

À Profa. Elza, por sua competência, carregada de um amor incomensurável.

À Lauriza, Amanda e Tiago sempre cuidadosos e disponíveis a nos orientar.

À Secretaria de pós-graduação, especialmente à Cintia e agora Andréa, pelo apoio constante.

Aos meus colegas de jornada nesse mestrado.

À Mariza Talim, bibliotecária do Campus Saúde, pelo importante e cuidadoso apoio na seleção da bibliografia.

À Nádia, que com amor imensurável, me acompanhou na construção dessa realização, desde sua gestação.

Às amigas Regina e Cleiciara pelo carinho e cuidado para comigo.

Aos meus pais pelo dom da vida e pelos valores cultivados.

Ao Guilherme, meu esposo, que quase se tornou "mestre cuca" para me poupar da cozinha.

Aos meus professores de todos os tempos, muitos deles, inspiradores na minha busca de conhecimento.

Aos meus alunos de todos os tempos, que me inspiram e me instigam na busca de minha cotidiana transformação.

À Cris, querida enteada, pelo apoio, mesmo de longe.

À Aurora e Angélica que cuidaram de minha casa e, portanto, de mim, para que eu pudesse me debruçar sobre os livros.

À Zeza, coordenadora do Curso de Serviço Social da UEMG, pelo incentivo e reconhecimento de minha trajetória profissional.

Aos autores e poetas por me possibilitarem alçar vôos rumo ao conhecimento.

O que, sem eles, impossível!

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos os trabalhadores que, com suas consciências alargadas, puderam perceber seu valor intrínseco, lutando por sua emancipação humana - pessoal e coletiva.

E a todos os trabalhadores, ainda adormecidos em suas consciências, na esperança de que acordem para sua plenitude.

## **Segue o Teu Destino**

Segue o teu destino,  
Rega as tuas plantas,  
Ama as tuas rosas.  
O resto é a sombra  
De árvores alheias.

A realidade  
Sempre é mais ou menos  
Do que nós queremos.  
Só nós somos sempre  
Iguais a nós-próprios.

Suave é viver só.  
Grande e nobre é sempre  
Viver simplesmente.  
Deixa a dor nas aras  
Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.  
Nunca a interrogues.  
Ela nada pode dizer-te.  
A resposta  
Está além dos deuses.

Mas serenamente  
Imita o Olimpo  
No teu coração.  
Os deuses são deuses  
Porque não se pensam.

*Ricardo Reis, in "Odes"*  
Heterônimo de Fernando Pessoa

## RESUMO

A relação entre trabalho e saúde/doença é reconhecida como fenômeno complexo, sendo datada desde a antiguidade. Foi a partir da Revolução Industrial que essa relação passou a ser considerada como um problema, uma vez que as transformações tecnológicas inauguradas trouxeram em seu bojo importantes transformações no mundo do trabalho. Seu enfrentamento registra lutas históricas e a intervenção de diferentes atores sociais que buscam garantir a saúde dos trabalhadores. O presente estudo trata-se de um estudo qualitativo inserido no campo Saúde do Trabalhador. Buscou-se conhecer a percepção dos trabalhadores acerca dos processos de saúde/doença e das condições e relações de trabalho, a partir de pesquisa realizada com os trabalhadores públicos da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e região Centro - Oeste - SINTRAM. A cidade de Divinópolis está situada no centro - oeste de Minas Gerais, Brasil. Realizou-se, inicialmente, uma revisão da literatura como subsídio para as reflexões propostas, seguida da realização de entrevistas com trabalhadores sindicalizados, de diferentes cargos e secretarias municipais. Buscou-se aclarar como o processo de trabalho, na sociedade capitalista, ancorado nos modelos fordismo/taylorismo/toyotismo e pela administração pública gerencial interfere nas condições de vida e saúde dos trabalhadores, tirando-lhes a condição de seres político e transformando-os em seres de consumo. A pesquisa revelou que os trabalhadores, em sua totalidade, consideram o trabalho como fundamental em suas vidas e que se reconhecem socialmente, a partir do trabalho. 66,7% dos trabalhadores entrevistados tiveram algum acometimento da saúde. Desses, 70% faz alguma relação de seu adoecimento com os processos e relações de trabalho e 30% se reportam a questões pessoais e hereditárias. A totalidade dos trabalhadores entrevistados vincula os processos de saúde/adoecimento a atitudes individuais e os percebem como destacados da estrutura social. Reconheceu-se nessa pesquisa, através dos entrevistados, que a Prefeitura de Divinópolis incorporou os preceitos da administração pública gerencial e, como consequência, sua administração apresenta restrições de materiais básicos para execução dos serviços à mão de obra trabalhadora, comprometendo os

serviços prestados à população e a qualidade de vida e saúde de seus trabalhadores.

**PALAVRAS – CHAVE:** Saúde do Trabalhador; Trabalhador; Processos Saúde-doença; Alienação; Capitalismo, Taylorismo, Fordismo, Toyotismo, Administração Gerencial.

## ABSTRACT

The relationship between work and health / disease is recognized as a complex phenomenon, being dated since antiquity. It was from the Industrial Revolution that this relationship came to be regarded as a problem, once the technological transformations inaugurated brought at its core with them important transformations in the working world. His confronting registers historical struggles and the intervention of different social actors that looking for ensure the health of workers. The present study deals with a qualitative study inserted in the Worker's Health field. It sought to know the perception of workers about health / disease processes and the conditions and labor relations, from research conducted with public workers of the town hall of Divinópolis, unionized in the Union of Municipal Workers of Divinópolis and Centro- Oeste region - SINTRAM. The city of Divinópolis is located in the center - west of Minas Gerais, Brazil. Held initially a literature review as subsidy for the reflections proposed, followed by the realization of interviews with unionized workers, in different roles and Municipal Secretariats. It sought to clarify how the labor process, in capitalist society, anchored in Fordism models / Taylorism / Toyotism and by the managerial public administration interferes with the living conditions and health of workers, taking away their condition of political beings and turning them into consumption beings. The survey show that workers, at its entirety, consider the work as fundamental in their lives and that recognize themselves socially, from work. 66.7% of the workers interviewed had some damage of health. Of these, 70% does some relation his illness with the procedures and labor relations and 30% if reported to personal and hereditary issues. The totality of the workers interviewed attach the processes of health / illness to individual attitudes and realize how highlighted from the social structure. It was recognized in that search, through the respondents, that the Divinópolis Prefecture incorporated the precepts of management public administration and, consequently, its administration presents basic materials constraints to execution of the services to the hand worker work, compromising the services rendered to the population and the quality of life and health of their workers.

KEY - WORDS: Worker's health; Worker; Processes Health-disease; Alienation; Capitalism, Taylorism, Fordism, Toyotism, Administration management.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 .....	63
----------------	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COEP UFMG.....	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais
CRESST.....	Centro de Referência da Saúde e Segurança do Trabalhador
O.I.T.....	Organização Internacional do Trabalho
SINTRAM.....	Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e Região Centro - Oeste
UFMG.....	Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	15
1. REFERENCIAL TEÓRICO .....	20
1.1 Aspectos históricos que culminam na saúde do trabalhador	20
1.2 Taylorismo, Fordismo, Toyotismo - Regimes aceitáveis pelos trabalhadores? .....	27
1.3 Administração Pública Gerencial inspirada no Toyotismo .....	34
1.4 Os trabalhadores públicos e a nova realidade de trabalho .....	39
2. REFLEXÕES ACERCA DOS PROCESSOS DE ALIENAÇÃO, VIOLÊNCIAS E ADOECIMENTOS, CONSEQÜÊNCIAS DOS PROCESSOS E RELAÇÕES DE TRABALHO .....	46
3 OBJETIVOS .....	54
3.1 Objetivo geral .....	54
3.2 Objetivos específicos.....	54
4 METODOLOGIA .....	55
4.1 Instrumento de coleta de dados .....	55
4.2 Local do estudo .....	56
4.3 Participantes do estudo .....	56
4.4 Critério de inclusão e exclusão dos sujeitos da pesquisa.....	56
4.5 Os sujeitos da pesquisa .....	57
4.6 Detalhamento da técnica .....	58
4.7 Registro .....	59
4.8 Análise dos dados .....	59
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	60
5.1 Perfil da amostra .....	61
5.2 Significado do trabalho e realização .....	64
5.3 Condições de trabalho .....	68
5.4 Relações interpessoais .....	72
5.5 Relação entre trabalho e adoecimento .....	74

5.6	Expressões da violência e sofrimento nos espaços de trabalho ...	79
5.7	O Centro de Referência da Saúde e Segurança do Trabalhador – CRESST .....	85
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
	REFERÊNCIAS.....	94
	ANEXOS .....	100
	APÊNDICES.....	104

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

"A gente gostava das palavras quando elas perturbavam o sentido normal das idéias."

Manoel de Barros.

O presente estudo tem por finalidade conhecer a percepção dos trabalhadores da prefeitura municipal de Divinópolis, sindicalizados no Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e região Centro - Oeste – SINTRAM, quanto aos processos de saúde/doença e as relações e condições de trabalho. Para tanto, buscamos a parceria do referido Sindicato para realizarmos, junto aos trabalhadores da prefeitura, nossa pesquisa.

Divinópolis, situada no centro-oeste de Minas Gerais, dista 110 km da capital mineira. Seus limites se dão ao norte com Nova Serrana, ao noroeste com Perdigoão, a oeste com Santo Antônio do Monte, a sudoeste com São Sebastião do Oeste, ao sul com Cláudio e a leste com Carmo do Cajuru e São Gonçalo do Pará. A cidade é cortada pelos rios Itapecerica, principal fonte de captação de água do município, e o rio Pará. (Wikipédia, a enciclopédia livre. 01 de outubro de 2015).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o município possui uma área territorial de 709 km<sup>2</sup>, o que equivale a 0,12% da área total do Estado. Ocupa a 12ª posição do total de 853 cidades no ranking das cidades mais populosas do estado de Minas Gerais e sua população está estimada em 230.848 habitantes. (IBGE, 2010).

A prefeitura municipal de Divinópolis conta com dezesseis secretarias municipais: Saúde; Educação; Esportes e Juventude; Cultura; Planejamento Urbano e Meio Ambiente; Agronegócios; Fazenda; Governo; Adjunta Antidrogas e de Direitos Humanos; Administração, Controladoria Geral do Município, Orçamento e Informação; Operações Urbanas; Desenvolvimento Social; Desenvolvimento Econômico Sustentável; Trânsito e Transportes. ([http://www.divinopolis.mg.gov.br/portal/paginas/secretarias/secretarias\\_inicia.php](http://www.divinopolis.mg.gov.br/portal/paginas/secretarias/secretarias_inicia.php)).

O quadro de trabalhadores da Prefeitura tem aproximadamente quatro mil seiscentos e quarenta trabalhadores sendo quarenta e dois por cento

lotados na Secretaria de Educação; trinta e três por cento, na Secretaria de Saúde e os demais trabalhadores, vinte e cinco por cento, nas demais secretarias.

Como veremos adiante, o cenário mundial de globalização da economia e o fortalecimento do neoliberalismo acarretou a retirada do Estado de sua responsabilidade direta pelo desenvolvimento econômico e social e passou a execução e gerenciamento de vários serviços públicos para a iniciativa privada, o que acarretou a terceirização de muitos serviços, com penalizações e enxugamento de direitos dos trabalhadores.

As evidências apontam-nos que a Prefeitura Municipal de Divinópolis, em consonância com a reforma do Estado, que busca a coerência dos serviços públicos com o capitalismo contemporâneo, vem paulatinamente se retirando de suas responsabilidades junto a seus cidadãos, trazendo para o serviço público os princípios e valores da iniciativa privada.

Segundo o Sindicato, do total de trabalhadores, setenta e oito por cento são concursados. Os demais se distribuem entre cargos nomeados em comissão, ou seja, ocupam cargos de chefia, gerência, coordenação, podendo ser ou não concursados; trabalhadores estáveis, que adquiriram a estabilidade com a Constituição de 1988 uma vez que tinham, no mínimo, cinco anos de serviço público; em função pública que em 1988 não tinham os cinco anos que presumia a estabilidade, mas que ainda assim a conseguiram e ainda, um número cada vez mais crescente de trabalhadores contratados por empresas terceirizadas.

Ainda segundo os dados fornecidos pelo Sindicato, não há concurso na Prefeitura desde 2010, o que acarreta em contratação de mão de obra para compor o quadro de trabalhadores. A maior parte dos contratados/terceirizados encontra-se na Secretaria de Educação e Secretaria da Saúde. No caso da Educação, em 2010 foi extinto o cargo de Servente Escolar. O que se tem constatado é que a carência de trabalhadores no quadro da prefeitura tem sido solucionada de forma precária, tanto no que diz respeito à qualidade dos serviços prestados, uma vez que os contratados não passam por treinamentos; quanto à garantia dos direitos trabalhistas, nem sempre cumpridos pelas empresas contratadas para o processo de terceirização.

Observações empíricas, ao longo da trajetória profissional, como trabalhadora do serviço público do município de Divinópolis, suscitaram na pesquisadora muitas angústias e inquietações ao perceber as muitas contradições nos serviços públicos prestados no município.

A pesquisadora, assistente social da Secretaria de Saúde do município, com ampla experiência na Saúde Mental, compartilhou momentos de lutas, angústias, inquietações e indagações acerca das condições e relações de trabalho como geradoras de sofrimentos, violências e adoecimentos. Dentre as indagações e inquietações, destacamos a percepção de um silencioso adoecimento que, em linhas gerais, não é reconhecido como um processo de adoecer associado ao trabalho, apesar de minar no trabalhador a vontade de lutar por mudanças no interior dos espaços de trabalho, minar o solo das relações interpessoais inerentes ao trabalho e, por fim, minar a pessoa mesma que trabalha; a percepção de que os trabalhadores têm pouco conhecimento dos fatores que os adoecem e alienam e não vinculam, portanto, fatores de adoecimento aos processos de trabalho.

Ainda faz-se relevante dizer que o trabalho na Saúde Mental proporcionou-lhe uma sensibilização ao sofrimento humano, mas também às potencialidades do humano; a percepção de que o espaço de trabalho é muitas vezes adoecedor, mas também espaço de cura, quando o trabalho dá sentido à vida; um espaço cujas relações interpessoais se expressam na competitividade, mas também na solidariedade alargada além de ser espaço de lutas e conquistas de direitos, seja por parte dos trabalhadores, seja por parte dos usuários dos serviços.

Assim, com este estudo, pretendemos conhecer o que os trabalhadores têm a dizer de suas trajetórias no mundo do trabalho, no nosso caso, os trabalhadores da prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM.

Entendemos relevante a compreensão dos processos de trabalho por que passam os referidos trabalhadores bem como o conhecimento da percepção dos mesmos sobre sua condição de saúde/adoecimento, relacionado às condições de trabalho. E, visando contribuir para reflexão/compreensão e intervenção junto à realidade de trabalho desses trabalhadores, compartilhamos com Adam & Herzlich que "todo conhecimento

importante da vida humana requer uma explicação: é preciso compreender sua natureza e encontrar suas causas. A doença não escapa a essa exigência. (...) tal elaboração não é apenas individual, mas está ligada ao social e à cultura" (ADAM & HERZLICH, 2001. p. 69).

Outro aspecto de nossas observações empíricas diz respeito a uma responsabilização do trabalhador sobre sua saúde, responsabilização essa que está entranhada e naturalizada na lógica do trabalho, na mente e na cultura do trabalhador, uma vez que este assume a meia culpa por não ter a saúde que poderia ter ou por ter adquirido determinada doença.

Concordamos com VÍCTORA quando diz que "a realidade é entendida como uma construção social na qual o fato concreto - a doença, por exemplo - só existe a partir da ordem simbólica, isto é, só existe se naquela sociedade ela for possível de ser pensada como tal, como anormalidade." (VÍCTORA, 2000. pag. 11).

É ainda nosso intuito conhecer os nexos que os trabalhadores fazem das histórias de trabalho e seu significado cultural, pois entendemos cultura como uma "teia de significados" tecida pelos homens e a sua análise. (GEERTZ 1978, p.15). Acreditamos que se trata de um processo que é singular e também coletivo, atravessado por uma realidade social e construído como "teias de significados". O que é também referendado nas palavras de Adam & Herzlich, 2001. "(...) o modelo explicativo do doente não é somente uma tradução: a significação da doença faz parte da própria realidade e a modela". (ADAM & HERZLICH, 2001. P. 74).

Segundo Antunes (2009), é uma vida dotada de sentido dentro do trabalho que nos possibilita tê-la com sentido, fora do trabalho. "Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho" (ANTUNES, 2009, p.31). Acreditamos e hipotetizamos que essa falta de sentido seja um forte fator de adoecimento.

Para tanto, fez-se então relevante aclarar como o processo de trabalho na sociedade capitalista impõe ao trabalhador a descontinuidade de seu ser pessoal, de sua história de vida e de significados, e o cindir de seu corpo, tirando-lhe a condição de ser político e transformando-o em ser de consumo.

Pretendemos ainda contribuir para a reflexão/ação, no que tange a Saúde do Trabalhador, uma vez que estamos inseridos num programa de

Mestrado Profissional que pressupõe que os estudos desenvolvidos sejam contribuições em suas instituições de origem, portanto contribuições à sociedade. Ansiamos por contribuir na Promoção da Saúde e Prevenção da violência dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, pois entendemos que os processos de adoecimento no trabalho são fatores de violência implícitos e velados.

Compartilhamos e entendemos com Lacaz que "Importa, então, desvendar a nocividade do processo de trabalho sob o capitalismo e suas implicações: alienação; sobrecarga e/ou subcarga; pela interação dinâmica de "cargas" sobre os corpos que trabalham, conformando um nexos biopsíquico que expressa o desgaste impeditivo da fruição das potencialidades e da criatividade." (LACAZ, 2007, p.759,760).

E, diante de tão grande desafio, esperamos contribuir junto ao SINTRAM, que aceitou ser nosso parceiro; aliados a tantos outros constructos de pessoas, pesquisadores das diversas instituições de ensino, trabalhadores inseridos no contexto da representação sindical e dos movimentos sociais em geral, na busca incessante de concretizar justiça social.

Assim, que possamos fazer a diferença na vida de todos nós que estamos envolvidos no processo e luta de mudança desta sociedade, para que sejamos, nas palavras de Habermas, produto e produtores do contexto onde estamos inseridos. "Os sujeitos que interagem uns com os outros utilizando a linguagem são ao mesmo tempo produto e produtores do contexto onde estão inseridos" (HABERMAS apud MELO, 2005, p. 5).

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

Os conceitos inerentes ao problema de pesquisa deste trabalho serão apresentados tendo como referência os principais autores que discutem a temática da saúde do trabalhador relacionada aos processos e condições de trabalho.

### 1.1. Aspectos históricos que culminam na Saúde do Trabalhador.

De acordo com Minayo-Gomez & Thedim-Costa, a relação entre trabalho e saúde/doença é datada desde a antiguidade. Foi a partir da Revolução Industrial que essa relação passou a ser considerada problemática, uma vez que as transformações tecnológicas inauguradas trouxeram, em seu bojo, importantes mudanças no processo de produção e na geografia das cidades. (MINAYO-GOMEZ & THEDIM-COSTA, 1997).

As exíguas condições de trabalho, com jornadas extenuantes, e as precárias condições de moradia, com aglomerados de pessoas em ambientes insalubres, eram campo fértil para o aparecimento de doenças infecto-contagiosas, além de mutilações e mortes no manuseio das máquinas.

Além de sua redação, que facilita ao capitalista burlá-las, as cláusulas sanitárias são extremamente pobres, restritas efetivamente a prescrever a caição das paredes e mais algumas outras medidas de limpeza, de ventilação e de proteção contra máquinas perigosas. (...) Periodicamente, no outono e no inverno, pessoas jovens e mulheres principalmente, filhos, filhas e mulheres dos pequenos arrendatários das vizinhanças, pessoas que nada conhecem de maquinaria, são retiradas do trabalho do campo para alimentarem com linho os laminadores das *scutching mills*. Em dimensão e intensidade, os acidentes são totalmente sem similares na história da maquinaria. (MARX, 1996. p.109/110).

Foucault lança seu entendimento de que no início do capitalismo "não era o corpo que trabalhava; o corpo do proletário que foi investido pela medicina social<sup>1</sup>", mas antes se deu o controle da sociedade "sobre os

---

<sup>1</sup> "A medicina moderna é uma medicina social que tem por *background* uma certa tecnologia do corpo social; que a medicina é uma prática social que somente em um de seus aspectos é individualista e valoriza as relações médico-doente.

indivíduos e seus corpos, considerando que o corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política." (FOUCAULT, 1982, p.47).

A medicina moderna é uma medicina social que tem por *background* uma certa tecnologia do corpo social; que a medicina é uma prática social que somente em um de seus aspectos é individualista e valoriza as relações médico-doente.

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. (FOUCAULT, 1984. p. 79/80).

Ainda segundo Foucault, este controle se deu de maneira distinta na Alemanha, Inglaterra e França. Na Alemanha desenvolveu-se a polícia médica, em meados do século XVIII, sob o comando do Estado, que tinha como característica o controle da morbidade junto aos médicos e hospitais, com registro das epidemias e endemias e a normalização do ensino da medicina, bem como do médico, "primeiro indivíduo normalizado na Alemanha". (FOUCAULT, 1982, p.47).

Tanto na Prússia quanto nos outros Estados alemães, ao nível do Ministério ou da administração central, um departamento especializado é encarregado de acumular as informações que os médicos transmitem, ver como é realizado o esquadrinhamento médico da população, verificar que tratamentos são dispensados, se reage ao aparecimento de uma doença epidêmica, etc., e, finalmente, emitir ordens em função dessas informações centralizadas. Subordinação, portanto, da prática médica a um poder administrativo superior. (FOUCAULT, 1982 p. 49,).

No final do século XVIII, diante do fenômeno da urbanização, cujo território não era unificado, mas com inúmeras variáveis - territórios

---

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. (Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 4a. ed. 1984. p. 79/80)

heterogêneos que detinham "um conjunto de poderes com autonomia e jurisdição próprias, além do poder do Estado, nasceu na França a medicina social." (FOUCAULT, 1987, p. 50).

Soma-se a essas variáveis as revoltas urbanas, especialmente por parte daqueles trabalhadores que buscavam a chance de se tornar proletários. Diante desse quadro político, o Estado viu-se na necessidade de "esquadrinhar o espaço urbano", inicialmente promovendo análise das regiões de amontoamento de pessoas, cadáveres, confusão e os riscos nos espaços urbanos, passando posteriormente para o controle da circulação da água e do ar. Foi a medicina social<sup>2</sup> que trouxe o conceito de salubridade e é influenciadora da medicina científica, nascida no século XIX.

Na Inglaterra, no século XIX, nasce a medicina social inglesa, amparada pela Lei dos Pobres de 1597, lei esta "que declarava indigentes e retirava o direito de cidadania econômica daqueles que fossem atendidos pelo sistema de assistência pública. Assim recrutando coercitivamente o trabalhador, a burguesia cuidava de manter sob controle a força de trabalho de que necessitava para expandir seu capital." (MARTINELLI, 1997, pag. 33).

A medicina social inglesa tinha cunho eminentemente autoritário, "não de cuidados médicos, mas de controle médico da população". (FOUCAULT, 1982, p. 56). Um controle sobre os corpos daqueles que eram os pobres, controle de sua ânsia por liberdade e autonomia, para que se tornassem assujeitados do sistema e de seus dominadores.

---

<sup>2</sup> Por intermédio da medicina social urbana, a prática médica põe-se diretamente em contato com ciências extra-médicas, fundamentalmente a química. Desde o período confuso em que Paracelso e Van Helmont procuravam estabelecer as relações entre medicina e química, não houve mais verdadeiras relações entre as duas. Foi precisamente pela análise do ar, da corrente de ar, das condições de vida e de respiração que a medicina e a química entraram em contato. Fourcroy e Lavoisier se interessaram pelo problema do organismo por intermédio do controle do ar urbano. A inserção da prática médica em um *corpus* de ciência físico-química fez-se por intermédio da urbanização. A passagem para uma medicina científica não se deu através da medicina privada, individualista, através de um olhar médico mais atento ao indivíduo. A inserção da medicina no funcionamento geral do discurso e do saber científico fez-se através da socialização da medicina, devido ao estabelecimento de uma medicina coletiva, social, urbana. A isso se deve a importância da medicina urbana. (Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 4a. ed. 1984. p. 92).

De maneira geral, pode-se dizer que, diferentemente da medicina urbana francesa e da medicina de Estado da Alemanha do século XVIII, aparece, no século XIX e sobretudo na Inglaterra, uma medicina que é essencialmente um controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas. (FOUCAULT, 1982, p. 57.).

Para que as populações se tornassem então mais "aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas", fez-se necessária uma estratégia de dominação que atingisse o trabalhador no mais profundo do seu ser, que o subjugasse, que o transformasse em mercadoria, "O trabalho não cria apenas bens; ele também produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e deveras, na mesma proporção em que produz bens." (MARX, 1979. p. 90).

Assim fragilizados, alienados de si e considerados objetos, os trabalhadores deixam de se pertencer, "o trabalhador põe a sua vida no objeto, e sua vida, então, não mais lhe pertence, porém ao objeto. (...) o que está incorporado ao produto de seu trabalho não mais é dele mesmo." (MARX, 1979. p. 91).

Com a transnacionalização da economia, esse modelo de atenção à saúde do trabalhador expandiu-se por muitos países conforme os avanços da industrialização. (MENDES & DIAS, 1991. P. 342).

A acelerada evolução da tecnologia industrial provocou o aparecimento de novas questões sociais que se descortinaram. Os trabalhadores começaram a sentir e perceber as contradições inerentes ao modo de produção capitalista. Isto fez crescer seus questionamentos e demandas, embora nesse momento ainda não estivessem organizados enquanto classe trabalhadora e, portanto, ainda não sabedores de sua força enquanto classe.

Em 1919, criou-se a OIT - Organização Internacional do Trabalho, com o intuito de proteger a saúde do trabalhador e, em 1953, a OIT fomentou junto aos Estados membros da instituição a formação de médicos do trabalho qualificados e o estudo da organização de "Serviços de Medicina do Trabalho.

E, em 1958, o Conselho de Administração da OIT substituiu a denominação "Serviços Médicos do Trabalho" por "Serviços de Medicina do Trabalho". (MENDES & DIAS, 1991. p. 342).

Com a ampliação e complexificação do processo de industrialização, houve o aumento do número de mortes dos trabalhadores, em decorrência dos

crecentes acidentes de trabalho, seja pelo extenuante processo de trabalho e horas trabalhadas; seja pelos problemas de saúde advindos das insalubres condições de vida, de moradia e alimentação. O médico do trabalho já não conseguia equacionar o equilíbrio saúde/doença dentro das fábricas.

Fez-se necessária uma intervenção mais pontual para equacionar as tensões geradas por esse novo cenário, uma vez que o "Serviço de Medicina do Trabalho" mostrou-se inoperante, diante de tão complexa questão social, para manter a hegemonia e o controle por parte dos industriais, donos do capital.

Assim, procedeu-se a uma mudança de estratégia da vigilância e atenção ao processo saúde/doença do trabalhador, incluindo profissionais não médicos para pensar sobre a manutenção da saúde e a garantia da força de trabalho, na perspectiva de intervir nos locais de trabalho e controlar os riscos ambientais.

A resposta, racional, 'científica' e aparentemente inquestionável traduz-se na ampliação da atuação médica direcionada ao trabalhador, pela *intervenção* sobre o *ambiente*, com o instrumental oferecido por outras disciplinas e outras profissões. A 'Saúde Ocupacional' surge, sobretudo, dentro das grandes empresas, com o traço da multi e interdisciplinaridade, com a organização de equipes progressivamente multi-profissionais, e a ênfase na higiene 'industrial', refletindo a origem histórica dos serviços médicos e o lugar de destaque da indústria nos países 'industrializados'. (MENDES & DIAS, 1991. p. 343).

Essa nova abordagem deveu-se também à influência das escolas de saúde pública, locais que já estudavam a relação entre saúde e trabalho. Tais estudos foram mais intensos nos Estados Unidos.

No Brasil, esses estudos foram iniciados tardiamente e, na vertente acadêmica, a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo criou a "Área de Saúde Ocupacional", dentro do Departamento de Saúde Ambiental. (MENDES & DIAS, 1991. p. 344).

A atuação dos profissionais da "saúde ocupacional" deu-se na mesma lógica da "medicina do trabalho" cuja orientação é em relação à doença já instalada. Mantinha-se, portanto, o objetivo inicial - a manutenção da mão de obra trabalhadora nos processos de produção e garantia do lucro. Sua principal

estratégia tinha como perspectiva modificar o comportamento dos trabalhadores e seu "*modus vivendi*".

Em meados dos anos sessenta, a insatisfação dos trabalhadores tornou-se mais evidente e os movimentos sociais mais revigorados em todo o mundo. Os sindicatos ampliaram suas discussões acerca das condições de trabalho e direitos dos trabalhadores, que agora estavam organizados enquanto classe trabalhadora.

Assim, reivindicavam por seus direitos, questionavam "o sentido da vida, o valor da liberdade e puseram em xeque o lado "sagrado" e "místico" do trabalho - cultivado no pensamento cristão e necessário na sociedade capitalista." (MENDES & DIAS, 1991. p. 345).

Nesse contexto temos uma nova configuração da questão social. O surgimento de novas tecnologias reconfiguram os processos de organização do trabalho e introduz novos riscos e agravos à saúde do trabalhador; estes, com a consciência mais alargada, questionam os valores fundantes da sociedade do capital.

Esse movimento culmina na participação dos trabalhadores na discussão e criação de políticas públicas que repercutem em importantes mudanças na legislação trabalhista, na saúde e segurança dos trabalhadores, mas também garantem a reprodução da estrutura de classe e crescimento do capitalismo, agora já não tão dependente da mão de obra produtiva, como no passado, mas da mão de obra capaz de "gestos mecânicos que se repetem constantemente" (WEIL, 1996. p. 146) para operar as máquinas cada vez mais "independentes".

Máquinas que, à revelia do homem trabalhador, ditam o ritmo e o tempo para sua operacionalização, que nas palavras de Weil se trata de "um método para se fazer trabalhar, mais do que um método para se trabalhar melhor". (WEIL, 1996. p. 146).

Assim, diante do cenário da automação e da informatização, valorizado e considerado como sendo "a ciência a serviço do homem", vemos a ciência com o objetivo de calcular a otimização da produção com um número cada vez mais reduzido de trabalhadores. Ainda segundo Weil (1996), "pode-se dizer que houve uma segunda revolução industrial. A primeira se define pela

utilização científica da matéria inerte e das forças da natureza. A segunda se define pela utilização científica da matéria viva, isto é, dos homens." (WEIL, 1996. p. 136).

Essas profundas transformações acarretaram novas configurações da organização do trabalho, reeditando o taylorismo com novas roupagens e "vigor redobrado", que, segundo Mendes & Dias, "se dá através de dois de seus princípios básicos: o da primazia da gerência (via apropriação do conhecimento operário e pela interferência direta nos métodos e processos), e o da importância do planejamento e controle do trabalho." (MENDES & DIAS, 1991, p. 5).

Segundo Minayo-Gomez & Thedim-Costa, a saúde dos trabalhadores se manifesta no Brasil,

(...) no âmago da construção de uma sociedade democrática, da conquista de direitos elementares e de cidadania, da consolidação do direito à livre organização dos trabalhadores. Envolve, especificamente, o empenho tanto de setores sindicais atuantes frente a determinadas situações mais problemáticas das suas categorias, quanto ações institucionais em instâncias diversas conduzidas por profissionais seriamente comprometidos em sua opção pelo pólo trabalho. (MINAYO-GOMEZ & THEDIM-COSTA, 1997, p. 5).

Assim, especialmente a partir dos anos 80, mais especificamente com a Constituição de 1988, os avanços na saúde do trabalhador são inegáveis. Mas podemos observar que, na prática cotidiana, os trabalhadores continuam a se deparar com os modelos da medicina do trabalho e da saúde ocupacional.

Segundo Mendes & Dias, o campo "Saúde do Trabalhador" é

"(...) um campo em construção no espaço da *saúde pública*. Assim, sua descrição constitui, antes, uma tentativa de aproximação de um objeto e de uma prática, com vistas a contribuir para sua consolidação enquanto área.

O objeto da saúde do trabalhador pode ser definido como o *processo saúde e doença* dos grupos humanos, em sua relação com o trabalho." (MENDES & DIAS, 1991. p. 347)

A política social, que visa garantir e promover a saúde do trabalhador, mantém o viés do capital e, embora haja uma luta incessante por parte de

vários setores da sociedade para garantir a saúde e as condições de trabalho do trabalhador, estamos diante de uma sociedade consumidora e despossuída dos valores de humanidade. E concordamos com Marx quando diz que "A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento do valor do mundo das coisas." (MARX, 1979, p.90).

## **1.2. Taylorismo<sup>3</sup>, fordismo<sup>4</sup>, toyotismo<sup>5</sup> - Regimes aceitáveis pelos trabalhadores<sup>6</sup>?**

Quando pensamos nas transformações no mundo do trabalho, faz-se necessário abordar o fordismo-taylorismo-toyotismo como marcos de transformação. Não é incomum pensarmos esses três modelos como mudanças sequenciais restritos às relações inerentes ao trabalho ou no interior das instituições de trabalho.

Entendemos que tais modelos não são estáticos e sequenciais, mas que se superam e se reinventam. A mundialização do capital os entrelaçou como tramas de uma urdidura que definem não somente as relações nos espaços de trabalho, mas, igualmente, as relações sociais e seus valores orientadores. Em essência, um mesmo motor os move.

Essa trama foi, desde sua origem, imposta ao trabalhador à custa de muitas vidas e de muitas revoltas. Não só promoveu a divisão social do trabalho nos processos produtivos, mas fragmentou o trabalhador em todas as dimensões do ser social e, em consequência, restringiu sua capacidade de reconhecer a dimensão e complexidade dessa teia de relações.

Concordamos com Weil que "uma opressão evidentemente inexorável e

---

<sup>3</sup> Para maior aprofundamento ver:

TAYLOR, Frederick Winslow. *Princípios de Administração Científica*. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. 8a. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão/seleção e apresentação* Ecléa Bosi. 2a. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

<sup>4</sup> Para maior aprofundamento ver: FORD, H. *Os princípios da prosperidade*. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1967.

<sup>5</sup> OHNO, T. *O Sistema Toyota de Produção: além da produção em larga escala*. Trad. Cristina Schumacher. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

<sup>6</sup> Para melhor compreensão do imbricar dos três sistemas de produção com conseqüências danosas ao trabalhador, ver *Batista, Érika*. *A Dialética da Reestruturação Produtiva: a Processualidade entre Fordismo, Taylorismo e Toyotismo*. Aurora, Marília, v. 7, n. 2, p. 17-34, Jan.-Jun., 2014.

invencível não gera, como reação imediata, a revolta, mas a submissão." (WEIL, 1996, p. 108).

Contraditoriamente, o trabalhador absorveu, na intimidade de seu ser, os preceitos ditados pela lógica desses sistemas. Dizemos, contraditoriamente, porque o trabalhador aceitou o que o aniquila enquanto ser total, indiviso, porque absorveu o modo capitalista de pensar não sendo capaz, portanto, de estranhá-lo, de contestá-lo. E ainda com Weil, "é preciso dizê-lo, todos nós sofremos uma certa deformação decorrente de nossa vida na atmosfera da sociedade burguesa, e até nossas aspirações em prol de uma sociedade melhor trazem a sua marca." (WEIL, 1996, p. 137).

Weil diz que os trabalhadores, quando em greve, entregam aos militantes a tarefa de estudar os pormenores das reivindicações, não porque não estão interessados, mas porque não conseguem encontrar dentro de si a coragem de estudá-las. É que "a ruga da passividade contraída cotidianamente, durante anos, não se perde em alguns dias." (WEIL, 1996, p. 108).

As chamadas teorias organizacionais refletem os modelos produtivos em questão e funcionam como formas ideológicas do controle social do capital, portanto extrapolam o espaço de trabalho. Uma vez que a força de trabalho também se reproduz material e subjetivamente fora do campo organizacional – nas esferas familiar, escolar, afetiva, religiosa, militante e demais campos de socialização – leva consigo a racionalidade que determina sua atuação na esfera do trabalho, daí a necessidade de se ressaltar o caráter social destas formas. (BATISTA, 2014, p. 20).

A nosso ver, essa naturalização se deu tendo em vista que os preceitos dos modelos fordista-taylorista-toyotista foram inteligentemente projetados, articulados e inspirados no interior das fábricas, junto aos trabalhadores naquilo que lhes era mais familiar, o chão da fábrica. E fora propagado como uma valorização dos mesmos, como nas palavras de Taylor: "Ninguém ousará negar que o indivíduo atinge sua maior prosperidade, isoladamente, quando alcança o mais alto grau de eficiência, isto é, quando diariamente consegue o máximo rendimento." (TAYLOR, 1990, p. 25).

Ou como nas palavras de Ohno, "A mente industrial extrai conhecimento do pessoal da fabricação, dá conhecimento às máquinas que funcionam como

extensões das mãos e dos pés dos operários, e desenvolve o plano de produção para toda a fábrica, incluindo as firmas cooperantes externas." (OHNO, 1997, p.65).

Partilhamos com Weil que a racionalização do ponto de vista da produção surge como um aperfeiçoamento desta, mas, "se assumimos o ponto de vista do operário, o estudo da racionalização faz parte dum enorme problema, o problema de um regime aceitável para os trabalhadores." (WEIL, 1996, p. 136).

Um regime aceitável, que fragmenta e atrofia a inteligência do trabalhador, pois "a inteligência que só sabe separar, fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, (...) unidimensionaliza o multidimensional, atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando assim as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo." (MORIM, 2003, p. 14).

A hegemonia desses modelos ocorreu tendo em vista que o fator inicial - o poder de controlar o corpo do trabalhador para a manutenção da ordem produtiva - foi apenas transfigurado com a roupagem da "disciplina dos corpos", ou seja, uma técnica de disciplina que tem o poder de assujeitar e docilizar o trabalhador. Assujeitá-lo ao ritmo das máquinas, ao ritmo do consumo, ao ritmo do esquecimento de si e do outro, na alienação e exacerbamento do individualismo.

Essa disciplina do corpo, segundo Foucault, "dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma 'aptidão', uma 'capacidade' que ela procura aumentar; e inverte por um lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dele uma relação de sujeição estrita." (FOUCAULT, 1987, p.165)

Essa sujeição ocorreu paulatinamente e a lógica do capital foi absorvida pelo trabalhador em sua mente, em seus gestos e movimentos, em seus sonhos e, por fim, em sua alma.

A alienação advinda da "disciplinagem dos corpos" funciona como um entorpecimento da consciência, antes de ser um entorpecimento no corpo do trabalhador. Um entorpecimento que tira dele sua condição de pertencer, sua condição de se apropriar e saber de si. Não que ele não o saiba, mas que, mesmo conhecendo seus anseios, seus sonhos, não pode acessá-los, pois uma força invisível lhe mutilou a condição de pertencimento.

Nosso entendimento é que o poder desse sistema se dá em função dessa mutilação, invisível aos olhos, mas revelada nas questões sociais, traduzidas em desemprego, analfabetismo funcional, desqualificação profissional, no não acesso à educação, dentre outras manifestações da questão social.

Emile Zola, em seu livro *Germinal*, apresenta-nos uma cena comovente, numa situação de greve dos operários de uma mina. Mostra a condição de vida de uma trabalhadora que resolvera “furar” o movimento grevista, retornando ao trabalho. Ela perdera a honra. Depois de seduzida e abusada por um dos capatazes da Mina, perdera o pai que lutava na linha de frente do movimento grevista dos operários.

A personagem resolveu atender ao chamado da fábrica para retorno ao trabalho. O prêmio era a não punição dos trabalhadores. Zola desvenda nossos olhos e nos mostra que pequenos sonhos de humanidade não podem ser realizados porque o homem já não se pertence, mas a um sistema que o engoliu.

És tu? Estás sentindo alguma coisa? — perguntou em voz baixa.  
Ninguém respondeu, o ressonar dos outros continuava. Durante cinco minutos nada se mexeu, depois houve um outro estalido. E agora, seguro de não ter sonhado, atravessou o quarto, estendeu os braços para as trevas, tocando na cama da frente. Foi grande a sua surpresa ao encontrar a moça sentada, com a respiração suspensa, acordada e à espera.

— Por que não respondes? Que estás fazendo?

Ela acabou por dizer:

— Estou-me levantando.

— Levantando a esta hora?

— É isso mesmo, vou trabalhar.

Comovido, Etienne teve de se sentar na borda da enxerga, enquanto Catherine explicava-lhe as razões do seu gesto. Sofria muito de viver assim, sem fazer nada, sentindo sobre si os eternos olhares de censura; preferia correr o risco de ser maltratada por Chaval lá na mina. E, se a mãe não aceitasse seu dinheiro, não havia de ser nada, já estava bastante adulta para viver sozinha e fazer sua comida.

— E agora vai, quero vestir-me.

E não digas nada, hem? Sê bom.

Mas ele ficou onde estava e tomou-a pela cintura, numa carícia de tristeza e pena. Em camisola, apertados um ao outro, sentiram o calor de sua pele nua, à beira daquela cama tépida do sono da noite. O primeiro movimento dela fora afastar-se, depois pôs-se a chorar baixinho, agarrando-o pelo pescoço para mantê-lo contra si, num abraço desesperado. E ficaram assim, sem outro desejo, com o passado dos seus amores infelizes, que não tinham podido satisfazer. Estava então tudo acabado, não ousariam amar-se um dia, agora que eram livres? Um pouquinho de felicidade seria o bastante para dissipar sua vergonha, esse mal-estar que os impedia de seguirem

juntos, em razão de uma infinidade de idéias, que nem eles mesmos sabiam o que era.

— Vai deitar-te

— murmurou ela.

—Não quero acender a luz para não acordar mamãe... Já está na hora, vai...

Mas ele não escutava, abraçava-a desesperadamente, o coração imerso em profunda tristeza. Uma necessidade de paz, um invencível desejo de ser feliz invadia-o. E via-se casado, numa casinha limpa sem outra ambição do que a de viverem e morrerem assim, juntos. Só pão lhe bastaria; e, mesmo que houvesse apenas para um, esse pedaço seria para ela. Para que mais? A vida valeria mais que isso? (ZOLA, p. 358).

Marx e Engels já nos chamam a atenção, no “Manifesto do Partido Comunista”, para as mudanças que a sociedade burguesa, movida pela necessidade do lucro, provocará no mundo contemporâneo com a internacionalização e interdependência dos mercados, uma vez que o movimento de crescimento e expansão é intrínseco ao capitalismo.

(...) Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte.

Pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países.

(...) As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, indústrias que não empregam mais matérias primas autóctones, mas sim matérias-primas vindas de regiões mais distantes, e cujos produtos se consomem não somente no próprio país mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades, que reclamam, para sua satisfação, os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material como à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal (MARX e ENGELS, 1968, p.26-7).

Podemos considerar que, inicialmente, o capitalismo centrava-se na produção e criação de mais valia para alcançar seus objetivos. Com a globalização, centra-se numa nova modalidade de acumulação de capital, através de atividades especulativas do mercado financeiro. “As marcas desse

novo cenário são a aceleração da automação da produção somada à agilização dos processos de comunicação, os quais possibilitam afetar de forma imediata o mercado financeiro.” (PIRES e REIS, 1999, p. 31).

Ainda segundo os autores, “outra marca do estágio do capitalismo atual, globalizado, diz respeito à hegemonia das ideias neoliberais. A dimensão político - ideológica deste atual momento do capitalismo é a associação globalização/neoliberalismo.” (PIRES e REIS, 1999, p. 31).

O neoliberalismo nasceu após a II Guerra Mundial (...) na região da Europa e da América do Norte onde imperava o capitalismo. Seu nascimento se deu como uma “reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar.” (ANDERSON, 1995, p. 09).

Seus idealizadores, dentre eles, Friedrich Hayek, seu principal pensador e defensor, defendiam a não limitação dos mercados, por parte do Estado, pois consideravam que tal intervenção era “uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política.” Em 1947, Hayek fundou, juntamente com outros que partilhavam de sua orientação ideológica, a “Sociedade de Mont Pèlerin”, que tinha como uma de suas metas preparar as bases de um outro tipo de capitalismo, duro e livre de regras para o futuro. Orquestravam a ideia de que o Estado de bem-estar era nefasto para a “liberdade dos cidadãos e a vitalidade da concorrência”, e que era a concorrência que gerava a prosperidade de toda a sociedade. Orquestravam ainda que a desigualdade social era positiva para garantir o desenvolvimento econômico. (ANDERSON, 1995, p. 09).

Com a crise de 1973, as ideias neoliberais ganharam força. Segundo Hayek e seus companheiros,

os motivos da crise estavam localizados no poder excessivo e nefasto dos sindicatos e, de maneira mais geral, do movimento operário, que havia corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicativas sobre os salários e com sua pressão parasitária para que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais. (ANDERSON, 1995, p. 10).

Estamos assim diante do cenário do Estado mínimo, que se retira de suas obrigações para com os cidadãos como regulador das relações sociais e passa a responder as demandas do mercado. Para isso, portanto, era preciso

um Estado forte, capaz de intervir na economia na perspectiva de garantir o modelo de acumulação neoliberal e frear as manifestações sociais cuja expressão se dava através dos sindicatos.

O remédio, então, era claro: manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa “natural” de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos. Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis, para incentivar os agentes econômicos. Em outras palavras, isso significava reduções de impostos sobre os rendimentos mais altos e sobre as rendas. (Anderson, 1995, p. 10).

Reafirmamos essa lógica com Iamamoto que nos chama a atenção para o processo de mundialização do grande capital que, para driblar a crise, internacionalizou os meios de produção, internacionalizou os mercados e, em consequência, ampliou o abismo da desigualdade social. E afirma que, "nesses tempos orquestrados pelo grande capital financeiro, a generalização de seus fetichismos alastra-se em todos os poros da vida social: impregna a sociabilidade e impulsiona um profundo desmonte das conquistas civilizatórias dos trabalhadores." (IAMAMOTO, 2008, p.118).

Carvalho e Netto recordam que na primeira metade do século XX houve uma virada significativa das estruturas e relações sociais de dominação, chamada de revolução passiva da classe dominante que, ameaçada em seu poder, fez uma nova tessitura a partir de suas teias mais fortes, o fordismo e o americanismo<sup>7</sup>. Aproveitam da própria crise do movimento operário, agindo para subjugar e dominar ainda mais o proletariado. O capitalismo revolucionou "suas próprias bases materiais e políticas oferecendo às outras classes uma nova perspectiva." (CARVALHO E NETTO apud THERBON, 1981, p.32).

---

<sup>7</sup> Sobre o americanismo: O modelo fordista foi recebido, no mundo, como o *american way of life* no final da Segunda Guerra Mundial, fundado no hedonismo – na busca da felicidade por meio do aumento do consumo como uma meta a ser alcançada. (MERLO e LÁPIS, 2007, p. 65).

Ainda segundo Carvalho & Netto, essa revolução passiva possibilitou a passagem de um “capitalismo individualista, selvagem para um capitalismo “planificado, transnacional e monopolista”. O Estado expandiu suas funções ao assumir a mediação entre capital e trabalho. Além de “(...) 'produzir maior equidade social', expande a demanda de consumo de bens produzidos pelo sistema capitalista e difunde a uniformidade de consumo de massa." (CARVALHO e NETTO. p. 32).

### **1.3. Administração Pública Gerencial inspirada no Toyotismo**

Em 1973 houve uma aguda crise do petróleo, seguida de acentuada recessão que afetou a economia de todo o mundo. Nesse mesmo ano o "Sistema Toyota de Produção" ou "Sistema de Produção Enxuta" foi mundialmente reconhecido. Desde então, vem sendo cada vez mais implementado em empresas de todo mundo com o objetivo de maximizar o desempenho, a competitividade, os processos produtivos; reduzir perdas e custos, além de melhorar a qualidade e aparência dos produtos.

"Este sistema de produção representa um conceito em administração que funcionará para qualquer tipo de negócio" e sua base "é a absoluta eliminação do desperdício." São dois os pilares que o sustentam: "Just in time e automação ou automação com um toque humano." (OHNO, 1977, p. 25/30).

Just in time significa que, em um processo de fluxo, as partes corretas necessárias à montagem alcançam a linha de montagem no momento em que são necessários e somente na quantidade necessária e na automação com um toque humano, a chave está em dar inteligência à máquina e, ao mesmo tempo, adaptar o movimento simples do operador humano, às máquinas. (OHNO, 1977, p. 25).

Ohno, idealizador do Sistema Toyota, assim como Ford e Taylor, retirou suas ideias no cotidiano de trabalho. Segundo ele, a produção de um veículo tem um longo processo e esse longo processo, como foi percebido no modo de produção da Ford, gera, dentre outras coisas, desperdício. Assim, ele diminuiu o processo, dividindo-o e passando parte dele para terceiros, que deveriam manter a mesma lógica de produção. A fábrica Toyota permaneceu, dessa forma, com a parte nuclear do processo de produção.

Os resultados desses processos acima descritos atingiram seus objetivos e ele cita com entusiasmo que "A mente industrial extrai conhecimento do pessoal da fabricação, dá o conhecimento às máquinas, que funcionam como extensões das mãos e pés dos operários, e desenvolve o plano de produção para toda a fábrica, incluindo as firmas cooperantes externas."

Ainda segundo Ohno, esse Sistema possibilitou que nas fábricas houvesse "um operador, muitos processos" o que gerou redução da mão de obra e, conseqüentemente, o lucro. Possibilitou a eficiência, que implica em redução de custo, pois "o lucro só pode ser obtido com a redução de custos". (OHNO, 1977, p. 30/65).

Uma das inspirações de Ohno, segundo ele mesmo diz, foi observar os esportes. No Japão,

a competição é tradicionalmente individual como na lutas de sumô, e judô (...) na verdade, no Japão nós não 'competimos' nestas atividades e sim, 'procuramos o caminho e o estudamos' com devoção. Essa abordagem tem sua analogia no local de trabalho onde a arte do artesão individual é totalmente valorizada. (Grifo nosso) (OHNO, 1977, p. 42).

Com a chegada dos esportes competitivos do Ocidente, no Japão, Ohno amplia suas analogias. Cria o trabalho em equipe cuja responsabilidade é de cada trabalhador e ao mesmo tempo de todos, para que o processo se efetive com precisão e eficiência.

Aqui faremos uma reflexão acerca desse Sistema no que diz respeito a ser inspirado, idealizado, dentre outras coisas, nas lutas japonesas que, como Ohno diz, não são competições, mas *a busca do caminho, com devoção*. Algo que faz parte da ontologia do ser é transferido para o processo de produção e aí é naturalizado como se desse fizesse parte, como inerente ao processo de trabalho.

Desse modo, a dimensão ontológica do ser trabalhador é ceifada de maneira sutil, pois é retirada do cotidiano de sua vida no trabalho e na cultura, naquilo que lhe é caro e familiar. Seu saber é transferido para o modo de produção e organização do trabalho, sem que o trabalhador se dê conta das conseqüências dessa transmutação.

O que todas essas teorias têm em comum, nas várias ciências - economia, história, biologia, geologia -, é o conceito de processo, virtualmente desconhecido antes da era moderna. Como a descoberta dos processos pelas ciências naturais coincidiria com a descoberta da introspecção na filosofia, é bastante natural que o processo biológico existente dentro de nós tenha se tornado, afinal, o modelo do novo conceito, dentro da estrutura das experiências dadas à introspecção, não conhecemos outro processo senão o processo vital dentro dos nossos corpos, e a única atividade que lhe corresponde e na qual podemos traduzi-lo é a do trabalho. (ARENDR, 2014, p. 143).

Entendemos assim que o modo de assimilação da categoria trabalho pelos trabalhadores ultrapassa o espaço do trabalho e se estende para todos os espaços de sua vida e há aí uma inversão, a nosso ver. Não é o trabalhador quem define seu modo de vida, mas seu trabalho é que o guia para *a vida que deve ter*. Sua consciência não é a de um ser ontológico, mas de um ser reduzido de sua dimensão total.

Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência". (...) o próprio Marx, (...) afirma, por um lado, que a superestrutura "correspondem formas determinadas de consciência social" e, por outro, que "o modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo social, político e espiritual da vida. (MARX apud LUKÁCS, 2012, p. 214).

Fizemos essa breve incursão no toyotismo para adentrarmos também, brevemente, na "teoria geral da administração". Segundo Bresser-Pereira (1998), na década de 80, após a crise de endividamento internacional, o "ajuste estrutural" foi tema da mais alta relevância nas discussões acerca das políticas públicas de todo o mundo, "em termos mais analíticos, o ajuste fiscal e as reformas orientadas para o mercado."

Nos anos 90, o ajuste estrutural foi mantido e as discussões/ações se deslocaram "para a reforma do Estado, particularmente para a reforma administrativa. A questão central hoje é como reconstruir o Estado - como redefinir um novo Estado em um mundo globalizado." Ou seja, "uma (...) reforma administrativa que torne o serviço público mais coerente com o capitalismo contemporâneo." (BRESSER-PEREIRA, 1998. p. 21/ 23).

Tal reforma ancorou-se nas mudanças fundamentais no mundo capitalista, especialmente nos princípios do Sistema Toyota de produção que

"revela sua força como um sistema gerencial adaptado à era atual de mercados globais (...) e representa um conceito em administração que funcionará para qualquer tipo de negócio." (OHNO, 1997, p. 01/30).

Segundo Lazzareschi, no cenário da globalização - que consolidou essa lógica organizacional pautada no Just-in-time/kanban, que pauta a produção pela demanda e põe fim aos estoques - as empresas estiveram na busca de institucionalizar novas relações de trabalho, caracterizadas pela precarização, como "a terceirização, a subcontratação, o contrato temporário de trabalho, banco de horas, jornada parcial de trabalho, contrato de prestação de serviços, trabalho em domicílio, etc., sempre prejudiciais ao trabalhador;" (LAZZARESCHI, 2015. P. 87).

Esse sistema gerencial é não só adaptado à era atual, como dissemos, mas potencializado, conforme Batista nos revela, pela composição dos três modelos.

"A partir da composição de modelos organizacionais como o fordismo, taylorismo e toyotismo formou-se um modelo híbrido de gerenciamento de recursos e força de trabalho, que por sua vez tem sido aperfeiçoado pela TGA (Teoria Geral da Administração) nas últimas décadas, dando origem a novos discursos organizacionais, (...) para o século XXI." (BATISTA, 2014, p. 32).

Em se tratando do Brasil, a reforma administrativa pública gerencial cujos preceitos são os da eficiência, qualidade na prestação de serviços públicos e redução de custos, foi iniciada nos anos 80 e se deveu tanto a fatores internos quanto a fatores externos, como o desenvolvimento tecnológico e a globalização. Essas mudanças provocaram a redefinição dos padrões e funções do Estado, obedecendo a ordem do privado.

Diniz defende que não podemos ter um olhar reducionista para essa tão complexa questão, como restringi-la aos fatores externos, pois conjugam-se a esses inúmeros fatores internos. (Diniz, 1996, p. 7/8).

E, de acordo com Santos, os fatores exógenos que se destacam são "os choques de petróleo de 1973 e 1979/80 e a conseqüente crise da dívida externa em decorrência das altas taxas de juros internacionais que passam a ser praticadas pelos países industrializados importadores de petróleo." (SANTOS, 1996, p. 4).

Segundo Bresser-Pereira, a reforma se deu "como uma estratégia para reduzir o custo e tornar mais eficiente a administração dos (...) serviços que cabiam ao Estado, (...) sem contudo perder a característica específica que a faz ser administração pública: uma administração que não visa ao lucro, mas à satisfação do interesse público." (BRESSER-PEREIRA, 1998. p. 27/28).

Compreendemos que muitos poderiam ser os aspectos abordados à reforma administrativa, mas optamos por escolher um aspecto que, no nosso entendimento, segue uma linha de raciocínio escolhida por nós nessa pesquisa<sup>8</sup>.

Realçamos assim, como valores orientadores da reforma administrativa no Brasil, dentre outros, a *produtividade, eficiência, eficácia, competitividade, descentralização*, acompanhados por um tecnicismo que, a nosso ver, promove relações assépticas tanto entre as pessoas que trabalham quanto em relação à organização do trabalho. Esses valores orientam o Sistema de Produção Enxuta, como vimos acima.

A valorização do saber técnico e da racionalidade da ordem econômica, aspectos considerados intrinsecamente superiores à racionalidade da instância política, conduziram a uma visão asséptica da administração pública, percebida como campo de competência exclusiva de uma elite acima do questionamento da sociedade ou da classe política. (DINIZ, 2001, p. 17).

Toda essa lógica, aqui sucintamente demonstrada, acarreta, dentre outras coisas, a redução de gastos com os serviços públicos com princípios de acesso universal e gratuitos que representam, segundo essa mesma lógica, gastos excessivos e abusivos por parte do Estado.

---

<sup>8</sup> Para maior aprofundamento sobre as reformas da administração pública, ver:

- RIBEIRO, Livia Maria de Pádua, PEREIRA, José Roberto, BENEDICTO, Gideon Carvalho de. *As Reformas da Administração Pública Brasileira: Uma Contextualização do seu Cenário, dos Entraves e das Novas Perspectivas*. XXXVII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, RJ. 2013.
- DINIZ, Eli. Governabilidade, governance e reforma do Estado: considerações sobre o novo paradigma. *Revista do Serviço Público* Ano 47 Volume 120 Número 2 Mai-Ago 1996.

\_\_\_\_\_ Globalização, reforma do Estado e teoria democrática. São Paulo em PERSPECTIVA, 15(4) 2001.

Um dos fatores responsáveis pelo fraco poder infraestrutural foi a corrosão da capacidade de o Estado realizar suas funções básicas e intransferíveis, como a garantia da ordem e da segurança públicas, e ainda assegurar condições mínimas de existência para amplas parcelas da população, localizadas nas faixas mais pobres. Sob o impacto das crises fiscal e política, e como resultado da primeira onda de reformas liberais inspiradas no corte de gastos e de pessoal, aprofundou-se de forma expressiva a incapacidade histórica de o Estado penetrar no conjunto do território nacional e incluir, em seu raio de ação, os diferentes segmentos da sociedade, garantindo de forma universalista o acesso aos serviços públicos essenciais, nas áreas de saúde, educação e saneamento básico, bem como eficácia de seus ordenamentos legais. (DINIZ, 2001, p. 19).

Assim, vemos o cenário da minimização dos gastos sociais que incidirá na redução dos serviços e atendimentos públicos e consequente redução de pessoal com o intuito de implementar e garantir os novos princípios da administração pública. Princípios esses que visam, como dissemos acima, manter o serviço público mais coerente com o capitalismo contemporâneo.

Entendemos que muito teríamos a ampliar em torno desse tema, porém interessa-nos, neste momento, apenas apontar sua problemática e suas consequências, à guisa de ser luz para nossa reflexão.

#### **1.4. Os trabalhadores públicos e a nova realidade de trabalho**

Abordaremos neste tópico alguns aspectos da reforma administrativa no Brasil e seus significados para os trabalhadores públicos.

A reforma de que tratamos é chamada de "a quarta reforma gerencial do Estado no Brasil". Carregada da ideologia neoliberal, iniciou-se no Governo Collor e defendia a implementação do "Estado mínimo", que iniciou com o enxugamento da máquina pública. Faz-se importante realçar que tais ideias

foram advindas do Consenso de Washington (...) originado em 1989 após uma conferência realizada em Washington nos Estados Unidos com representantes do governo estadunidense, economistas de diversos países, funcionários dos organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial. Nessa conferência os participantes chegaram a um consenso de que o funcionamento da economia deveria ser entregue às leis de mercado. O resultado foi um receituário de dez medidas (...) para atenuar a crise econômica dos países da América Latina. (PAES DE PAULA, 2005a).

Essa reforma, segundo (ALVES, 2009), acarretou importantes alterações na dinâmica da economia brasileira e, em consequência, no modo de ser do mercado de trabalho. O Brasil fez-se submisso ao processo de mundialização do capital e adotou políticas neoliberais, submetendo o país à lógica da financeirização ditada pelo capitalismo global. Isto levou o país a se submeter à “ditadura dos credores” cujo foco era a estabilização monetária com

impactos perversos no crescimento da economia, e, por conseguinte, no mercado de trabalho (a degradação do metabolismo social do trabalho e, portanto, a “tessitura de uma sociabilidade constrangida”, expressou-se, (...) nos indicadores sócio estatísticos do crescente desemprego total, na expansão dos contratos precários, na queda dos rendimentos médios do trabalho e na perda de referentes coletivos). (ALVES, 2009, p. 173).

Segundo o mesmo autor, com a lógica da mundialização do capital e consequente instauração da política econômica neoliberal, há a inibição do crescimento e do investimento interno, o que acarreta a paulatina degradação do mercado de trabalho.

Tal reforma teve continuidade nos governos seguintes, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso - FHC e tinha como orientação "adaptar e transferir os conhecimentos gerenciais desenvolvidos no setor privado", bem como sua lógica, "para o setor público". (RIBEIRO, PEREIRA e BENEDICTO, 2013. p. 6-9).

O primeiro mandato do FHC caracterizou-se pela busca de uma administração pública chamada de “eficiente e de qualidade” e, para alcançar seu objetivo, "repassa à iniciativa privada o que esta pode executar sob o seu controle." (RIBEIRO, PEREIRA e BENEDICTO, 2013. p. 6-9)

O segundo mandato, segundo Rezende, "acabou focando no ajuste fiscal ao invés do redesenho institucional do Estado." (REZENDE, 2004. *Apud*, RIBEIRO, PEREIRA e BENEDICTO, 2013. p. 8). Além disso, representou uma "gestão autoritária e centrada nas decisões dos burocratas públicos." (RIBEIRO, PEREIRA e BENEDICTO, 2013. p. 6-9).

Diante do cenário mundial, com a globalização da economia, os incrementos tecnológicos e influências internacionais "da Nova Administração Pública e da Nova Gestão Pública, emerge o gerencialismo no Brasil." O

Estado se retira da responsabilidade direta pelo desenvolvimento econômico e social e passa a "se fortalecer na função de promotor e regulador." Esse deslocamento acarretou a transferência de vários serviços públicos para a iniciativa privada. (RIBEIRO, PEREIRA e BENEDICTO, 2013. p. 7).

Os dois mandatos do Governo Lula seguiram reproduzindo o modelo gerencial. Embora a expectativa fosse de efetiva participação social, esta foi realizada de maneira fragmentada, no que pese ter agregado "em seus projetos maior ênfase a programas sociais e inclusão social". (KLERING, PORSSE; GUADAGNIN, 2010. *Apud* RIBEIRO, PEREIRA e BENEDICTO, 2013. p. 9).

Segundo os mesmos autores, tanto a administração do Governo FHC, quanto de Lula, se ancorou no modelo sistêmico, também conhecido como "governança pública" cuja característica é a estruturação em rede na busca de "uma integração com a iniciativa privada, entidades e sociedade civil," no entendimento de que as ações conjuntas são mais efetivas em comparação com as formas isoladas. Esse modelo pressupõe a participação social e a "integração de ações entre o governo federal, estadual e municipal, proporcionando uma troca de informações, conhecimentos e tecnologia."

Na avaliação dos autores, "o modelo sistêmico também não está consolidado, pois, no cenário brasileiro, um ou outro programa realiza essa integração em rede, além disso, falta uma institucionalização dessa arquitetura das ações administrativas mencionadas na vertente sistêmica." (KLERING, PORSSE; GUADAGNIN, 2010. *Apud* RIBEIRO, PEREIRA e BENEDICTO, 2013. p. 9-11).

Nosso entendimento quanto a essa questão é que buscou-se uma forma socialmente justificada, uma vez que ancorada em modelos vigentes internacionalmente. Perguntamos-nos novamente da semelhança de tais modelos com o "Sistema Enxuto de Produção" em seus princípios e valores norteadores.

Ora, o "modelo sistêmico" ou de "governança" pressupõe a participação social. Já aí entendemos que há uma falácia. Como pretender a participação social num sistema cujo valor orientador é a prosperidade no isolamento e cujo trabalho em equipe é transfigurado no somatório da força máxima do

trabalhador isolado, na busca de uma realização, de uma meta, meta essa que está fora do Si e que não atinge a ontologia de Ser trabalhador?

Nosso entendimento é que essa proposta de reforma é uma reatualização dos primórdios das ações do Estado em garantir a primazia da burguesia com arranjos que camuflam tal intenção.

Tal entendimento, no entanto, devido às limitações e objetivos desse estudo, não serão aprofundadas, mas julgamos relevante destacar nossa concordância com Diniz, de que a reforma implementada no Brasil "em meados anos 90 (...) revelou-se incapaz de realizar a ruptura preconizada por seus idealizadores", além de se mostrar aquém dos objetivos por eles propostos, sendo incapaz das metas estabelecidas e mostrando-se "inócua para atacar, em sua complexidade, os problemas anteriormente apontados, responsáveis pela crônica ineficácia da ação estatal." (DINIZ, 2001.p. 18).

A mesma autora aponta que, na referida reforma, há valorização de um paradigma tecnocrático que, a nosso ver, preconiza uma prática esvaziada de sentido e humanidade.

A hegemonia do pensamento neoliberal reforçou a primazia do paradigma tecnocrático, segundo o qual, independentemente do regime político em vigor, eficiência governamental seria a resultante de um processo de concentração, centralização e fechamento do processo decisório, sendo a eficácia de gestão reduzida à noção de insulamento burocrático. Desta forma, preservar a racionalidade burocrática implicaria a meta de neutralizar a política e reforçar a autonomia decisória de elites enclausuradas na cúpula burocrática. (DINIZ, 2001, p. 18).

Faz-se importante destacar que não refutamos os saberes e os recursos tecnológicos, mas as práticas e relações que se tornam assépticas, acreditando que assim alcançam seu objetivo supremo - produtividade, eficiência, eficácia, competitividade, dentre outros.

Avaliamos, portanto, que a reforma gerencial proposta no Brasil tem, em seu âmago, a proposta de um fazer automatizado e está na contramão da realização de uma verdadeira reforma que teria como objetivo uma prestação de serviço aos cidadãos e que verdadeiramente atendesse seus anseios e necessidades; sejam esses, trabalhadores ou cidadãos, que em suma, somos todos nós, seres sociais.

Outrossim, esse modelo aponta mais uma vez para a lógica do capital. Descobriu-se que “a sistematização da precariedade é uma das melhores formas de assegurar a manutenção de seus interesses.” (DURAND, 2003 *apud* Svartwan, 2011).

Por tudo isso, entendemos que os trabalhadores do setor público têm sido muitas vezes penalizados com esse novo modelo de gestão e, dentre essas muitas penalizações que enxugam os direitos dos trabalhadores, apontamos as terceirizações.

Segundo Di Pietro,

no âmbito do direito do trabalho, terceirização é a contratação, por determinada empresa (o tomador de serviço), do trabalho de terceiros para o desempenho de atividade-meio. Ela pode assumir diferentes formas, como empreitada, locação de serviços, fornecimento etc.

O conceito é o mesmo para a Administração Pública que, com muita frequência, celebra contratos de empreitada (de obra e de serviço) e de fornecimento, com fundamento no artigo 37, XXI, da Constituição, observadas as normas da Lei nº 8.666/93. Trata-se da execução indireta a que se referem os artigos 6º, VIII, e 1º.

Cada vez que a Administração Pública recorre a terceiros para a execução de tarefas que ela mesma pode executar, ela está terceirizando. (DI PIETRO, 2014, p. 261).

Antunes e Praun apontam que no Brasil, os processos de terceirização cresceram enormemente nas duas últimas décadas e se alastraram na indústria, nos serviços, na agricultura e no serviço público; atingiu não só as atividades meio, mas também as atividades fim. Em consonância com Di Pietro, os autores evidenciam que essas modalidades de terceirização implicam em condições de trabalho que burlam os direitos dos trabalhadores, além de definirem os trabalhadores como de “primeira” e “segunda” categorias, revelando a distinção ou a condição de inferioridade e desigualdade.” (ANTUNES e PRAUN, 2015, p. 420/421 e DI PIETRO, 2014, p. 261).

Assim, as terceirizações são traduzidas, dentre outros aspectos, em distintas formas de vínculos empregatícios dentro do mesmo ambiente de trabalho, como na definição de servidores públicos.

o sentido dado ao termo servidor público está restrito aos servidores ocupantes de cargo público. Essa diferenciação se torna necessária, pois o conceito de servidor público compreende, segundo Di Pietro (2010), três grupos distintos: o primeiro, dos servidores estatutários,

titulares de cargos públicos, submetidos em lei a regulamentos estabelecidos pelas unidades da Federação; o segundo, dos empregados públicos subordinados às normas da CLT e ocupantes de emprego público, e o último grupo, dos servidores temporários contratados para exercer funções por prazo determinado. (RIBEIRO e MANCEBO, 2013, p. 193).

A nosso ver, essa multiplicidade de formas contratuais é geradora de condições díspares de direitos o que, inevitavelmente, gera, entre os trabalhadores, um clima de disputa e ressentimento no cotidiano do trabalho, que, acreditamos, podem se tornar fortes fatores de adoecimento. Estas observações são referendadas por Svartman que, em suas pesquisas, conclui:

(...) os precarizados convivem com os efetivos para que as lembranças da ameaça de exclusão sejam constantemente refrescadas. Os efeitos psicológicos são evidentes: a solidariedade é interrompida ou dificultada, uma vez que os trabalhadores não se reconhecem como tendo os mesmos interesses (os terceirizados almejam a efetivação, os efetivados sentem a ameaça de substituição).

(...) A análise das biografias profissionais e de suas relações com certas características essenciais da atual organização econômica permite-nos compreender que a humilhação social é uma experiência intrinsecamente relacionada à organização capitalista da produção. (SVARTMAN, 2011, p. 228).

Na lógica da administração gerencial, imputa-se ao trabalhador as responsabilidades da ineficiência dos serviços como se destacados fossem da estrutura social. E estes, em consequência, recebem, muitas vezes, por parte da população atendida, ofensas e violências decorrentes da insatisfação com os serviços prestados. E ambos, população atendida e trabalhadores, de modo geral, particularizam e pessoalizam as amplas questões sociais que lhes cortam a carne e mancham sua dignidade de pessoas universais.

Entendemos tratar-se de questão maior da estrutura social que relega o trabalhador a uma invisibilidade social<sup>9</sup> que reforça a submissão e a degeneração do propriamente humano.

---

<sup>9</sup> Acreditamos relevante o aprofundamento quanto à questão da **invisibilidade da doença dos trabalhadores**, e portanto, desses mesmos. Não temos tempo porém para aprofundar tais pesquisas, o que faremos em outro momento. No entanto, sugerimos que sejam visitados os autores Goffman, Erving. Estigma - Notas sobre a Manipulação de Identidade Deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1982. e COSTA, Fernando Braga da. Moisés e Nice: retratos biográficos de dois garís. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. São Paulo: USP, 2008. 408

Concordamos com Costa que diz que esses processos têm a função de abafar e atenuar as tensões dos antagonismos das classes sociais (COSTA, 2008, p. 17) deixando-as opacas, o que dificulta ao trabalhador acessar sua experiência, "matéria viva", como modo único e singular de recompor as "teias de significados" que lhes permitem uma "vida de sentidos". (GEERTZ 1978, p.15; BENJAMIN, 1985, p. 221 e ANTUNES, 2009, p.31).

Nesse desalentador cenário dos serviços públicos brasileiros se inscrevem notas das mais diversas nuances, questões sociais, como desemprego, violências, adoecimentos, disputas desleais e tantas outras expressões que advêm não das reformas administrativas propostas, mas da lógica maior do sistema capitalista de produção, que nega peremptoriamente a ontologia do ser, esquecendo-se, ou melhor, desconsiderando que

(...) é preciso distinguir claramente o princípio da prioridade ontológica dos juízos de valor gnosiológicos, morais etc. inerentes a toda hierarquia sistemática idealista ou materialista vulgar. Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria com relação a outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível. (LUKÁCS, 2012, p. 213).

## 2. REFLEXÕES ACERCA DOS PROCESSOS DE ALIENAÇÃO, VIOLÊNCIAS E ADOECIMENTOS, CONSEQUÊNCIAS DOS PROCESSOS E RELAÇÕES DE TRABALHO.

"Eu não queria usar o tempo usando palavras bichadas de costumes.  
Eu queria mesmo desver o mundo."  
Manoel de Barros

Trazer ainda elementos históricos para a compreensão do processo e relações entre trabalho e adoecimento do trabalhador bem como a busca de rupturas com esse processo faz-se necessário e é uma legítima maneira de apropriarmos da construção desse estudo.

É nosso intuito fazer uma reflexão para além de uma explicação das doenças em si, construindo um nexos dessas com as histórias de trabalho e seu significado cultural, pois entendemos cultura como uma "teia de significados" tecida pelos homens e a sua análise. (GEERTZ, 1978, p.15).

Assim, entendemos que a significação desse processo é singular e também coletiva, atravessada, como já dissemos, por uma realidade social e construída como "teias de significados". O que é também referendado nas palavras de Adam & Herzlich: "(...) o modelo explicativo do doente não é somente uma tradução: a significação da doença faz parte da própria realidade e a modela". (ADAM & HERZLICH, 2001. p. 74).

Entendemos que o modo de pensar determina o modo de fazer e este potencializa o modo de pensar como num movimento circular. Concordamos com Iamamoto que diz que "o modo capitalista de produzir" pressupõe um "modo capitalista de pensar", ou seja, uma expressão da ideologia dominante que estrutura a reelaboração das bases ideológicas e sociais de sustentação do capitalismo, "a partir do modo de produzir a riqueza material, da reprodução do modo de vida instituído pelo capital." (IAMAMOTO, 1983 p. 107/108).

Ainda segundo a mesma autora, é imprescindível que haja "um mínimo de unidade na aceitação da ordem do capital pelos membros da sociedade para que ela sobreviva e se renove." (IAMAMOTO, 1983 p. 107/108). Assim, precisamos apreender como se dá essa aceitação por parte dos trabalhadores

para que haja uma perpetuação desse cíclico movimento de exploração e precarização da mão de obra trabalhadora.

Entendemos que assimilar a forma de pensar do sistema capitalista pressupõe um estado de alienação.

Marx escreveu em *O Capital*: 'Dentro do sistema capitalista, todos os processos para aumentar a produtividade social do trabalho são empregados à custa do trabalhador individual; todos os meios para o desenvolvimento da produção transformam-se em meios de dominação e exploração dos produtores; ele mutila o trabalhador, reduzindo-o a um fragmento de homem, rebaixam-no ao nível do apêndice de uma máquina, destroem todo resquício de atrativo do trabalho dele e convertem-no em uma ferramenta odiada; afastam-no das potencialidades intelectuais do processo do trabalho, na mesma proporção em que a ciência é nele incorporada como um poder independente. (MARX apud FROMM, 1979, p. 56/57).

A alienação gerada no processo de trabalho inscreve-se não só no produto, mas no trabalhador e neste com relação aos seus semelhantes, bem como com a natureza. "Uma consequência direta da alienação do homem do produto de seu trabalho, da atividade de sua vida e da vida de sua espécie é que o homem é alienado dos outros homens." (MARX apud FROMM, 1979, p. 56/57).

E ainda, o homem não é alienado somente na sua relação com o produto do seu trabalho, mas em todo o processo de produção. Sendo o trabalho externo ao trabalhador, como este pode identificá-lo como seu? Marx nos diz que "é uma atividade de outrem e a perda de si mesmo," não se reconhecendo como um ser ontológico, mas ceifado em sua energia vital, além de exaurido "e mentalmente deprimido" (MARX, 2004, p. 83).

Perguntamo-nos, com Marx, "Como poderia o trabalhador ficar numa relação alienada com o produto de sua atividade se não se alienasse a si mesmo no próprio ato da produção?" Será essa alienação uma forma que o trabalhador tem de se proteger da consciência de que está sendo expropriado de suas forças vitais? Entendemos que o trabalho do homem alienado é

"uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é

vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O estranhamento-de-si.” (MARX, 2004, p. 83).

Acreditamos com Foucault que a força do sistema capitalista invadiu o corpo dos trabalhadores deixando-os desacordados, em sono profundo, pois seu poder “permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social.” (FOUCAULT, 1987, p. 08). E ainda, no processo de individualização no capitalismo, tanto o social como o indivíduo foram fragmentados e cindidos no pertencimento da genericidade humana, o que interceptou e cindiu a força coletiva na busca da emancipação do humano.

A força desse sistema tornou os trabalhadores desacreditados de si, portanto, crentes da existência de uma força maior e externa a eles que os ameaça na sua subjetividade, na sua singularidade, força que os subjuga.

(...) o corpo também está diretamente mergulhado num campo político, as relações de poder têm alcance imediato sobre ele. Elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, (...). Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (FOUCAULT, 1987, p. 29).

Conhecer e reconhecer-se engolido por algo tão monstruoso, certamente, provoca no ser trabalhador uma sensação de impotência e pequenez diante de algo imensamente grande, algo que, contraditoriamente, está entranhado até sua alma, quase fazendo parte de sua estrutura; algo assustador e ao mesmo tempo inebriante e anestesiante, diante da dor profunda que traspassa a alma, as carnes e as entranhas.

Compartilhamos e entendemos com Lacaz que "Importa, então, desvendar a nocividade do processo de trabalho sob o capitalismo e suas

implicações: alienação; sobrecarga e/ou subcarga; pela interação dinâmica de "cargas" sobre os corpos que trabalham, conformando um nexu biopsíquico que expressa o desgaste impeditivo da fruição das potencialidades e da criatividade." (LACAZ, 2007, p.759, 760).

O processo de trabalho na sociedade capitalista impõe ao trabalhador a descontinuidade de seu ser pessoal, de sua história de vida, de significados e o cindir de seu corpo, tirando-lhe a condição de ser político e transformando-o em ser de consumo, como nos aponta Arendt:

Diz-se freqüentemente que vivemos em uma sociedade de consumidores, e uma vez que, como vimos o trabalho e o consumo são apenas dois estágios do mesmo processo, imposto ao homem pela necessidade da vida, isso é somente outro modo de dizer que vivemos em uma sociedade de trabalhadores. (...) Não importa o que façamos, supostamente o faremos com vistas a "prover nosso próprio sustento"; é esse o veredicto da sociedade, e vem diminuindo rapidamente o número de pessoas capazes de desafiá-lo, especialmente nas profissões que poderiam fazê-lo." (Arendt, 2014, p.156).

Esse processo traz como consequência a busca individual de realização pessoal e conseqüente perda do sentido de coletividade, de solidariedade, de bem comum e exacerba o que Merino chama de "independência privada", que, segundo a autora, resulta em não mais poder "gozar da liberdade dos antigos", liberdade essa que consistia em ter uma participação ativa e constante no poder do coletivo. E ela completa que "Nossa liberdade agora, há de consistir no desfrute tranquilo da independência privada. (MERINO, 1988, p. 47).

Merino ainda nos aponta que os modernos não gostam de paixões públicas, aquelas que buscam o bem comum e acreditam nos direitos e na emancipação humana. Ela diz que aprendemos a aguçar nosso sentido crítico sobre nós mesmos, sobre o outro e sobre o mundo, mas com um olhar de fora, que não se envolve, que não se implica, que não se entrega a nenhuma causa apaixonadamente. (MERINO, 1988, p. 47).

Ao produzir algo que apenas faz parte de uma cadeia de produção, quer essa produção seja a fabricação de um objeto, quer seja o atendimento automatizado e pautado num modelo, uma regra, um protocolo ou burocracia, o

trabalhador não se vê entre iguais, não vê o outro como igual, mas como alguém que está do outro lado, alguém que pode se mostrar ameaçador.

Impedidos de se revelarem, os trabalhadores deixam de ser agentes de transformação política e alcançam apenas o universo de transformadores de suas próprias vidas, na busca de conquistar meios mais humanos e confortáveis de vida, através dos bens de consumo. Perdem a dimensão do coletivo, pois todos a sua volta são inimigos em potencial o que justifica ações defensivas e violentas em resposta ao que recebem. Nessa condição, o que produzem não faz nenhuma mediação com o seu "ser no mundo". Como nos diz Hanna Arendt:

Sem o desvelamento do agente no ato, a ação perde seu caráter específico e torna-se um feito como outro qualquer. Na verdade, passa a ser apenas um meio de atingir um fim, tal como a fabricação é um meio de produzir um objeto. Isso ocorre sempre que se perde o estar junto dos homens, isto é, quando as pessoas são meramente "pro" ou "contra" as outras, como acontece, por exemplo, na guerra moderna, quando os homens entram em ação e empregam meios violentos para alcançar determinados objetivos em proveito de seu lado e contra o inimigo. (ARENDR, 2014, p. 223).

Souki aponta que o homem da modernidade é conduzido ao isolamento quando a esfera política de sua vida é destituída e, somando-se a isso, cria-se o desenraizamento - afastamento de si, de seus valores fundantes, afastamento do outro que se torna ameaça em potencial, o que se desdobra na desagregação das relações humanas, no desrespeito à condição de ser pessoa dos sujeitos individuais / coletivos.

Este sujeito destituído como sujeito político, transformado em átomo anônimo entre os átomos anônimos da massa, um homem qualquer, (...) sem consciência moral, sem vontade, sem julgamento – e, por essa razão, capaz de seguir ou de fazer banalmente o mal." (SOUKI, p. 99).

Entendemos com Souki que, quando estamos destituídos de nossa condição de pessoa, destituídos de nossa condição de ser político - que transforma o mundo e é por ele transformado na interação dialética eu -

mundo, o mal se torna banal, realizável, sem que se tenha consciência de sua profunda extensão e destruição.

## **2.1 - Os processos de violência relacionados ao trabalho.**

A violência data de toda história da humanidade e é inexorável que estamos sujeitos a ela, em todos os espaços de convivência, seja de modo explícito ou velado. Sabemos tratar-se da repercussão de uma estrutura desigual e injusta que nos mantém enredados a todos os processos de violências, a todas as suas manifestações nas relações sócio/familiares, nas relações de classe, de gênero, nas relações de trabalho, dentro e fora das instituições. (MELO, 2010).

Ainda que de maneira breve, abordaremos, neste estudo, as violências no interior das instituições de trabalho e seus desdobramentos na vida do trabalhador, considerando que as violências no interior dos espaços de trabalho podem se manifestar como agressões físicas ou ameaças, de maneira individual ou coletiva, ou mesmo serem explícitas ou implícitas.

A OMS define violência como

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, 2002, p. 5).

Concordamos com Melo quando diz que, por se tratar de um fato histórico, sua solução depende da ação humana, portanto faz-se necessário que lancemos luz nesse fenômeno de crucial importância para todos nós, na perspectiva de construção de uma cultura de paz.

Claro está que nossas reflexões e propostas são ínfimas diante da magnitude que a violência representa hoje em nossa sociedade, considerada um problema de saúde pública mundial, mas, em concordância com as ideias de Melo, sabemos que “não há feito na nossa história, por maior que seja ele, que não se constitua da atuação de sujeitos humanos, concretos, de carne e

osso, assim como somos todos nós, no nosso cotidiano de trabalho e de vida.” (MELO, 2010).

De acordo com o Relatório Mundial de Saúde

É claro que não se pode calcular o custo humano em sofrimento e dor. Na realidade, muito deste custo é invisível. Ao mesmo tempo em que a tecnologia dos satélites tem tornado certos tipos de violência – terrorismo, guerras, rebeliões e tumultos civis – diariamente visíveis ao público, há muito mais violência ocorrendo de forma invisível nos lares, locais de trabalho e, até mesmo, em instituições médicas e sociais criadas para cuidar das pessoas. Muitas das vítimas são demasiadamente jovens, fracas ou doentes para se protegerem. Outras são forçadas por convenções ou pressões sociais a manterem silêncio sobre suas experiências. Assim como ocorre com seus impactos, algumas causas da violência podem ser facilmente percebidas. Outras estão profundamente enraizadas no arcabouço cultural e econômico da vida humana. (OMS, 2002, p. 3).

Com relação à saúde do trabalhador, vimos presentes, na atualidade, condições degradantes de trabalho no que diz respeito às condições e meios de produção, no que diz respeito aos ambientes de trabalho e às relações de trabalho - violências das mais diversas ordens que agridem, denigrem e comprometem a condição de ser pessoa do ser trabalhador.

Entre os problemas de saúde relacionados ao trabalho deve ser ressaltado o aumento das agressões e episódios de violência contra o trabalhador no seu local de trabalho, traduzida pelos acidentes e doenças do trabalho; violência decorrente de relações de trabalho deterioradas, como no trabalho escravo e envolvendo crianças; a violência ligada às relações de gênero e o assédio moral, caracterizada pelas agressões entre pares, chefias e subordinados. (PNSST, 2004).

Como vimos anteriormente, essas condições devem-se às mudanças ocorridas no mundo do trabalho, no final do século XX, mudanças essas motivadas pela reestruturação produtiva que engendrou “novas posturas, condutas e valores” que promoveram uma retaliação do trabalhador, impondo-lhe uma postura de assujeitamento às novas condições de trabalho cujos valores são: competitividade entre os pares, aceitação tácita das novas condições de trabalho, quebra dos vínculos de solidariedade, isolamento, indiferença ao sofrimento do outro. (BARRETO e HELOANI, 2015, p. 556-558).

Essas novas formas de organização do trabalho geram, per si, diferentes manifestações da violência como humilhações, constrangimentos, esgarçamento dos laços de solidariedade, pressões internas e externas, o que leva o trabalhador a perder a dimensão genérico/humano, reconhecendo-se isolado e responsável individualmente por seu futuro, perdendo, assim, a dimensão social do contexto em que está inserido.

A violência no trabalho atinge não somente o trabalhador envolvido diretamente com suas manifestações, mas seus companheiros de jornada, seja no local de trabalho, na família e em suas relações sociais, embora muitas vezes não sejam lidas e consideradas enquanto tal. Acreditamos que a cotidianidade do trabalhador, envolto nas questões imediatas e de reprodução, postas e impostas pelo trabalho, o impede de apreender o que as medeia.

Esse fator, a nosso ver, faz-se relevante, pois, para que o trabalhador possa sair das malhas desses processos de violências, é necessário que as reconheça enquanto tal; é necessário que sua consciência se alargue.

Segundo Antunes e Praun, os processos de flexibilização, informalidade e precarização das condições de vida e trabalho da classe trabalhadora brasileira evidenciam-se na tendência à terceirização e no significativo número de acidentes de trabalho que, muitas vezes, levam o trabalhador a óbito. Além dos acidentes, os autores evidenciam elevado índice de "adoecimentos com nexos laborais", destacando as lesões osteomusculares e transtornos mentais. E completam que as mudanças das últimas décadas têm produzido elevados "indicadores de acidentes e doenças profissionais", de forma que, "por conveniência política e econômica, impere a não notificação que se expressa de maneira ainda mais aguda no caso das doenças profissionais." (ANTUNES e PRAUN, 2015, p. 409/410).

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo Geral**

Conhecer a percepção dos trabalhadores da prefeitura municipal de Divinópolis, sindicalizados no Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e região Centro - Oeste – SINTRAM, quanto aos processos de saúde/doença e as relações e condições de trabalho.

#### **3.2. Objetivo Específico**

3.2.1 - Identificar possíveis nexos de articulação que os trabalhadores da prefeitura Municipal de Divinópolis sindicalizados no SINTRAM fazem entre sua condição de saúde/doença e as condições, processos e relações de trabalho.

#### **4. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo quanti-qualitativo, descritivo e exploratório. Consideramos, com Minayo e Sanches, que “o conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica; o método é o fio condutor para se formular esta articulação.” (MINAYO e SANCHES, 1993, p. 240). Assim, utilizaremos como fio condutor de nossa pesquisa uma avaliação quanti-qualitativa, pois entendemos, com Víctora, que estas duas metodologias se complementam "no sentido de que os resultados de uma questão, colocada a partir de princípios teórico-metodológicos quantitativos, suscitam novas questões que só podem ser colocadas dentro de princípios qualitativos, ou vice-versa." (VÍCTORA, 2000, pag. 40).

O recorte aqui apresentado será o qualitativo em função da exiguidade do tempo. O estudo quantitativo (plano amostral em anexo) será realizado posteriormente.

Adotamos a pesquisa qualitativa, pois acreditamos que ela nos possibilitará melhor compreensão/conhecimento da percepção dos trabalhadores da prefeitura, sindicalizados no SINTRAM, quanto às condições de trabalho e relações entre trabalho e os processos de saúde/doença. Além do mais, entendemos com Minayo que

a pesquisa qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004, p. 21).

##### **4.1. Instrumentos de coleta de dados**

Entendemos que as entrevistas podem nos aproximar tanto das questões que conduzem este estudo quanto daqueles que entrevistamos, pois compartilhamos com Bordieu que "uma prática científica que se esquece de se por a si mesma em causa não sabe, propriamente falando, o que faz." (BORDIEU, 1989, p. 35).

Além disso, as entrevistas possibilitam abordagens de diversos aspectos subjetivos, concernentes ao tema, que não podem ser quantificáveis. Segundo Gil, "sua flexibilidade é adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos e pode-se afirmar que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi obtida graças à sua aplicação." (GIL, 2008, p. 110).

Assim, utilizamos como instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturada, uma vez que esta "traz como uma de suas características a elaboração prévia de um roteiro." (MANZINI, 2003, p. 13). Realizamos quatro entrevistas como testagem que foram transcritas e analisadas sendo feitos os devidos ajustes.

Segundo Manzini,

"Partindo do pressuposto de que uma boa entrevista começa com a formulação de perguntas básicas, que deverão atingir o objetivo de pesquisa, é possível fazer uma análise do roteiro para identificar a sua adequação em termos de linguagem, estrutura e seqüência das perguntas no roteiro." (MANZINI, 2003, p. 23.)

A partir da terceira entrevista, entendemos que os ajustes necessários tinham sido contemplados, ainda assim, realizamos uma quarta entrevista para ratificar nossa avaliação. (Roteiro - Apêndice 1).

#### **4.2. Local do Estudo**

A pesquisa foi desenvolvida no Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e região Centro - Oeste - SINTRAM, Minas Gerais.

#### **4.3. Participantes do Estudo**

Trabalhadores da prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e região Centro - Oeste – SINTRAM.

#### **4.4. Critério de inclusão e exclusão dos sujeitos da pesquisa**

Para escolha dos entrevistados foi considerado, como critério de inclusão, trabalhadores públicos da Prefeitura Municipal de Divinópolis que são

ativos, permanentes e sindicalizados no SINTRAM, constantes da listagem disponibilizada pelo referido sindicato na qual constavam as seguintes informações: nome, endereço completo, telefone, sexo, categoria profissional e data de admissão na Prefeitura Municipal de Divinópolis. Como critério de exclusão, todos os trabalhadores públicos da Prefeitura que não são sindicalizados no SINTRAM.

#### **4.5. Os sujeitos da pesquisa**

Como dissemos, os sujeitos da pesquisa são os trabalhadores sindicalizados no SINTRAM cujos nomes constavam da listagem disponibilizada pelo sindicato. Os trabalhadores sindicalizados da área da Saúde e Educação apareceram em maior número, o que coaduna com o quadro geral da prefeitura onde 42% dos trabalhadores são lotados na Secretaria de Educação; 33% na Secretaria de Saúde e 25% nas demais Secretarias. Assim, dividimos a listagem em três grupos: Grupo A (Saúde), Grupo B (Educação) e Grupo C (Outros).

Adotamos ainda três categorias profissionais referentes aos cargos ocupados para que pudéssemos ter representados os trabalhadores que ocupam cargos que exigem os níveis de escolaridade: primário, secundário e superior, conforme descrito abaixo.

- Categoria 1 - Trabalhadores que ocupam cargos de nível primário: auxiliares de limpeza, serventes escolares, pedreiro, pintor, etc.;
- Categoria 2 - Trabalhadores que ocupam cargos de nível secundário: técnicos de enfermagem, de informática, de laboratório, agentes de saúde, atendentes odontológicos, etc.;
- Categoria 3 - Trabalhadores que ocupam cargos de nível superior: assistentes sociais, professores, farmacêuticos, médicos, psicólogos, enfermeiros, etc.

Foram sorteados, aleatoriamente, 10 trabalhadores de cada grupo (Saúde Educação e Outros). Dos trinta trabalhadores sorteados, dezenove foram entrevistados, sendo que quatro das entrevistas se destinaram ao pré-

teste, com o objetivo de avaliar o roteiro quanto à sua adequação e clareza da linguagem utilizada.

Buscou-se preencher o mesmo número de entrevistas para os três setores e as mesmas foram realizadas de forma progressiva até que ocorresse a saturação das respostas. Assim, chegamos a este universo.

Víctora esclarece que "não se trata de *com quantas* pessoas se conversa, mas *sobre o que* se conversa e *como* se conversa, principalmente porque a definição dos entrevistados, bem como o número de indivíduos envolvidos, está diretamente relacionada ao problema a ser estudado." (VÍCTORA, 2011, p. 108).

Este projeto de pesquisa foi aprovado no COEP-UFMG, no dia 16 de março de 2016, com número CAAE 52960316.5.0000.5149, e na Plataforma Brasil, conforme consta em anexo. O estudo quantitativo (plano amostral em anexo) foi realizado posteriormente.

As pessoas que aceitaram fazer parte desta pesquisa assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e espontâneo) e foram informadas da total confidencialidade da identificação.

#### **4.6. Detalhamento da técnica**

- Entrevista individual;
- Local: Espaço do sindicato ou na residência do entrevistado quando este apresentou algum impedimento de se deslocar ao lugar proposto.
- As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora.
- Tempo de duração: O tempo médio de duração foi de 25 minutos.
- As entrevistas se deram com horário e local agendados em comum acordo da pesquisadora com os entrevistados; os contatos foram realizados por telefone.
- Após as entrevistas, a pesquisadora agradeceu a participação do entrevistado e perguntou sobre possíveis aspectos não abordados que seriam de interesse abordar.

#### 4.7. Registro

Todas as entrevistas foram gravadas com o consentimento formal dos entrevistados, sendo transcritas pela própria pesquisadora após o término das mesmas, para que não se perdesse as nuances apreendidas no momento da sua realização.

#### 4.8. Análise dos dados

Todas as palavras são portadoras de idéias, são plenas de significados. Estes, porém, alojados em seu interior, não se manifestam de pronto nem se revelam de modo imediato. É preciso procurá-los na dinâmica do processo histórico, descobri-los nas tramas constitutivas do real. (MARTINELLI, 1997, p. 27).

Utilizamos, para a interpretação dos dados da pesquisa, a análise de conteúdo de Bardin que é uma técnica de análise de referência cujo refino requer do pesquisador um olhar atento para ver nas entrelinhas das falas os sentidos que se encontram em segundo plano. Isso significa dar às falas uma significação que muitas vezes não está explícita, mas implícita.

(...) a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente *desviar* o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efectuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura «à letra», mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros «significados» de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc. (BARDIN, p. 41).

O referido método permitiu-nos uma visão do todo e também dos aspectos de cada entrevista/entrevistado, ou seja, "de um lado, ter a visão de conjunto e, de outro, apreender as particularidades do material." (GOMES, 2011, p. 100).

Como dissemos, tratamos os dados procurando desvelar o explícito e o implícito. Procuramos nas falas, nos gestos, nas interjeições, nas entrelinhas de cada entrevista identificar as "teias de significados" impressas em cada ser individual, que também é coletivo. (GEERTZ, 1978. p 16).

Por fim, na busca de uma síntese de todo o percurso, fizemos uma leitura interpretativa do conteúdo das entrevistas, à luz da teoria que conduz este estudo. Buscamos fazer as inter-relações entre os entrevistados, suas realidades, locais de trabalho, a realidade de trabalho da prefeitura de Divinópolis e o contexto geral da saúde do trabalhador, pois compartilhamos com Morin quando diz que

o desenvolvimento da aptidão para contextualizar tende a produzir a emergência de um pensamento "ecologizante", no sentido em que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente – cultural, social, econômico, político e, é claro, natural. Não só leva a situar um acontecimento em seu contexto, mas também incita a perceber como este o modifica ou explica de outra maneira. Um tal pensamento torna-se, inevitavelmente, um pensamento do complexo, pois não basta inscrever todas as coisas ou acontecimentos em um "quadro" ou uma "perspectiva". Trata-se de procurar sempre as relações e inter-retro-ações entre cada fenômeno e seu contexto, as relações de reciprocidade todo/partes: como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação do todo repercute sobre as partes. Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo, a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana." (MORIN, 2003, p. 24/25).

Faz-se relevante esclarecer que, para manter a postura ética com os entrevistados, substituímos seus nomes por uma letra, seguida de um número, sendo T (Trabalhador). A numeração não segue nenhuma lógica pré-estabelecida.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

"A grandeza do homem é recriar sempre sua vida. Recriar o que lhe é dado. Forjar o que ele sofre. Pelo trabalho, ele produz sua própria existência natural. Pela ciência, recria o universo por meio de símbolos. Pela arte, recria a aliança entre seu corpo e sua alma." (WEIL, 1997, p. 461).

Abordamos nos capítulos anteriores a trajetória histórica da saúde do trabalhador, passando pelos sistemas de produção e da administração

gerencial. Abordamos aspectos da alienação e processos de adoecimento dos trabalhadores.

Nossas reflexões foram alicerçadas em artigos e livros de autores consagrados e acreditamos que, mesmo não nos aprofundando da forma que gostaríamos, temos a possibilidade de apresentar ao leitor nosso posicionamento acerca dos objetivos desse estudo. É nosso intento neste capítulo realizar uma reflexão a partir dos dados coletados nas entrevistas realizadas para esta pesquisa. Para tanto, não abandonaremos o diálogo com os autores que iluminaram nossa trajetória e, como já dissemos, tratamos os dados, sobretudo, procurando desvelar as falas, os gestos, as interjeições, a fim de identificar as "teias de significados" impressas em cada ser individual/coletivo.

Buscaremos "reconhecer a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana." (MORIN, 2003. p. 25).

Como situamos acima, apresentaremos os resultados da pesquisa qualitativa referente às entrevistas realizadas com quinze pessoas. As quatro entrevistas realizadas para efeito de testagem e adequação das perguntas não farão parte da análise dos dados.

Lembramos (Vide metodologia) que identificamos os trabalhadores, autores das entrevistas, com a letra (T) e que o critério para escolha dos entrevistados se deu a partir dos *grupos Saúde, Educação e Outros* e "*categoria profissional*", independente do nível de escolaridade, sendo que a categoria 01 (um) diz respeito aos trabalhadores que ocupam cargos cuja exigência mínima de escolaridade é o ensino fundamental; e as categorias 02 (dois) e 03 (três) os níveis secundários (ensino médio) e superior, respectivamente.

### **5.1. Perfil da amostra**

O quadro abaixo foi construído considerando os três grandes grupos: (Grupo A Saúde; Grupo B Educação e Grupo C Outros, bem como as categorias de cargo/ocupação assim distribuídas: (Categoria 1: Trabalhadores que ocupam cargos de nível primário; Categoria 2: Trabalhadores que ocupam

cargos de nível secundário e Categoria 3: Trabalhadores que ocupam cargos de nível superior). O Grupo A – (T1 a T5) representa os trabalhadores da saúde; o Grupo B - (T6 a T10) representa a Educação e o Grupo C - (T11 a T15) representa o grupo denominado Outros, constituído de trabalhadores dos demais setores/secretarias. Optamos por não mencionar o cargo/profissão/função para resguardar a identidade dos entrevistados.

Constatamos que onze dos 15 entrevistados possuem nível superior de escolaridade. Os trabalhadores que compõem a categoria 1 (Trabalhadores que ocupam cargos de nível primário) são em número de cinco e, desses, apenas um tem apenas o nível fundamental de ensino (Grupo C), os demais estão com nível de escolaridade acima do exigido para o cargo ocupado, sendo um com pós-graduação (Grupo A), dois com nível médio (Grupo C) e um com o primeiro grau completo (Grupo C).

A categoria 2 (Trabalhadores que ocupam cargos de nível secundário) apresenta também o grau de escolaridade acima do exigido para o cargo. Um trabalhador possui pós-graduação (Grupo B), dois deles têm o ensino superior completo (Grupo B) e um está cursando o ensino superior (Grupo A).

Os trabalhadores da categoria 3 também apresentam grau de escolaridade superior ao exigido para o cargo, sendo dois com mestrado, um do Grupo A e um do Grupo B; um com pós-graduação pertencendo ao Grupo B e três com curso superior completo, sendo um de cada Grupo.

Esse dado chama-nos a atenção para o fato de que os trabalhadores estão em pleno movimento de busca de qualificação, embora não encontrem apoio e incentivo por parte da Prefeitura, como podemos observar em suas falas:

Eu acho que não sou remunerado da forma que eu gostaria de ser... de não ter é ... o apoio pra buscar o aperfeiçoamento na minha profissão então tudo é muito complicado na prefeitura a gente não tem muito apoio e eu acho que é isso.” (T4).

(...) eles colocam dificuldades pra eu poder fazer estagio. (T3).

(...) “eu tenho dito esses quase 20anos que eu tenho na prefeitura no mesmo setor é ... com o tempo você vê que a coisa não melhora ... o stress começa (...) te trás. desânimo né você não é encorajado a crescer dentro do trabalho porque ... você não é valorizado (T12).

Outro aspecto que podemos observar no perfil da nossa amostra é que os Grupos A e B têm um maior número de mulheres e no Grupo C são os homens que sobressaem. Este dado espelha o quadro de trabalhadores da Prefeitura que revela ter na Educação o maior contingente de trabalhadoras do sexo feminino, seguido da Saúde e do conjunto das demais Secretarias, representado como Grupo C. O mesmo quadro se repete na listagem fornecida pelo Sindicato. Isto redundava no resultado das pesquisas que mostram um maior contingente de mulheres “nos serviços de cuidado em sentido amplo (educação, saúde, serviços sociais e domésticos).” (IPEA, 2011, p. 27).

### Quadro 1 - PERFIL

**Distribuição dos entrevistados por sexo, idade, escolaridade, categoria de distribuição, Secretaria Municipal a que pertence e tempo de trabalho na Prefeitura Municipal de Divinópolis, MG.**

Trabalhador	Sexo	Idade	Escolaridade	Categoria	Setor/Secretaria	Tempo de trabalho	
T1	F	46	Pós graduação	01	Saúde	15 anos	<b>Grupo A Saúde</b>
T2	F	62	Fundamental	01	Saúde	20 anos	
T3	F	39	Sup. Incompl.	02	Saúde	7 anos	
T4	M	36	Superior	03	Saúde	10 anos	
T5	M	43	Mestrado	03	Saúde	20 anos	
T6	M	51	Mestrado	03	Educação	14 anos	<b>Grupo B Educação</b>
T7	F	51	Pós graduação	02	Educação	5 anos	
T8	F	50	Superior	02	Educação	15 anos	
T9	F	45	Superior	03	Educação	20 anos	
T10	F	39	Superior	02	Educação	10 anos	
T11	F	57	Superior	03	Administração	14 anos	<b>Grupo C Outros</b>
T12	M	51	Ensino. médio	01	Obras	19 anos	
T13	F	47	Pós graduação	03	Cultura	20 anos	
T14	M	46	Primeiro Grau	01	Usina de Projetos/ PAC	20 anos	
T15	M	32	Ensino médio	01	Assistência	08 anos	

**FONTE:** Dados da Pesquisa qualitativa realizada com os trabalhadores sindicalizados no SINTRAM - Divinópolis.

## 5.2. Significado do trabalho e realização

Todos os trabalhadores, sem exceção, responderam que o trabalho é de fundamental importância em suas vidas, não se imaginando sem trabalho. Apontaram o trabalho como criador de autonomia, sobrevivência, reconhecimento social, crescimento pessoal e profissional, identificação pessoal, realização material, dignidade, sentido da vida, valor de família e responsabilidade.

O Grupo A, unanimemente, falou do trabalho como algo vital que, além de dar sentido à vida, tem importância social. Trouxeram em suas falas o sentido de pertencimento social e o sentido da solidariedade, como veremos nas falas abaixo:

Ah é muito importante viu Virginia (...) eu amo... amo muito mesmo (meu trabalho)!!! (T2).

(...) o trabalho ... ele é muito importante porque ele dá autonomia pra gente né de construir as coisas que a gente que construir de crescer de se desenvolver como pessoa e ao mesmo tempo o trabalho no SUS sistema único de saúde me ajuda a dar oportunidades as pessoas que não teriam condições de se tratarem. (T4).

Ue o significado do trabalho pra mim assim o trabalho pra mim ele ocupa uma posição bem central assim na minha vida no ponto de vista de fazer sentido pra né (...) assim, não deixa de ser mais um espaço onde você tem relações né e isso eu gosto assim ... e em particular (...) trabalhar na execução de uma política pública como é a saúde (...) me dá uma sensação do sentido do pertencimento sabe assim assim eu me sinto parte de um todo assim de certa forma eu nessa engrenagem toda que compõe a sociedade ela é a minha doação é no trabalho ela me coloca num lugar assim na sociedade eu penso assim isso me agrada.(T5).

O Grupo B, igualmente coloca o trabalho como algo fundamental. Aparece também neste grupo a identidade pessoal/social dada a partir do trabalho, como veremos abaixo:

Fundamental né assim eu penso que o trabalho é fundamental mesmo fundante na minha experiência pessoal sempre foi assim é ... eu penso que o trabalho ele diz muito do que eu sou né de quem eu sou ... é o meu trabalho ... ele é algo que é ... preponderante assim na minha formação enquanto sujeito né por exemplo quando eu tenho que me apresentar para alguém ou seja o que ... o que eu falo .... eu sou professor não é assim ... (risos) ou seja eu acabo me identificando a partir da minha profissão e de fato assim é... a partir do trabalho a gente vai organizando a vida da gente a minha vida é muito organizada a partir do trabalho é algo muito muito é...como eu diria é algo que de fato marca a minha história marca o meu cotidiano as minhas escolhas a minha forma de perceber o mundo né e tudo isso tá muito ligado a experiência que eu fui construindo enquanto profissional e no mais especificamente como professor. (T6).

É muito importante assim acho que o trabalho ele só não tá à frente de Deus né e da minha família mas eu acho o trabalho necessário eu acho o trabalho ... (...) é um outro momento é quase esse momento (...) o meu lado profissional o meu lado intelectual ... eu posso colocar no trabalho então eu acho muito importante (...) eu acho que eu ainda tenho muito pra produzir (...) meu trabalho assim é...uma coisa que pra mim faz sentido. (T8).

Acho que o trabalho é tudo eu ... (...) levantar de manhã e ter meu trabalho é tudo ... é cansativo? É mas prá mim é uma realização sem ele deve ser muito pior né.(T9).

Não diferindo dos demais, os entrevistados do Grupo C (Outros) relatam que o significado do trabalho em suas vidas é de um valor imensurável. Enfatizam-no como valor familiar, responsabilidade, possibilidade de relacionamento interpessoal, solidariedade e possibilidade de se crescer interiormente a partir das reflexões que a experiência laboral pode promover.

Ah... o significado do trabalho para mim é uma coisa muito nobre sabe Virgínia ... é ... trabalhar prá mim é crescer é crescer no sentido de ser humano é crescer no sentido de ... é saúde mental né crescer no sentido comunitário e crescer interiormente porque a partir do momento que você está fazendo um trabalho que te dá um feedback positivo ele te dá uma alegria muito grande por outro lado também a gente sabe que nem tudo são rosas então esses desafios que a gente encontra no trabalho leva a gente a fazer uma reflexão leva a pensar né e a gente ter que pensar ter que refletir sobre alguma coisa isso faz a gente crescer então o trabalho para mim tem todo esse lado é saúde mental é equilíbrio. (T11).

O trabalho é uma coisa de família né papai falava o homem tem que trabalhar tem que ter o seu sustento então o trabalho prá mim é um prazer eu gosto de trabalhar né é uma satisfação que eu tenho levantar cedo e vim trabalhar então quanto o gostar de trabalhar toda vida eu tive esse sentimento. (T12).

Uai pra minha realização pessoal também as coisas que eu consigo é através do um trabalho as coisas né materiais que eu consigo é através do meu trabalho e até na verdade pro emocional da gente é muito bom a gente levantar cedo né e pensar assim nossa eu tenho um trabalho um trabalho que eu gosto na verdade eu realmente gosto de estar aqui gosto do que eu faço então pra mim o trabalho tem um papel muito importante. (13).

Uai pra mim significa um bem estar né significa que você tem responsabilidade naquilo que você faz significa que você chega mais ...conhece mais pessoas se entrosa com a turma. (14).

Trabalho ... trabalho é tudo é o seu ganha pão é o seu modo de viver a pessoa primeiramente tem que gostar daquilo que faz eu gosto do meu trabalho gosto de ajudar as pessoas servir as pessoas trabalhar é um jeito de se ocupar a cabeça porque mente vazia não vem nada que presta. (T15).

Faz-se importante destacar que, a despeito de todas as dificuldades, precariedades, restrições, conflitos e contradições que se fazem presentes no

universo laboral desses trabalhadores, eles mantêm uma visão do trabalho como um bem sem o qual não se reconheceriam.

Uma das entrevistadas (T3), embora não tenha conseguido expressar o significado que o trabalho tem para ela, falou com muita ênfase que não consegue se pensar sem trabalho.

Uai ... eu não me imagino não trabalhando não consigo não trabalhar eu trabalho desde os meus doze treze anos então não me imagino não trabalhando eu sempre trabalhei e estudei então não consigo me imaginar sem trabalhar sem fazer as duas coisas sem estudar e sem trabalhar ao mesmo tempo eu não consigo me imaginar sem fazer isso.

Com relação à pergunta que aborda sobre a realização no trabalho, observamos que todos que estão na educação dizem sentir-se realizados, com respostas do tipo "*Com certeza eu não saberia fazer outra coisa a não ser, ser educadora*" (T7), ou, na fala emocionada de um dos entrevistados: "*Muito! muito! eu me sinto realizado, eu gosto de ser professor!*" (T6). E a única da educação que não se sente tão realizada é a que está em readaptação, mas, ainda assim, procura atividades na escola para sentir-se realizada como educadora, como na biblioteca, fazendo "*A Hora do Conto (...) É (uma atividade) minha ... a de contar história ... é minha! Eu criei isso, mas aí as meninas que trabalham comigo na biblioteca me apoiam (...) **A biblioteca me realiza mais, apesar de que é um tempo pequeno.***" (T8). Grifos nossos

Observamos que no Grupo B, em vários momentos, aparece o componente do amor àquilo que fazem como o que os mobiliza para sua atividade profissional, como nas palavras de alguns dos entrevistados:

(...) eu gosto muito da minha profissão me sinto muito realizado assim ... penso que poucas pessoas, infelizmente fazem aquilo que gostam profissionalmente tem muita gente que é obrigada a fazer o que não gosta né eu faço o que gosto ... gosto muito de ser professor ... me sinto realizado e me sinto reconhecido também sabe assim ... é ... eu sinto que os meus alunos me reconhecem ... que os meus alunos gostam de mim que os meus alunos ah! eles me vêem como um bom professor! eu me sinto um bom professor perto deles! (T6). O trabalho pra mim o significado dele na verdade é uma... o que eu quero dizer é algo assim .. fundamental na minha vida porque eu não me vejo fazendo outra coisa ... (T7)

"eu gosto muito do que eu faço não trocaria ... meu marido até brinca se você ganhasse na loteria você pararia de dar aula? e falo não (risos) ... eu gosto ... (...) eu gosto do que eu faço ... eu gosto do

espaço da escola (...) quando você tá numa profissão que você não gosta ... pode ser o melhor lugar do mundo que você vai achar um defeito ...né ... como eu gosto do que eu faço e é isso que eu quero então ... e assim .... eu não tô aqui por obrigação não foi minha primeira opção né ... a minha formação ... a minha formação superior é administração ... então eu já trabalhei noutros campos prá depois vim prá ... prá pedagogia prá área de educação então acho que é a minha realização profissional. (T9)

Observamos ainda que alguns trabalhadores do Grupo B mencionam, com certo orgulho na fala, o dom vocacional para ser professor. Nas entrevistas aparece, mesmo que subliminarmente, a questão da vocação<sup>10</sup>. Faremos algumas reflexões quanto a esta questão, embora não pretendamos aprofundar no tema, mas julgamos relevante fazê-lo em outro momento.

Entendemos que a perspectiva da vocação pode ser um fator que venha a impedir o trabalhador de se inserir na dimensão de sua totalidade ontológica, carregada de sentidos, correndo riscos de assumir uma prática trefista e assistencialista, inibidora da potência emancipatória.

Acreditamos que a crença nos aspectos "vocacionais" em determinadas profissões como a de educadores, assistentes sociais, enfermeiros, etc., tende a amenizar condições subalternas de trabalho e os eternizados baixos salários. Entendemos que acreditar nesse jargão da vocação nos impede, muitas vezes, de sair da condição do "Ser menos" para a condição de "Ser em plenitude", como podemos observar na fala de uma trabalhadora:

(...) eu exerço a função que é a coisa que eu gosto de fazer... então às vezes a gente é .. sente assim que a gente poderia ser mais bem valorizado melhor valorizado né a gente escuta muito assim que o professor teria que ter o melhor salário né do que o médico do que (...) as outras funções ... mas é ... uma função gratificante que a gente não deixa de ... quando a gente entra pra dentro de uma sala de aula a gente esquece que a gente tem família tem filhos tem a vida lá fora e a gente entra de cabeça e não deixa né as coisas que talvez poderiam ser melhor ... desmotivar a gente a trabalhar. (T7).

---

<sup>10</sup> VOCAÇÃO (gr. *KÁfiGtÇ*; lat. *Vocatio*; in. *Vocation*, fr. *Vocation*; ai. *Benif* it. *Vocazione*). Na origem, um dos conceitos fundamentais do cristianismo paulino: "Quem for chamado numa V.. nela permaneça" (*Ad cor*, I, VII, 20). A V. é hoje um conceito pedagógico e significa propensão para qualquer ocupação, profissão ou atividade. É diferente da aptidão, por ser a atração que o indivíduo sente por determinada forma de atividade, para a qual pode ser ou não apto. A aptidão pode ser controlada objetivamente; a V. 6 subjetiva. Uma V. pode portanto ser também um beco sem saída (Grifos nossos) (*blind-alley vocation*). (ABBAGNANO, 2007. p. 1006).

Estas reflexões nos remetem a Lucáks que nos faz ver a importância de termos um olhar crítico acerca de concepções muitas vezes incorporadas à ciência e que por isso não fazemos nenhum tipo de crítica a respeito. Assim sendo, julgamos relevante apontar essas questões mesmo que sejam objeto para aprofundamento futuro.

O fato de que a origem de nossas representações ontológicas está na cotidianidade não significa que podem e devem ser aceitas acriticamente. Ao contrário. Tais representações estão repletas não apenas de preconceitos ingênuos, mas com frequência, de idéias manifestamente falsas que, se às vezes provieram da ciência, nela penetraram oriundas sobretudo das religiões etc. etc. Entretanto, a crítica necessária não autoriza descurar desse fundamento cotidiano." (LUCÁKS, 2013, p. 22).

Uma das entrevistadas do Grupo A respondeu sentir-se realizada porque gosta muito do que faz e completou com o jargão *"sinto-me realizada porque o trabalho dignifica o homem"* (T1) e, em seguida, disse que está se qualificando porque pretende migrar para a educação e que deseja alcançar essa graça de Deus e completa, com certa desconfiança: *"mas não é insatisfação do trabalho, é uma questão pessoal"* (T1) e quando perguntei se poderia falar mais, preferiu não.

### 5.3. Condições de trabalho

Quanto às condições de trabalho, o Grupo A, quase em sua totalidade, apontam as condições como deixando a desejar.

Os trabalhadores do Grupo B, em sua totalidade, responderam que as condições de trabalho estavam boas e justificaram suas respostas dizendo que, no passado recente, as salas de aulas tinham aproximadamente o dobro de alunos do que tem hoje e que isso melhora não só as condições de trabalho mas o desempenho dos alunos, uma vez que o professor tem condições de acompanhá-los mais de perto, como nas respostas abaixo.

As condições de trabalho hoje para o professor elas são melhores (...) hoje na rede municipal a média é de vinte e cinco (alunos) . Então nesse sentido há uma condição de trabalho muito melhor né! (T6)  
Olha (...) tá tranquilo é uma turma que tá me atendendo bem porque eu já cheguei a ter trinta alunos agora não.. é uma turma ... eu tenho dezessete alunos tá dando pra fazer um trabalho mais tranquilo um

trabalho que eu acho que dá pra cumprir com quantidade (...) então...  
ate o momento eu to achando supre tranqüilo to amando! (T10).

Eles foram também unânimes em dizer que as condições materiais são precárias. Faltam materiais básicos, equipamentos eletrônicos em geral e que, além disso, o espaço verde na escola e o apoio em atividades externas são insuficientes.

Profissionais de outros setores relataram faltas constantes de materiais básicos de limpeza, higiene pessoal, materiais na saúde como vacinas, seringas, gases e aparelhos eletrônicos necessários ao desenvolvimento das atividades.

Outras falas nos dão a dimensão da carência de recursos materiais básicos para o desenvolvimento das atividades, como podemos perceber em indignados relatos dos trabalhadores.

(...) a biblioteca fica ai oh! acéfala, às moscas né ... (...) numa sujeira porque não tem material de limpeza pra poder limpar, não tem jornal. Revista só com doação... também é um absurdo uma coisa dessa né e livro a gente consegue livro novo aqui só quando a gente faz permuta quando a pessoa tá devendo uma multa muito alta e a gente sabe que esse dinheiro não vai voltar para a biblioteca (...) ai a gente troca essa multa pelo livro (...) a turma ta pedindo pra trabalho de escola é assim que entra livro na biblioteca doação e permuta. (...) Ah eu vou te falar uma coisa ... tem muito tempo ... que está assim ... nessa administração ... tem oito anos que na biblioteca ... (...) não existe aquisição de livro que é o mínimo pra uma biblioteca né não tô nem falando de computador! Nossa condição de trabalho .... falta funcionário é ... falta material de limpeza falta condições nó ... oi ... falta papel higiênico tudo a gente tem que comprar papel higiênico ... como a gente trabalha com setor infantil tem hora que chega mãe com criança aqui que a criança que ir ao banheiro ai eu pego o meu papel e dou né ... como que uma criança vai ao banheiro e não vai usar papel? (T13)

Péssimas ... são péssimas é assim (...) tem uma certa desorganização é de não sei se é na estrutura dele .... eu não sei nem explicar direito como é que seria isso mais assim uma desorganização que prejudica bastante o andamento do trabalho a própria política de saúde mental né ela fica muito à margem da política de saúde de um modo geral e você não consegue dialogar com outros serviços né do município e a proposta é que o atendimento fosse em rede então isso acaba que você não consegue muitas vezes sair do intra muros ali da instituição e ai você acaba meio que reproduzindo uma lógica muito hospitalar que é de eliminar sintomas só né a parte da inserção social a parte da é ...né fica totalmente é.. sem ser feita sem ela acontecer. (...) tem a falta às vezes de privacidade mesmo da sala né um vidro que quebra e tem

seis meses que tá quebrado ele não é concertado uma porta que você não pode deixar que ela feche porque se fechar não abre mais e já tem um ano que tá assim aí você tem que atender o usuário com a porta entreaberta porque se (...) ela fechar aí pronto ela não abre ... (T5).

A partir dessas falas podemos observar os efeitos do Sistema gerencialista nas organizações; um contexto de limitações, restrições e descaso não somente com os trabalhadores, como apontado por eles, mas desrespeitoso com a população atendida nos serviços que, muitas vezes, não entendedora da atual circunstância, penaliza os trabalhadores como se esses fossem os causadores da má administração, como nos aponta Ribeiro e Mancebo:

Constata-se, dessa forma, que, (...) as organizações públicas estão inseridas em um contexto cercado de limitações que reúne restrições orçamentárias, inexistência de condições adequadas para o desenvolvimento do trabalho, recursos materiais e humanos insuficientes, peso da estrutura burocrática, impossibilidade de ascensão profissional (mudança de cargo), baixo poder aquisitivo do servidor, somadas a uma atitude hostil da sociedade dirigida a tudo o que tem origem no Estado, que prega a valorização do privado em detrimento do público. (...) Verifica-se, na prática, uma verdadeira campanha caracterizada por atitudes de desprezo, discriminação, descrédito e desvalorização direcionada a esse setor. Por público, considera-se tudo o que é ineficiente, associado ao desperdício, à corrupção, à falta de controle e coordenação, e o privado é apontado como o lugar de eficiência e de excelentes resultados. O serviço público carrega consigo características depreciativas atribuídas tanto aos órgãos em si quanto aos servidores que neles trabalham. (RIBEIRO e MANCIBO, 2013, p. 199).

Iamamoto aponta que os problemas são "deslocados da estrutura social para os próprios indivíduos e grupos considerados como responsáveis pela sua ocorrência." E, sendo responsáveis, são chamados à mudança de comportamento, "tendo em vista seu ajustamento social, contribuindo assim para remover obstáculos ao crescimento econômico". (IAMAMOTO E CARVALHO, 1983, p. 118).

Referendamos os posicionamentos das autoras quanto às penalizações transferidas aos trabalhadores e entendemos que, além de ser imputada a ineficiência das instituições aos trabalhadores, esses, muitas vezes, não têm consciência dessa dimensão maior, uma vez que quando perguntados sobre a

responsabilidade das condições de trabalho por eles apresentadas, recorrentemente reportam à má gestão, referindo-se aos chefes imediatos ou de setor, no máximo uma diretoria ou não sabem nem explicar os absurdos que vivenciam. (...) *"o serviço tem uma certa desorganização... não sei se é na estrutura dele ... eu não sei nem explicar direito como é que seria isso mas assim ... é uma desorganização que prejudica bastante o andamento do trabalho."* (T5).

Um dos trabalhadores do Grupo C começa falando que as condições de trabalho são razoáveis e, à medida que fala, seu tom de voz se eleva e ele volta a falar que as condições são razoáveis, embora todo seu relato evidencie um descaso do poder público, como ele mesmo diz. Por fim, ele suspira e diz: "é... desabafo certo?!"

No momento as condições de trabalho são razoáveis, o fato de ... o lugar que eu trabalho é.... tem muita sujeira ... tem o risco da dengue e outras doenças né é .... é razoável né ... não é ideal ... a gente se sente inseguro, você sabe que tem risco né ... então é uma coisa que tá no Brasil inteiro a epidemia então a gente precisava de mais atenção que o poder né ... que a prefeitura poderia estar olhando melhor isso lá no pátio né! As condições de trabalho estão muito aquém do que a gente imagina não é boa é ... o piso não te dá condições você trabalha em condições precárias então não tem aquelas condições normais que um lugar de trabalho exige (...)então as condições de trabalho não são boas por causa de espaço e a ferramentaria ... né tão tudo é ... **defasado certo?** a modernidade chegou e nós não temos ferramenta pra poder atender os carros novos que estão chegando aí no mercado então a gente não tem ferramenta Trabalha com as ferramentas antigas coisas que não se usa nas oficinas lá fora então trabalha com equipamento ultrapassado ferramentas ultrapassadas... é (...) desinteresse da chefia e também (...) da prefeitura atuar mais na parte da higiene da limpeza do espaço de trabalho existe muita sujeira muito entulho (...) é ... as coisas andam assim é ... ah! ... (pausa) o desinteresse da chefia em melhorar o lugar do trabalho em melhorar as condições do trabalho não tem interesse. (T12). Grifos nossos).

Observamos ainda percepções que se restringem ao seu setor de trabalho como se este fosse autônomo de todo o resto do sistema organizacional da prefeitura, bem como de sua política de administração e da lógica maior da estrutura social. A esta situação, Lucáks faz uma crítica "da natureza reificada e fragmentada da vida e da experiência humana sob o capitalismo" e a consequência para a consciência do trabalhador que "não

percebe a totalidade das relações sociais e econômicas.” (LUCÁKS *apud* BOTTOMORE, 1988, p. 226).

Dois dos entrevistados relataram que as condições de trabalho estão boas, uma vez que no setor onde estão lotados tudo está funcionando bem, no que diz respeito a suas atividades. Outros dois restringem as condições de trabalho ruins à falta de material. Outros dois dizem que o espaço físico para o desenvolvimento de seus trabalhos específicos deixa a desejar (T12) e, uma delas expressa - "*eu **tenho o desejo** de formar grupos... trabalhar com grupos com palestras (...) mas eu não tenho esse espaço... nós não temos um auditório no nosso setor né... nem uma sala de reunião para fazer isso, mas com relação ao resto... tá tudo bem...*" (T11). Essa fala nos mostra o quão apartados do sentido de totalidade estão esses trabalhadores e fazemos nossas as palavras de Weil - "Como abolir um mal sem ter percebido com clareza em que ele consiste?" (WEIL, 1996, p. 42).

Uma das entrevistadas do Grupo B, readaptada, fez uma explanação emocionada sobre as péssimas condições de salário, acarretando a intensificação da jornada de trabalho por parte dos professores, e da falta de compromisso do sindicato com a causa dos trabalhadores.

(...) por exemplo há uns três anos atrás ... (...) o prefeito mandou enxugar as escolas e demitiu não sei quantos contratados e tirou professor de apoio e foi tirando ... tirando ... em nome de se enxugar uma máquina né quer dizer as nossas professoras contratadas aqui eram da sala de alfabetização quem é que pensou nesse aluno que criou uma relação com essa professora? (...) e ai eu também acho que nesse momento o sindicato também não fez nada sabe tava tirando professores de dentro da sala tava enxugando tava tirando professor de apoio que é esses que tava de fora pra ajudar e ai as vezes as coisas são somente repassadas (...) (T8).

#### **5.4. Relações interpessoais**

A quase totalidade dos entrevistados, onze deles, relatou ter relações de companheirismo com os colegas de trabalho e usuários dos serviços. Uma diz ter muitas dificuldades com a atual chefia por entender que é pouco comprometida com os usuários (T2). Uma trabalhadora disse ter relações cordiais com os colegas e com a chefia, tendo também um bom relacionamento com os usuários (T5); um deles diz ter muitos conflitos com os colegas e

chefia, mas procura não levar para o lado pessoal uma vez que os conflitos se associam a posturas na condução com os alunos em sala de aula (T6).

Um dos entrevistados falou de um enorme companheirismo com os colegas de jornada, que são verdadeiros amigos, mas, com a chefia, deixa a desejar porque, segundo ele, seu chefe é contratado, não conhece do trabalho que supervisiona, no entanto, quer mostrar serviço e mandar, mesmo não sabendo. (T12).

Com os colegas é muito bom né é ... com a chefia é regular a chefia é ...a chefia ela é ... nem sempre ela é um chefe que tenha conhecimento na área então a relação não é muito boa pelo fato dele não ter o conhecimento do serviço então aí é ...regular ... (...) a pessoa não entende e quer que você faça uma coisa que você com sua experiência sabe que não tá correto ... não tá correto e eu tenho que fazer porque o chefe o encarregado exige que eu faça mesmo ele não tendo conhecimento (...) e ele percebe mas ... quer usar de autoridade - "Não! Eu quero que você faça! (...) Dá um sentimento de ... de... de... fazer a coisa errada ... se fazer certo ... é muito mais prático fazer certo ... né e a pessoa não te dá atenção naquilo. Ele pede que seja feito do jeito dele e não do jeito correto. (...) ...dá um sentimento de ... **impotência ou seja de ... não poder contribuir mais com o serviço, né.** (T12). Grifos nossos).

Uma trabalhadora do Grupo A (T3), em vários momentos da entrevista, aborda a questão das contratações de trabalhadores, via terceirização ou contrato administrativo, como fator que dificulta as relações interpessoais.

Eu acho que é complicado porque o jogo de vaidades acaba que sai sempre ... a corda arrebenta sempre pro lado mais fraco e na prefeitura (...) tem um jogo do concursado e do contratado né. É uma diferença assim muito grande porque o contratado sempre não tem a estabilidade do efetivo mas ao mesmo tempo quer mostrar serviço pra ... pra continuar o contrato né porque o contrato tem um prazo de validade um encerramento mas ele quer mostrar serviço a qualquer custo (...) e (...) ainda tem coragem de falar (...) que você tá escondendo do serviço entendeu ... na verdade você acaba sendo ... criando inimizades porque você se sente no meio do Butantã né porque você não tem assim ... você não sabe em quem confiar né porque o quadro de funcionários que eu trabalhava praticamente aposentaram todos entendeu aí os que estão lá agora são outras pessoas e essas pessoas são contratadas são pessoas mais jovens são pessoas que não tem tanto compromisso entendeu e você vê que são pessoas que não tem compromisso com a unidade não tem compromisso com o funcionário com o paciente ... (T3).

A fala dessa trabalhadora vem de encontro com nossas reflexões acerca das consequências da terceirização, tanto para os trabalhadores efetivos quanto para os contratados, gerando disputas e hostilidades no ambiente de trabalho, para além do desmonte dos direitos trabalhistas.

Ela ainda aponta como consequência da terceirização o sucateamento da atenção ao usuário da saúde, que fica no meio do "fogo cruzado" das disputas entre os trabalhadores. "*É prejudicial porque nem sempre as atitudes dos colegas é em benefício do paciente... é em benefício deles mesmos*" (T3), se referindo aos "*contratados que querem mostrar serviço*". (T3).

Lourenço referenda as palavras da trabalhadora quando diz que "a situação de trabalho dos terceirizados potencializa os índices de vulnerabilidade social e fragiliza os direitos, dificultando qualquer garantia trabalhista e perspectiva funcional." (LOURENÇO, 2015, 453).

### 5.5. Relação entre trabalho e adoecimento

Dos quinze entrevistados, dez relataram algum tipo de adoecimento (sendo cinco trabalhadores do Grupo A, três do Grupo B e dois do Grupo C), sendo que sete deles fazem alguma relação do adoecimento com as condições de trabalho e três compreendem tratar-se de adoecimentos relacionados à idade, embora estejam na faixa dos cinquenta anos. Oito dos trabalhadores adoecidos fazem algum tipo de tratamento. Nota-se, no entanto, que, em sua totalidade, os entrevistados apontam que a saúde está intrinsecamente ligada a comportamentos e atitudes pessoais, mais do que a qualquer outro fator. Atitudes como: cuidado com a alimentação, prática de exercícios físicos e ainda os aspectos hereditários. Três dos entrevistados apontam que "*pensamentos positivos*" contribuem para manutenção da saúde.

Minha saúde tá bem graças a Deus eu faço tratamento com o Doutor Josiel sou hipertensa mas graças a Deus eu nunca ... nunca cheguei assim num ponto assim de cair porque minha medicação é em primeiro lugar eu tomo pra mim estar bem né aí eu tomo direitinho ... a minha alimentação também eu procuro sempre alimentar adequadamente do jeito que ele me explicou e graças a Deus **sou muito difícil de pegar licença porque eu não gosto mesmo!** (T2 – Grupo A)

Bom minha saúde é ... eu tô com cinqüenta e um anos de idade Eu me sinto bem mas acho que poderia me sentir melhor Uma vez que

se eu tivesse mais tempo né pra cuidar de mim mesma mas a gente não tem então o que a gente faz as poucas coisas que a gente faz pra gente tá acudindo a saúde da gente né porque a gente veio é eu já entrei num período né há dois anos atrás num estado depressivo né foi é.. assim um acúmulo de atividades de rotinas da gente mas graças a Deus consegui me recuperar (...) pelo meu desejo ... desejo de me sentir bem de estar bem né desejo estar dentro de uma sala de aula de tá cumprindo com o meu dever tanto em casa quanto no trabalho né Então assim eu busco é ter pensamento positivo e me sentir né cada vez melhor ... (...) é o cuidado mesmo né principalmente da mente né é ... a gente que a gente vê muitos colegas de trabalho né se deixando se levar pelo negativismo né pelo nervosismo dentro do ambiente de trabalho ... (T 7).

(...) eu tive que fazer duas cirurgias no joelho por causa dessa rampa não é só por causa da rampa junta tudo mais acontece que né acaba né agora eu tô limitada tem essas estantes a gente tem que tá abaixando pra arrumar quando vai arrumar eu tenho que tomar cuidado tenho que pegar banquinho tenho que por pra perto eu não posso esquecer e abaixar de uma vez então assim a gente tem as limitações assim também não é só eu acho que a gente fala na questão do local de trabalho mais vai juntando na idade peso mais o local de trabalho se a gente pudesse trabalhar num lugar né ...que não tivesse essa rampa por exemplo eu tenho que evitar o máximo ficar subindo e descendo então eu tenho que chegar de manha fazer tudo que eu tenho que fazer aqui em cima porque geralmente eu desço só pra ir embora é assim comigo olha eu já operei os dois joelhos a minha colega também já operou a outra tá precisando operar mas tá segurando o máximo e a gente trabalha num local que é ...o medico falou que não é insalubre mas é ... a gente mexe com muita poeira muito mofo né a gente recebe muita doação de livro ... livro assim aqueles livros que ficam guardados muito tempo junto com inseticida aqueles trem tudo sabe livro que chega com coco de rato coco de barata e a gente tem que mexer com aquilo tudo sabe então assim mesmo o médico falando que não é insalubre é insalubre sim. (T13).

Uma entrevistada não relaciona adoecimento a trabalho, mas diz que trabalha menos porque trabalhar menos significa ter mais saúde, no seu entendimento.

Ah ...minha saúde ela está bem sabe ...assim ... já tive uns probleminha de coluna ... por causa de postura né falta de observação ... não é excesso de trabalho não às vezes é até em casa. Pois é ... eu acho que essa condição aí são todos os fatores fator idade fator eu acho que também ...hoje sei que o açúcar na alimentação leva a descalcificação e infelizmente a gente é movido a açúcar desde cedo né (...) a questão hereditária também ... quando somos jovens queremos fazer tudo ...pega peso ... faz faxina na casa ... (...)... eu acho assim que a minha saúde pela idade que eu tenho está muito bem sabe ... (e isso se deve) ao contato com a terra contato com o sol não trabalho oito horas (...) foi uma opção minha ganhar menos e trabalhar quatro horas por dia então essas quatro horas que me restaram que eu fico em casa eu acho que é condição de saúde né é menos stress ... (T11).

Chama-nos a atenção que duas trabalhadoras do Grupo B apontam relações estreitas entre adoecimento e trabalho pelo fato de se ter mais de um cargo, não tendo, assim, tempo para se cuidar. São percepções estanques do contexto mais amplo da estrutura social, como dissemos acima. Não fazem a leitura de que trabalham mais, por exemplo, para complementar a renda, mas colocam como um fator exclusivamente pessoal.

Olha ... (tenho boa saúde porque) ... é ... eu acredito que eu procuro me alimentar bem na medida do possível fazer uma atividade física (...) e principalmente estar bem mentalmente né ou psicologicamente falando né eu acho que tudo isso permite estar bem no trabalho estar bem com família isso faz com que isso reflita no seu corpo também né ...eu acho que o fato de trabalhar menos eu to trabalhando só um horário quando eu trabalhava dois ou três horários eu não tinha essa possibilidade eu tava mais gordinha porque ficava ansiosa né então o trabalhar menos é ... eu acho que se dá esse fator (de saúde). (T10).

Chama-nos à atenção em uma trabalhadora, que considera ter boa saúde, o fato de ter bons exames laboratoriais, mesmo fazendo o uso de medicações e se considerar muito ansiosa, como no relato abaixo.

Oh eu penso assim ... todos os exames que eu faço exames clínicos tá bem né a minha hipertensão é controlada eu tomo medicamento todas as manhãs agora a minha questão de saúde é assim .... eu sou muito ansiosa ... a ansiedade me atrapalha um pouco né ... agora ... a questão clínica, por exemplo colesterol, diabetes, triglicérides..... sempre que eu faço os exames, tá tranquilo ... eu acho que é isso ... eu acho que (minha boa saúde) se deve a essa realização mesmo ... sabe... eu tenho um trabalho que me satisfaz eu tenho um salário que não é tão bom né ... (...) mas que me realiza ... dá prá mim viver ter uma vida familiar boa então né ... isso me dá essa condição de ter saúde ... essa tranquilidade né ... então eu penso que é uma realização tanto pessoal quanto também sou feliz na minha vida de família e com o trabalho ... (...) financeiramente eu poderia tá ganhando mais mas o meu pai sempre fala uma coisa: 'olha minha filha se você ganha dez salários mínimos você gasta dez salários mínimos ... se você ganha três você vai gastar três' ... então eu tenho sempre isso comigo eu acho que é essa condição que me dá ... ser feliz que é o mais importante né. (T9).

Em vários depoimentos os trabalhadores relatam a importância e a necessidade de cuidados pessoais para a garantia de boa saúde e qualidade de vida e entendem que essa questão se resolve com a conquista de bons salários. Isso nos parece uma evidência de que há uma redução do que vem a

ser boas condições de trabalho, uma vez que entendem que o auto - cuidado é externo ao trabalho, não se fazendo a reflexão de que boas condições de trabalho e a realização de um trabalho que faça sentido à vida são fatores promovedores de saúde.

Essa lógica de se ter bons salários como garantia de qualidade de vida é, a nosso ver, falaciosa, pois, muitas vezes, cai numa circularidade - ter que trabalhar mais para ganhar mais e assim conseguir consumir bens e serviços que proporcionam boa saúde e qualidade de vida para ter as condições de bem trabalhar e, assim, ter uma vida com qualidade, que resulta, por sua vez, em ter boa saúde. Fecha-se, dessa forma, um círculo sem fim, como nos aponta Arendt. (ARENDR, 2014).

(...) A perplexidade do utilitarismo é que ele é capturado pela cadeia interminável de meios e fins sem jamais chegar a algum princípio que possa justificar a categoria de meios e fim, isto é, a categoria da própria utilidade. O "a fim de" torna-se o conteúdo de 'em razão de'; em outras palavras, a utilidade instituída como significado gera a ausência de significado. (...) as próprias coisas 'valiosas' tornam-se simples meios e, com isso perdem o seu próprio 'valor' intrínseco. (ARENDR, 2014, p. 191-193).

Essa utilidade que nos aponta Arendt é evidenciada em algumas das falas dos entrevistados:

Ue sei lá pensando aqui nos determinantes desse processo de saúde e doença ter condição financeira pra sei lá pra eu pagar minha terapia pra eu pagar eu pagar meu pilates pra eu me cuidar pra eu me alimentar do jeito que eu me alimento pra eu morar numa casa que é assim agradável arejada é né num lugar que é também agradável que é em paz assim essas questões econômicas. (T5)

Se a minha saúde não tá boa eu não vou trabalhar bem se o meu trabalho não tiver bem eu vou adoecer ainda mais igual eu tô te falando meu fator de ansiedade se eu não tiver bem aqui eu vou né ... ficar com dores ... com muitos fatores que vai me influenciar porque a ansiedade se você não controla o que vai acontecer? vou comer mais ...vou ter dor de cabeça .... (T9).

Chamou-nos a atenção uma trabalhadora (T8) que relata inúmeros problemas de saúde decorrentes do trabalho e que está em readaptação. Ela fala de sua luta ao longo de quase vinte anos de atuação na educação. Foi uma longa entrevista e, em vários momentos, percebemos que, em sua fala,

também não tem uma compreensão da situação de trabalho vinculada a estrutura social.

Essa trabalhadora nos remete à questão da vocação para a educação e de uma entrega quase missionária à profissão. Ela está doente por causa do trabalho. Percebemos orgulho em sua fala como forma de demonstrar seu grande amor pelo que faz.

Readaptada, saiu da direção escolar, onde nunca achou que sairia. *"Eu tinha uma relação estreita com a comunidade e eu conseguia fazer tudo que queria fazer porque a comunidade me apoiava!" (T8).*

(...) antes a gente via uma maioria que trabalhava meio horário hoje é raro os que trabalham meio horário **tem dois cargos prá ajudar nas despesas da casa** então eu penso que quando **eles vão adoecendo** e essa doença chega num ponto crítico vem a readaptação funcional mas eu acho que ela vem das condições de trabalho hoje em dia o ser professor em sala de aula por exemplo: por que que eu tenho uma boa relação com as professoras da escola? ... **é porque eu sei o que elas passam** (...) e tem outras pessoas na rede com essa situação né ... aqui na escola mesmo (...) **nós estamos com uma professora** (...) que tá trabalhando com microfone pra ver se não piora (a voz) né ... o que eu passava de madrugada fazendo plano de aula planejando coisas... (...) quantas vezes eu fazia quatro planos de aula para minha sala de alfabetização ... (...) **prá quem quer trabalhar realmente é um stress imenso** ... né! (T8). Grifos nossos).

Diante dessas observações, formulamos à trabalhadora algumas perguntas sobre os processos de readaptação e ela discorreu sobre os muitos sofrimentos por que passam os trabalhadores em situação de readaptação, como no trecho abaixo:

(...) quando a pessoa entra de laudo ela perde a lotação isso eu entendo ... porque às vezes a escola que ela está não tem aquela vaga ... e aí faz a readaptação que ela precisa ... foi o meu caso ... quando eu vim prá cá eu saí de dezesseis anos da escola (...) que eu amava que eu tinha uma relação com a comunidade intensa e lá não tinha vaga pra secretaria e biblioteca então prá mim ... eu ... foi um corte imenso! (T8).

Detivemos-nos nessa trabalhadora de modo peremptório, tendo em vista as singularidades que nos trouxeram essa entrevista e vamos a ela incorporar

outra trabalhadora, também em readaptação, pois percebemos um traço comum entre as duas - uma tristeza intrínseca e um sentimento de humilhação.

Esses traços nos levam a uma reflexão com Weil que aponta para a questão da infelicidade como impedidora da atividade de pensar e a humilhação como criadora de "zonas proibidas nas quais o pensamento não se aventura e que estão cobertas pelo silêncio e pela mentira". E a autora ainda diz que quando se trata de uma "infelicidade profunda e permanente," as queixas essenciais são silenciadas e encerram as pessoas como que numa ilha. (WEIL, 1996, p. 167). (Ver também, SCHELER, Max. El resentimiento en la moral. Buenos Aires: Espasa-Calpe Argentina, 1944).

No momento né como eu falei ... eu tô readaptada em função disso eu tomo alguns remédios mais graças a Deus eu tenho acompanhamento medico e tô bem ... dentro do possível to muito bem (...) foi o conjunto de coisas né como o medico me falou deixa uma lâmpada acesa o dia todo pra ver se ela vai funcionar ela vai queimar então o que aconteceu comigo pode ter sido isso ... mas eu prefiro não falar ... (T 1).

Um trabalhador do Grupo A faz relação das condições de trabalho com sua experiência de adoecimento e revela uma descrença com o trabalho, embora gostaria de poder trabalhar como aprendeu.

(...) Essa dificuldade né do dia a dia das condições de trabalho né elas não são de hoje elas são de bastante tempo e assim eu já é ... entendendo ou imaginando nossa que dava pra fazer (diferente) que dava pra mudar nossa olha é ... (e pensava) não é possível não pode ser só isso não pode ser assim e ai fui tentando fazer diferente fazer na verdade nem sei se é diferente mas fazer é ... trabalhar (...) do jeito que eu aprendi... e eu literalmente eu adoeci tirei uma licença médica - a primeira licença medica da minha vida foi porque eu adoeci! ... eu tava ... eu realmente não fiquei bem.(T5).

## **5.6. Expressões da Violência e sofrimento nos espaços de trabalho**

Abordaremos neste tópico situações de violências e agressões explícitas ou implícitas, muitas vezes, não identificadas enquanto tal (por serem naturalizadas e consideradas intrínsecas e inerentes aos processos de trabalho e à condição de ser trabalhador).

Os trabalhadores relatam situações ocorridas com colegas de trabalho, com usuários e na comunidade onde a instituição está inserida. Os trabalhadores do Grupo A quase em sua totalidade relatam situações de desrespeito tanto por parte dos colegas de trabalho como por parte dos usuários dos serviços, como podemos observar nas falas abaixo.

Várias vezes inúmeras vezes tanto por usuários assim de chegar falar que vai dar tapa na cara entendeu de ameaçar que vai agredir fisicamente de agredir verbalmente falar com palavras de baixo galão entendeu ... funcionários que chegam também a ofender entendeu falar que tá escondendo serviço apesar de você trabalhar tanto ainda tem pessoas prá falar que você está escondendo serviço ....apesar de você ta lá no corre corre pra lá e pra cá atendendo paciente a pessoa ainda ter coragem de falar pra você que você ta escondendo do serviço entendeu ai a mesma pessoa que você ta ajudando que você está do lado tá ajudando tá apoiando é a mesma pessoa que fala que você ta escondendo do serviço é o complicado da historia porque você na verdade tá trabalhando pra ..na verdade você acaba sendo ... criando inimizades porque você se sente no meio do Butantã né porque você não tem assim (...) você não sabe em quem confiar né porque o quadro de funcionários que eu trabalhava praticamente aposentaram todos entendeu aí os que estão lá agora são outras pessoas e essas pessoas são contratadas. (T3).

(...) uma vez até hoje eu não entendi ...uma funcionária chegou o dedo na minha cara me chamando de malandra sabe (...) por causa de uma pequena coisa porque uma chefe pediu pra mim ficar em outro serviço e falou que era pra mim deixar as comadres e os marrecos pra ela juntar que ela trabalhava no material e eu que juntava os marrecos e falou assim você vai ficar na rouparia direto pra deixar pra ela juntar os marrecos aí ela veio e chegou o dedo na minha cara que eu tive até que afastar o rosto porque se não o dedo ia pegar no meu nariz e eu não tive nem resposta porque nessa hora eu baqueei eu comecei foi a chorar entendeu aí o chefe veio e todo mundo perguntou se eu ia fazer alguma coisa e a resposta que eu disse foi não não vou fazer porque hoje eu acho que não era o dia dela entendeu então isso aí eu pensei assim uai que falta de respeito achei que ela não tava bem no dia dela depois eu fui pensar também bastante eu acho que ela tinha problema em casa tinha um filho que mexia com drogas tinha uma filha daquelas síndrome de down né então eu deixei eu pedi a Deus pra tirar aquilo da minha vida e seguir em frente (T2).

O trabalhador abaixo aponta que as más condições de trabalho se configuram como desrespeito ao trabalhador, bem como pressões imputadas ao trabalhador por questões da estrutura da instituição.

(...) assim... desrespeitado é o tempo todo... Ué enquanto profissional principalmente ... assim você... você se não tem lá as ferramentas necessárias para você trabalhar você chega de manhã eu trabalho de manhã ai a sala outras pessoas estão usando a sala pra dormir por exemplo e a sala tá suja e é um sujo de não é sujo do

dia a dia mas a pessoa por exemplo ela se alimentou na mesa do seu trabalho e deixou lá resto de comida é esse tipo de coisa assim então esse desrespeito enquanto profissional assim ... ele acontece com muita frequência o fato de você não tá conseguindo né enfim você não ter as condições de trabalho assim e as vezes você ser pressionado por causa das questões de estrutura ai acaba sendo pressionado pra você resolver eu acho isso um desrespeito. (T5).

Creemos importante fazer um paralelo das falas de um trabalhador do Grupo A com o trabalhador do Grupo B. Ambos falam de questões relativas aos usuários/alunos, respectivamente, mas a visão de ambos é bastante contrária. O trabalhador do Grupo A, (T4), sente-se pessoalmente ofendido com o não reconhecimento de seu trabalho por parte dos usuários, não aparentando nenhuma reflexão do porque o usuário não ter esse reconhecimento, ao passo que o trabalhador do Grupo B (T6) coloca-se no lugar do outro, que são os alunos e seus pais; faz uma leitura do contexto de vida dessas pessoas, sai da posição central do ocorrido e não se ofende com a situação.

Eu me sinto desrespeitado quando eu sinto que o paciente não dá o valor devido ao tratamento eu sempre me empenho muito no tratamento dos pacientes às vezes faço ate mais do que é preconizado e eu sinto que o paciente muitas vezes não reconhece isso. (T4)

Olha às vezes os meninos eles ou às vezes até mesmo os pais dos meninos ... há situações em que eles são agressivos mas isso não faz com que eu me sinta agredido se de alguma forma eu compreendo né a posição que eles estão por exemplo se eu compreendo a situação que a família tá vivendo que aquela criança aquele adolescente está vivendo é eu até sinto eu às vezes percebo por exemplo que ele me agride quando na verdade ele quer agredir toda uma situação que ele tá vivendo então eu consigo perceber isso então isso não me faz ... né isso não faz com que eu me sinta agredido de forma alguma (T6).

E o mesmo trabalhador do Grupo B também reflete quanto a questões institucionais como desrespeitosas para com os trabalhadores de modo geral.

Então ... agredido não desrespeitado ah já houve muitos em que eu me sinto como professor desrespeitado pela burocracia pela .... pelas decisões que são muitas vezes é... tomadas de uma forma não muito democrática pelos espaços gestores né e que não levam em consideração aquilo que vem sendo discutido e produzido na sala de aula pelos docentes de forma geral nesse sentido muitas vezes há desrespeito eu diria que ao longo da minha carreira já ouve muitos momentos em que eu me senti desrespeitado e ai não era eu só eu

sentia que era um desrespeito com todo um conjunto de profissionais e eu também me sentia desrespeitado (...) assim ... eu pessoalmente agredido nunca me senti não. (T6).

Outros relatos quanto à questão do desrespeito e violência no espaço escolar:

Não nunca .... eu acho assim que esta questão dos pais é..que as vezes chega pra você e né demonstra uma certa insatisfação com a escola ah porque meu filho não aprende olha só então quer que a gente faça mágica e ai às vezes a gente já chamou esses pais e eles não fizeram o que a gente propôs então assim as vezes é frustrante nesse sentido porque a culpa recai sobre a escola e sobretudo sobre o professor o que no entendimento do pai é culpa da escola e do professor que não conseguiu fazer com que esse aluno evoluísse mais é.. geralmente é por falta de um encaminhamento que a gente faz por exemplo que o pai não ouve que não atende e quer que seu filho aprenda mais (...) isso dói poxa nossa ... chamei esse pai quantas vezes falei da dificuldade do filho ele não ouviu e agora recai sobre você né é ... eu acredito que (...) agressão é aquilo que te deixa mal não é ... também uma agressão física vai lá e dói beleza fica também lá na sua mente mas o que é dito também fica né ...é uma agressão emocional ... (T10).

Pois é igual eu que eu já tinha mencionado eu sofri há um tempo atrás eu percebi assim ... eu nem sei se foi uma agressão moral não acho que foi emocional mesmo que ficava me pressionando falava algumas coisas ... umas indiretas em reuniões e coisas às vezes que não tinha acontecido e ficava falando mas eu dei um basta também ... foi menos de um ano ... quando chegou no final do ano eu já pedi prá ... prá sair né ... eu lembro que essa pessoa que era minha chefe imediata ela falou assim ... é ... ninguém me agüenta mesmo eu falei não tô saindo por sua causa eu tô saindo por minha causa ... é prá questão de saúde eminha pode ficar tranqüila. ... então assim é eu não permito também eu falo que às vezes as pessoas fazem as coisas ... se você permitir eu não permito que me magoem e me tratem mal. (T9).

Uma das trabalhadoras ressalta a violência social que ronda as escolas, sendo imputada a todos no interior das escolas e das comunidades.

(...) eu não cheguei a sofrer agressão mas tem uma situação que eu acho muito grave é a questão do tráfico em volta das escolas ela é muito séria e algumas vezes eu sofri isso mais de perto quando eu tava na direção da escola é ... (...) eu tinha muito medo de alguém entrar e fazer alguma coisa ... teve uma situação numa festa junina que o traficante maior da região foi lá na hora que a gente tava preparando eu não sabia quem era ele e já me chegou chamando pelo nome mas prá minha sorte ele ficou lá pregando umas bandeirinhas da cabeça dele não sei o que ele arrumou depois ele olhou e falou assim vai dar tudo certo na sua festa e realmente eu não tive problema nenhum mas assim quando a gente tinha umas oficinas de capoeira na quadra e as pessoas ficavam beirando ali sabe teve situações que eu tive que enfrentar mesmo o tráfico assim

e eu tive que chamar pessoas pra conversar alguns eram ex-alunos ... confiando na relação que eu tive com eles alguns tinham sido meus alunos ... pedindo mesmo que não fizessem nada contra a escola mas a gente sofreu roubos arrombamentos agressão física eu nunca sofri mas é em alguns momentos alguma ameaça assim de pai alguma coisa sempre infelizmente a gente sofre (...) nós tivemos também alunos (...) que foram agredidos fora da escola por gangues e na época nós fizemos até um grande movimento eu tava no colegiado de diretores com o promotor da época e nós procuramos todas as instâncias conselho é ... conselho tutelar pra nos ajudar nessa violência principalmente no entorno da escola me preocupa o tráfico eu acho que a droga entra dentro das escolas infelizmente.

No grupo C, dos cinco entrevistados, dois afirmam não reconhecerem nenhum episódio de violência no interior dos espaços de trabalho. Dois trabalhadores relatam episódios envolvendo “os contratados”. Um deles relata ser constrangido pelo chefe que, segundo ele, não conhece o trabalho a ser realizado e, mesmo assim, impõe seu poder, conforme relato abaixo.

Desrespeitado né ... porque às vezes você quer realizar um trabalho que você tem conhecimento que você tem experiência e a **chefia como sempre ela vem de fora (Contratado)** e ela não tem aquele conhecimento então ela deixa a desejar e você não consegue fazer um trabalho da forma que precisa da forma correta **tem que ser feito da forma que eles querem que faça não da forma que deveria ser feito** então isso aí trás um constrangimento né você fica constrangido você quer fazer um trabalho bem feito né você exige ... é você fala oh! Tem que ser assim e na maioria das vezes: "não ... vão fazer assim ... então impõe aquilo que você tem que fazer e não aquilo que deveria ser feito. (T12).

Outro trabalhador também diz que foi agredido fisicamente por um colega contratado:

Não ... só um rapaz lá que queria ... um contratado que num tava fazendo o trabalho dele direito eu fui e expus à minha chefe e ele se sentiu ofendido foi pra cima de mim ... foi tirar satisfação comigo mais acabou que ele saiu porque ele tava errado foi retirado do trabalho foi transferido. (T15).

Uma trabalhadora, que em sua entrevista, relata inúmeros descasos por parte do poder público quanto ao espaço e condições de trabalho, não faz nenhuma relação desses fatos com violência ou mesmo desrespeito e diz já ter agredido uma colega de trabalho e justifica que ela era muito difícil. Termina

dizendo que “acabou” a amizade entre elas. Depois da entrevista, ela me disse que, quando se encontram na rua, elas não se cumprimentam. (T13).

Não... nada que ...assim pra te falar a verdade nunca tive nada de serio é coisa assim do dia a dia mesmo e às vezes você sabe que a pessoa tá estressada que a pessoa tá com problema ...”

(...) quando eu era coordenadora aqui tinha uma funcionaria aqui ... ela era muito assim muito complicada sabe (...) ela costumava sair (do lugar dela) e ela levava a chave e não dava noticia e vivia no balcão de empréstimo conversando com quem tava lá quer dizer ... além de não tá no lugar dela ... ficava atrapalhando os outros que tavam trabalhando e a gente vivia ... (...) às vezes eu ia lá embaixo ... ela tava lá sempre pendurada lá eu já dei umas duas brigas com ela lá embaixo ela até saiu daqui então assim ... acaba que são situações que vai juntando vai juntando .... então numa hora você estoura então foi essa vez que a gente discutiu sabe ... então ... mas depois também ela foi embora ... **acabou** ... de vez em quando eu vejo ela na rua.” (T13). (Grifos nossos).

Segundo Marx, no processo de alienação, o trabalho deixa de fazer parte da natureza do trabalhador, o que impede sua realização pessoal, não sendo assim possível o desenvolvimento de suas energias. Dessa forma, o trabalhador não se sente realizado no trabalho, mas sente-se “exaurido fisicamente e mentalmente aviltado”. (MARX *apud* FROMM, 1979, p. 53).

Entrevistados dos três grupos revelam muito cansaço ao findar um dia de trabalho e o sentimento que expressam é de alívio por terem cumprido sua missão. Perguntamos se isso se trata de situações reveladoras de processos de violência no sentido de um trabalho extenuante, uma vez que em todos os relatos foram muito enfáticos tanto quando falaram do cansaço quanto do alívio.

Eu sempre saio de lá muito cansado e na maior parte das vezes eu sinto que eu cumpri meu dever fiz a minha parte. (T4).

Ao findar um dia de trabalho ... me sinto cansada!!! missão cumprida mas cansada muito puxado eu acho que tinha que ter mais pessoas pra dividir pra fazer o trabalho (...) e... o pessoal aqui adocece muito ... muito sabe (...) então acaba que a gente acaba trabalhando quase que sozinha então quando chega o final do dia eu to cansada (...) saio daqui com a cabeça desse tamanho oh! (Faz o gesto de cabeça grande). (T13).

As vezes muito cansada! muito cansada mesmo... tem dia mais tranqüilo mas de um modo geral (...) muito cansada!!! (T1)

Cansada ... cansada eu sinto mesmo um cansaço é ...(...) mas essas questões mesmo ... minha ... de ortopedia eu falei mais da coluna mais eu tenho um desgaste no joelho então ao final do dia tá doendo ... o pé tá inchado porque vem a sobrecarga do corpo todo né então eu costumo sair bastante cansada. (T8).

Ao findar um dia de trabalho .... sinto um alívio! um alívio! um alívio!  
 Uai é um alívio um alívio muito grande assim é e no caso do plantão  
 assim nossa é a sensação que eu consegui cumprir aquele plantão  
 do mês eu acho também assim tão aliviante! (T5)

Um trabalhador do Grupo C, durante a entrevista, refere-se ao final de semana como o melhor momento, embora sua expressão seja de enfado quando diz que o final de semana é longo; e de alegria, quando chega a segunda-feira. Ele ainda confunde a segunda-feira com a sexta, como veremos abaixo.

Final de semana ele é grande ... ele é grande eu acho ele grande sabe ... eu tenho tempo ... ele sobra dá prá fazer tudo que eu quero fazer certo? e ainda sobra tempo ainda eu acho muito grande o final de semana. Me dá um sentimento gostoso porque ele tá grande ... segunda-feira tá longe né então me sinto bem com isso. Nossa agora que é meio dia do sábado né nó agora que seis horas da tarde de sábado então me sinto muito bem porque segunda -feira tá longe ainda. Então final de semana prá mim o tempo é grande ele custa a passar ... quando chega a segunda -feira, me dá aquela sensação assim agora vou ter que encarar as oito horas do dia novamente então você sente aquilo ... vou ter que deixar essa vida boa do final de semana e ralar ... tenho que trabalhar... no domingo à noite já vou sentindo que a segunda -feira está chegando então você começa a viver a segunda-feira já no domingo a noite né! Nó amanhã cedo eu vou ter que trabalhar então você começa a viver a segunda no domingo a noite. Vai dando nove dez horas você já se sente na segunda-feira e você vai deitar e aí a segunda já chegou Dá um sentimento de ... vou ter que trabalhar e ... dá um sentimento do dia a dia mesmo do trabalhador tem que trabalhar e domingo prá ele a noite já é uma segunda-feira... prá mim sexta-feira é o melhor dia da semana né principalmente a tarde né depois de meio dia prá frente a segunda-feira se torna um final de semana já segunda-feira é ... é .... é ... cerveja segunda-feira da cerveja agora mesmo está fechando o dia e eu tenho tempo para tomar minha cerveja com meus amigos e tudo ... (A entrevista se deu numa sexta-feira à tarde).

### **5.7. O Centro de Referência à Saúde e Segurança do Trabalhador - CRESST**

Um último aspecto a ser abordado diz respeito ao conhecimento ou não por parte dos trabalhadores de um órgão ou setor que seja referência à saúde e segurança do trabalhador da Prefeitura Municipal de Divinópolis.

No Grupo A, dois trabalhadores dizem conhecer o CRESST e nenhum deles o tem como uma referência, conforme os relatos abaixo.

Tipo assim é... eu fiz o meu tratamento particular porque eu já conhecia a médica e preferi fazer o tratamento com ela ...agora assim .... as unidades de saúde eu não tenho o costume de ir na unidade de saúde mas ... que eu tenha conhecimento não.... pode ser que exista e eu não tenha conhecimento.” Não ... eu faço meu tratamento tipo na ginecologia eu faço pelo plano que eu pago e tipo assim quando eu adoeço tipo assim uma alergia eu procuro..sei assim eu conheço a unidade de saúde assim eu não sei como funciona agora se tem assim algum direcionado eu não tô a par não (T1)

Uai deixa eu ver eu nunca procurei isso eu nunca Virginia eu ... eu não vou te responder eu nunca procurei. (T2).

“Que eu tenha acesso não ... Conhecimento eu sei assim ... que tem psicólogo no CRESST que você pode ir até lá entendeu ... tem nutricionista mais é aquela questão a falta do tempo pra ir até lá e saber se tem agenda pra atender também né porque é uma pessoa só pra atender mais de cinco mil usuários né ... quase cinco mil funcionários públicos então eu creio que seja bem sobrecarregada né prá ser atendido também é complicado .... (T3).

Olha ... eu não tenho conhecimento não (T4).

eu ... que eu saiba e sei bem pouco ... é o próprio CRESST né no atendimento psicológico que eu saiba porque atendimento medico é só lá a coisa parece ser bem bem pelo menos as vezes que eu fui lá foi protocolar atestado justificar coisas de saúde mas tratamento ... eu fiz em outros lugares assim que eu saiba é só atendimento psicológico que lá tem não conheço outro não. (T5)

Os trabalhadores do grupo B, igualmente, em sua maioria, dizem não conhecer ou reconhecer o CRESST enquanto seu propósito. Um dos trabalhadores (T6) explicita a diferença do cuidar da saúde e do cuidar da doença. A trabalhadora (T7) compara essa atenção com a que tinha enquanto trabalhadora do Estado, que tinham palestras e orientações preventivas quanto ao cuidado com a voz.

Tinha né o PAS que era o programa de assistência ao servidor mas ele foi extinto agora né então o PAS já não existe mais então você não tem um setor específico tem a Secretaria de Saúde tem é ... o...esqueci inclusive o nome da sigla mais assim que atende aos servidores ... mas eu acho que cuida mais da doença do que da saúde entendeu é isso que eu tô querendo dizer que cuide da saúde eu não vejo porque cuidar da doença é outra coisa né ... que cuida da doença tem ou seja que atende aos profissionais doentes tem ... aquele ... esqueci o nome ... que atende aos servidores quando estão doentes ... Pois é ... não cuida atende a doença mas cuidando dos profissionais para que não adoeçam ou para que evite o adoecimento né cuidar da saúde mesmo ... ai ele não existe existia o PAS que era um programa de assistência ao servidor que funcionou durante um tempo mas era ainda embrionário no sentido assim de que acho não chegou mesmo a estabelecer porque é preciso de um tempo para que se estabeleça uma cultura mesmo de ao invés de cuidar da doença cuidar da saúde né e isso ainda não existe isso não faz parte da nossa cultura ainda o PAS começou o trabalho nesse sentido mais ele deixou de existir era o Programa de Assistência ao Servidor é ...

e hoje não existe que cuide do servidor mesmo não ... como eu disse ... tem aqueles que atendem aos servidores quando estão doentes. (T6).

Não não conheço ... igual por exemplo na rede estadual que eu trabalhei a gente tinha né o programa da saúde vocal aí teve pra nós capacitação né ... teve palestras e um trabalho com a gente pra gente tá trabalhando a respeito da voz mas na rede municipal não ... ainda não chegou pra nós igual a gente teve no estado não. (T7).

nós temos o CRESST lá né que é o órgão de saúde do servidor vamos dizer assim eles atendem a questão de licença uma das coisas que a gente pediu foi profissionais de mais é.. especialidades porque nós temos lá clínicos gerais e psicólogos só né eu não vi chegar mais profissionais dessa área né o servidor ele não tem um centro que o atenda especificamente ou eu tenho né ou eu tenho um plano de saúde diga assim de passagem ... então o CREST ta lá ao meu ver da mesma forma que ele estava quando eu entrei pra Prefeitura da mesma forma então eu não vejo sabe esse esse atendimento especializado sendo ofertado para o servidor né. (T8)

Não ... mas eu sempre falo em reunião o governo teria menos problema se investisse mais na saúde do trabalhador mesmo né ... porque às vezes você vai procurar o CRESST né! Eu tenho plano de saúde mas tem gente que não tem então nem sempre é resolvido ali na hora ...é muito demorado é tudo muito moroso né! Então uma cidade seria melhor se a saúde fosse melhor acho que são os pilares né a saúde educação e segurança se tivesse um caminho bom dentro desses três pilares a gente teria habitantes mais felizes ... pessoas mais felizes .... né! (T9).

Eu conheço o CREST prá quando eu preciso de uma licença ... de uma licença medica tirando isso ocorreu poucas vezes eu num eu não tenho muita licença medica não tenho é uma foi licença maternidade nesses dez anos eu tirei quando meu marido teve uma aneurisma cerebral tirei quinze dias a licença maternidade né uma vez ou outra pra por exame de pré natal dengue e só então assim eu conheço, vou ao órgão quando realmente eu preciso né ... sempre que eu precisei eu fui atendida né (T10).

O Grupo C não difere dos outros grupos que, pouco ou quase nada, o reconhecem como órgão responsável por uma política de valorização do trabalhador, a não ser uma trabalhadora (T11) que reconhece o Serviço prestado pelo CRESST como relevante e faz uma leitura que nos chama a atenção:

Ali tem vários projetos né ... que trabalham com essa questão de saúde do trabalhador (...) buscam o trabalhador in loco principalmente aquele trabalhador (...) com muita licença de trabalho (...) aí a equipe multiprofissional vai ver porque está acontecendo isso e tentar de alguma forma ele se perceber nesse processo dele. (T11).

Olha ... que eu saiba é só o CRESST né ele dá tipo um paliativo né você faz exame periódico ... uma ... umas consulta que a pessoa faz né que eu saiba é só lá que dá um paliativo ... é um paliativo mesmo é só um artificial mesmo ... não cuida do funcionário ... um tratamento um exame a pessoa tem que buscar fora no plano de saúde ou então recorrer ao SUS né. (T 12).

Ah eu pra ser sincera acho que não pra cuidar assim mesmo do jeito que a gente precisa porque se precisa de psicólogo eu acho que nem

tem mais o CRESSST tem? eu acho que nem o CRESSST não tem mais eu acho eu acho assim que eu acho que tem não porque tudo a gente tem que pagar eu acho assim que eles poderiam dar uma melhorada naquele CRESS lá sabe mais parece que as coisas que tinha lá tá é tirando porque eu acho que eu ouvi falar que não tem mais psicólogo no CRESSST né então assim eu acho que falta eu acho que a prefeitura deveria investir mais na saúde do trabalhador na saúde no bem estar né melhorando o ambiente de trabalho dando prá pessoa equipamento condizente com o trabalho que ela desenvolve né tudo esse tipo de coisa. (T13).

Na prefeitura assim não conheço tem a SEMUSA mais a SEMUSA cuida da área toda né. (T14).

Que eu conheça não. (T15).

Sua fala nos sugere um posicionamento de imputar ao trabalhador sua condição de saúde/doença e desvinculá-lo da estrutura social, assim como em falas anteriores realçadas por nós.

Perguntamos se sua fala seria a representação de uma cultura entranhada no imaginário dos trabalhadores em geral, que imputa o adoecimento do trabalhador às questões pessoais, à falta de cuidado e investimento pessoal/individual, como vimos em falas anteriores. Esse entendimento sugere uma transmutação dos valores das empresas privadas:

Os estudos de Pina e Stotz (2011) sobre os acordos firmados pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC com as montadoras da região entre 2001 e 2008, apontam que em alguns casos, como no dos acordos firmados no período com a Ford, são considerados indicadores relativos à segurança do trabalho. Contudo, a presença desse indicador, expresso por meio da apuração de um Índice de Comportamento Seguro, não deixa dúvida sobre a concepção de segurança em questão. Os problemas de segurança na fábrica, longe de estarem relacionados às condições gerais e específicas de desenvolvimento do trabalho, encontram-se vinculados à postura do trabalhador, individualizada, frente ao processo produtivo. Nesse contexto, o acidente, quando ocorre, é fruto de um comportamento inseguro.). ANTUNES e PRAUN, 2015, p. 419).

Finalizamos esse tópico com a fala de uma trabalhadora do Grupo B, ao final de sua entrevista, quando foi questionada se gostaria de falar mais alguma coisa. Ela se expressa com muita veemência:

eu sempre falo em reunião o governo teria menos problema se investisse mais na saúde do trabalhador mesmo né ... porque às vezes você vai procurar o CRESSST né! Eu tenho plano de saúde mas tem gente que não tem então nem sempre é resolvido ali na hora ...é

muito demorado é tudo muito moroso né! Então uma cidade seria melhor se a saúde fosse melhor acho que são os pilares né a saúde educação e segurança se tivesse um caminho bom dentro desses três pilares a gente teria habitantes mais felizes ... pessoas mais felizes .... né! (T9).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A mais vulgar das verdades, na hora em que invade *toda a alma*, é como uma revelação." (WEIL, 1996, p. 453)

O presente estudo revelou a importância de se conhecer a percepção dos trabalhadores sobre seu processo de saúde/doença relacionado aos processos e condições de trabalho e permite-nos dizer que ampliamos em muito nossa compreensão acerca do tema proposto, mas, sobretudo, nos permitiu constatar que muito há para se desvelar aos nossos olhos; muito há para pesquisar sobre o tema e acreditamos que a parte quantitativa da pesquisa nos possibilitará um aprofundamento da mesma.

Ao trilhar os caminhos para realização dessa pesquisa, afirmamos que sua trajetória nos instigou a continuar o desvelamento do corpo social dos trabalhadores, mas também o nosso, ser pessoal-coletivo.

Vimos ao longo desse estudo que a política social que visa garantir e promover a saúde do trabalhador mantém o viés do capital e, embora vários setores da sociedade se mobilizem incessantemente para garantir a saúde e as condições de trabalho do trabalhador, nos deparamos com uma sociedade consumidora e desrealizante cuja "desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento do valor do mundo das coisas." (MARX, 1979, p.90).

WEIL nos aponta que o trabalhador absorveu, na intimidade de seu ser, os preceitos ditados pela lógica do sistema capitalista e que "todos nós sofremos uma certa deformação" decorrente dessa atmosfera do modo capitalista de produção. (WEIL, 1996, p. 137).

Com IAMAMOTO vimos que "o modo capitalista de produzir" pressupõe um "modo capitalista de pensar", pois, segundo a mesma autora, é imprescindível que haja "um mínimo de unidade na aceitação da ordem do capital pelos membros da sociedade para que ela sobreviva e se renove." (IAMAMOTO, 1983 p. 107/108).

Com Foucault vimos que o corpo do trabalhador foi assujeitado ao sistema capitalista de produção (FOUCAULT, 1982, p. 56) e com (MARX,

1979, p.90) que, quando a força de trabalho do trabalhador foi tornada mercadoria, nós, trabalhadores, também assim nos tornamos.

Ocorre que esse processo vem se fazendo ao longo da história, não sem lutas, por parte da classe dos trabalhadores e que a divisão social do trabalho, em todas as suas nuances - fordismo, taylorismo, toyotismo, administração pública gerencial, impôs ao trabalhador uma disciplina, que é também uma sujeição "que foi inventada (...) para quebrar a resistência de seus operários." (WEIL, 1996, p. 151).

A reforma gerencial inicialmente proposta pelo Estado pode ter sido pensada numa lógica e defesa da democracia, como defendem alguns autores<sup>11</sup>, o que pressupunha políticas de acesso universal e equidade. No entanto, entendemos que as bases para tal proposta não a sustentam, uma vez que seus princípios estão atrelados à lógica do mercado e sua justificativa nada mais é que uma orquestração do grande capital financeiro. (IAMAMOTO, 2008).

Com relação à Prefeitura de Divinópolis, o estudo revelou-nos, através dos entrevistados, que esta incorporou os preceitos da administração pública gerencial que se evidencia, segundo eles, no enxugamento de pessoal, bem como de materiais básicos e estruturas físicas inadequadas aos processos de trabalho.

A pesquisa revelou-nos que os trabalhadores sindicalizados da Prefeitura de Divinópolis consideram o trabalho fundamental para suas vidas e observamos que os três grupos pesquisados, Saúde Educação e Outros, de modo geral, convergem no sentido de reconhecer o trabalho como realização de valores humanos e de transformação pessoal, o que diverge de alguns dos aspectos teóricos por nós apontados em Marx e Weil, especialmente.

Outro aspecto que julgamos relevante enfatizar é que a pesquisadora destaca em concordância com Marx que o trabalho do homem alienado é "atividade como sofrimento (passividade), vigor como impotência, (MARX,

- 
- <sup>11</sup> DINIZ, Eli. Governabilidade, governance e reforma do Estado: considerações sobre o novo paradigma. Revista do Serviço Público Ano 47 Volume 120 Número 2 Mai-Ago 1996.

Globalização, reforma do Estado e teoria democrática. São Paulo em PERSPECTIVA, 15(4) 2001.

2004, p. 83). Ocorre que a maioria dos entrevistados reconhece o trabalho, mesmo que em condições precárias, como realizante e não como sofrimento. A positividade do trabalho é evidenciada por eles como muito superior a qualquer negatividade.

A quase totalidade dos trabalhadores considera como desrespeito as más condições de trabalho, mas também não vinculam esses fatores à estrutura social mais ampla, mas a questões gerenciais e pessoais.

Vimos, por parte de muitos dos entrevistados, a não vinculação das condições de trabalho com sua condição de saúde/adoecimento e que não relacionam tais processos à estrutura social mais ampla. Ao contrário, os trabalhadores remetem tais condições para as relações pessoais, seja com os colegas, os chefes ou a população usuária, população essa que frequentemente imputa aos trabalhadores as responsabilidades da ineficiência dos serviços prestados, culpabilizando-os pela não resolução de suas demandas, muitas vezes com violências das mais diversas formas.

No decorrer do estudo, algumas reflexões se fizeram presentes e necessárias, frente aos resultados encontrados. A partir das entrevistas, vimos que, de modo geral, os trabalhadores sentem-se realizados em seus trabalhos, em que pesem as condições precárias dos espaços físicos, a falta de materiais básicos para a realização de suas atividades, os materiais básicos de higiene, as relações de conflito nos setores onde se fazem presentes os contratados e terceirizados; o esgotamento físico ao final de um dia de trabalho, dentre outros. Perguntamos-nos: Qual é a dimensão dessa realização relatada pelos trabalhadores frente aos processos de precarização do trabalho e do trabalhador na sociedade capitalista?

A nosso ver, essa percepção evidencia um processo de alheamento de si e das questões sociais. Alheamento que captura os trabalhadores e os relega a uma invisibilidade social e sujeição às condições impostas para a execução de seu trabalho que, a nosso ver, se evidencia pela contradição de que, mesmo diante de precárias condições de trabalho e violações de direitos, os trabalhadores sentem-se realizados com seu trabalho.

Por fim, entendemos que, embora os trabalhadores se vejam e se sintam realizados, é imprescindível que políticas públicas sejam criadas e

fortalecidas para que o trabalhador amplie sua consciência, acesse seus direitos e conquiste sua emancipação.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 5a. edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADAM P, Herzlich C. Saúde, doença e suas interpretações culturais e sociais. In: Adam P, Herzlich C, organizadores. Sociologia da doença e da medicina. Bauru: EDUSC; 2001. p. 69-86.

ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – Precarização do trabalho e redundância salarial. *Rev. Katál. Florianópolis v. 12 n. 2 p. 188-197 jul./dez. 2009.*

ANDERSON, P. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E., GENTILLI, P. (Orgs). Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-23.

ANTUNES, Ricardo Luis Couto. Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_ O Toyotismo, as novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas do estranhamento (alienação). *CADERNO CRH*, Salvador, vol. 15, n. 37, p. 23-45, jul./dez. 2002. <http://www.cadernocrh.ufba.br/>

ANTUNES, Ricardo Luis Couto e PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015.

ARENDT, Hannah; A Condição Humana. 12a. ed. rev. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. 2006. Obra original publicada em 1977.

BARRETO, Margarida e HELOANI, Roberto. Violência, saúde e trabalho: a intolerância e o assédio moral nas relações laborais. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 123, p. 544-561, jul./set. 2015.

BATISTA, Érika. A Dialética da Reestruturação Produtiva: a Processualidade entre Fordismo, Taylorismo e Toyotismo. *Aurora, Marília*, v. 7, n. 2, p. 17-34, Jan.-Jun., 2014.

BARROS, Manoel de. Menino do mato. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BECKER, Howard S. Segredos e Truques da Pesquisa. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2008.

BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BOTTOMORE, Thomas Burton. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1988.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos e Peter Spink, orgs.(1998), *Reforma do Estado e Administração Pública Gerencial*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas: 21-38. *Gestão do Setor Público: estratégia e estrutura para um novo Estado*. Getúlio Vargas: 21-38.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de & NETTO, José Paula. *Cotidiano, Conhecimento e Crítica*. 6 ed. São Paulo, Cortez, 2005. P. 32.

COSTA, Fernando Braga da. Moisés e Nice: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. São Paulo: USP, 2008. 408 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. *Direito administrativo* - 27. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

FOUCAULT, Michel. M. Machado R, organizador. *O Nascimento da Medicina Social*. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal; 1982.

\_\_\_\_\_ *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

\_\_\_\_\_ *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 4a. ed. 1984.

DINIZ, Eli. Governabilidade, governance e reforma do Estado: considerações sobre o novo paradigma. *Revista do Serviço Público* Ano 47 Volume 120 Número 2 Mai-Ago 1996.

\_\_\_\_\_ *Globalização, reforma do Estado e teoria democrática*. São Paulo em PERSPECTIVA, 15(4) 2001.

FRANCO, Tânia. *Alienação do Trabalho: despertencimento social e desrenraizamento em relação à natureza*. *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 171-191, 2011.

FROMM, Erich. *Conceito marxista do homem*. Tradução de Octávio Alves Velho. 7a. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GIL, Antônio Carlos - *Como elaborar projetos de pesquisa*. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

\_\_\_\_\_ *Métodos e técnicas de pesquisa social* - 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOETHE: 1749 - 1832 In: FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 83-222.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 29.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Cap. 4, p. 79-108.

\_\_\_\_\_ A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 18.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. Cap. 4, p. 67-80.

HURREL, J. et al. (orgs.) Salud Social. In: ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TRABAJO. *Enciclopedia de Salud y Seguridad nel Trabajo*. Madrid: Ministério de Trabajo y Asuntos Sociales, 1998. p. 2-12.

HURREL, 1998; Fundación Europea para la Mejora de las condiciones de vida y Trabajo, 1997. Absentismo-doença na prefeitura municipal de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista saúde Ocupacional*).

IAMAMOTO, Marilda Villela. O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional - 3. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. Mundialização do capital, “questão social” e Serviço Social no Brasil. *Revista Em Pauta - Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro* No. 21, 2008.

IAMAMOTO, Marilda Vilela, RAUL de Carvalho. *Relações Sociais e serviço Social no Brasil: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. 2a. ed. São Paulo: Cortez; [Lima, Peru]: CELATS, 1983.

LACAZ, Francisco Antônio de Castro. O campo Saúde do Trabalhador/a: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. P. 759. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23(4): 757-766, abril, 2007.

LAZZARECHI, N. Flexibilização, desregulamentação e precarização das relações de trabalho. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 82- 102, 2015.

LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza. Terceirização: a derruição de direitos e a destruição da saúde dos trabalhadores. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 123, p. 447-475, jul./set. 2015.

LUKÁCS, György. Para uma ontologia do ser social I. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Scheider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.

MARTINELLI, Maria Lúcia. *Serviço Social – Identidade e Alienação*. 5ª. Edição. Ed. Cortez. 1997.

MARX, K. Manuscritos econômicos e filosóficos. In: FROMM, E. *Conceito marxista do homem*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 83-222.

\_\_\_\_\_. Manuscritos econômicos e filosóficos. Tradução, apresentação e notas, José Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. O Capital - Crítica da Economia Política Livro primeiro - O processo de produção do capital. Tomo 2 (Capítulos XIII a XXV). Editora Nova Cultural Ltda. Copyright © desta edição 1996, Círculo do Livro Ltda.

\_\_\_\_\_. MARX, K., ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Escriba, 1968.

MELO, Elza Machado de. Ação Comunicativa, Democracia e Saúde. Núcleo de Estudos sobre Saúde e Violência, Departamento de Medicina Preventiva e Social, Faculdade de Medicina da UFMG. 2005.

\_\_\_\_\_. Melo, Elza Machado. Podemos prevenir a violência. Elza Machado Melo/ Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2010. 278 p.: il. Serie: Promoção de Saúde e Prevenção da Violência.

MENDES, R. & DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador/a. Rev. Saúde públ., S. Paulo, 25: 341-9, 1991.

MERINO, Helena Béjar. El ámbito íntimo. Privacidad, individualismo y modernidad. Alianza Editorial, S.A. Madrid, 1988. p. 47.

MINAYO, Maria Cecília de S. & Sanches, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

\_\_\_\_\_. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004, p. 9-29.

MINAYO-GOMEZ, Carlos & Thedim-Costa, Sonia Maria da Fonseca - A construção do campo da saúde do trabalhador/a: percurso e dilemas. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 13(Supl. 2):21-32, 1997 ARTIGO ARTICLE.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OHNO, T. *O Sistema Toyota de Produção: além da produção em larga escala*. Trad. Cristina Schumacher. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Genebra, 2002. Relatório Mundial sobre violência e Saúde. Editado por Etienne G. Krug, Linda L. Dahlberg, James A. Mercy, Anthony B. Zwi e Rafael Lozano.

PIRES, M. F. C.; REIS, J. R. T. Globalização, neoliberalismo e Universidade: algumas considerações. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.3, n.4, 1999.

RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos e MANCIBO, Deise. O Servidor Público no Mundo do Trabalho do Séc. XXI. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2013, 33 (1), 192-207.

RIBEIRO, Livia Maria de Pádua, PEREIRA, José Roberto, BENEDICTO, Gideon Carvalho de. *As Reformas da Administração Pública Brasileira: Uma Contextualização do seu Cenário, dos Entraves e das Novas Perspectivas*. XXXVII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, RJ. 2013.

SANTOS, Jandira Pereira dos & MATTOS, Airton Pozo de. Absentismo-doença na prefeitura municipal de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista saúde Ocupacional*. São Paulo, 35 (121): 148-156, 2010.

SOUKI, Nádia. Hannah Arendt e a banalidade do mal. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. P. 99.

SVARTMAN, Bernardo Parodi. Trabalho e desenraizamento: um estudo sobre o sofrimento psicossocial gerado pela organização do trabalho fabril. *Psic. Rev. São Paulo*, volume 20, n.2, 221-244, 2011.

TAYLOR, Frederick Winslow. *Princípios de Administração Científica*. Tradução de Arlindo Vieira Ramos. 8a. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

THIOLLENT, Michel J. M. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo: Editora Polis, 1887. 5a. Edição.

VENEU, Marcos Guedes. representações do Funcionário Público. *Rev. Adm. públ.* Rio de Janeiro v.24 nç} 1 p.5-16 novo 1989/jan. 1990.

VÍCTORA, Ceres Gomes; Knauth, Daniela Riva; Hassen, Maria de Nazareth Agra. *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

---

Uma Ciência Replicante: a ausência de uma discussão sobre o método, a ética e o discurso. *Saúde Soc.* São Paulo, v.20, n.1, p.104-112, 2011.

VIZZACCARO-AMARAL, André Luís, ALVES, Giovanni e NAVARRO, Vera Lúcia. Precarização do Trabalho, Saúde do Trabalhador e Invisibilidade Social no Século XXI. *Estudos do Trabalho*. Ano VI – Número 13 – 2013. *Revista da RET - Rede de Estudos do Trabalho*. [www.estudosdotrabalho.org](http://www.estudosdotrabalho.org).

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão/seleção e apresentação Ecléa Bosi*. 2a. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ZOLA, Émile, *O Germinal*. Editora Martim Claret. Biblioteca Pública Independente

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nacional\\_seguranca\\_saude.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_seguranca_saude.pdf) Política Nacional de Segurança e Saúde do Trabalhador. Brasília. Novembro de 2004 PNSST – versão de 12/11/2004.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Divinópolis>. (01 de outubro de 2015).

[http://www.divinopolis.mg.gov.br/portal/paginas/secretarias/secretarias\\_inicia.php](http://www.divinopolis.mg.gov.br/portal/paginas/secretarias/secretarias_inicia.php)

## Anexo 1. Carta de apoio/parceria do Sindicato dos trabalhadores Municipais de Divinópolis e Região Centro-Oeste - SINTRAM



### Carta de Apoio/Parceria

O Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e Região Centro Oeste de MG/SINTRAM é uma instituição sem fins lucrativos e tem em seu histórico várias lutas pela causa trabalhista e social junto aos trabalhadores municipais e a sociedade.

O SINTRAM tem como objetivos primordiais, representar, de forma ética, transparente, democrática e solidária, os interesses de seus filiados, além de lutar por uma sociedade mais justa.

Nessa perspectiva, firmamos parceria e apoio para a realização da pesquisa intitulada: *"Adoecer: condição do Ser trabalhador? Estudo sobre as condições de trabalho e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores(as) da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM."*

A referida pesquisa será realizada pela pesquisadora Virginia Raimunda Ferreira, mestrandã do Programa Promoção da Saúde e Prevenção da Violência, da Faculdade de Medicina da UFMG, juntamente com a sua orientadora, Prof. Dra. Jandira Maciel da Silva professora pesquisadora do Departamento da Medicina Preventiva e Social, da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

Salientamos que o principal objetivo desta pesquisa é "Analisar as condições de trabalho e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores(as) da prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e região Centro Oeste – SINTRAM"

Ao firmar esta parceria e apoio estamos cientes de que os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados para alcançar os objetivos propostos, incluindo sua publicação em congressos e/ou em revistas científicas especializadas.

Divinópolis, 10 de dezembro de 2015.

  
Luciana dos Santos  
Presidente do Sintram

**Luciana Santos**  
Presidente  
SINTRAM

**ANEXO 2.** Carta Convite aos sindicalizados para participarem da pesquisa.

Divinópolis, ----- de ----- de 2016.

Caro sindicalizado do SINTRAM .....

Estamos empreendendo uma pesquisa com o objetivo de melhor conhecer a realidade de saúde de nossos sindicalizados, trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis.

A referida pesquisa, intitulada: Adoecer: Condição do Ser trabalhador? Estudo sobre a percepção dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM, quanto aos processos de saúde/doença relacionados aos processos de trabalho, está sendo realizada em parceria com a pesquisadora Virgínia Raimunda Ferreira, mestranda do Programa Promoção da Saúde e Prevenção da Violência, da Faculdade de Medicina da UFMG, juntamente com a sua orientadora, Prof. Dra. Jandira Maciel da Silva professora pesquisadora do Departamento da Medicina Preventiva e Social, da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

Salientamos que esta pesquisa está aprovada no Comitê de Ética da UFMG e que já foi testada por nós, sindicalistas e que a confidencialidade de seus dados será garantida.

Para a realização da pesquisa, precisamos contar com sua valiosa colaboração, respondendo a um questionário. Para isso, solicitamos seu comparecimento no SINTRAM.

**Dia:** ..... / ..... / ..... - ..... **feira;**

**Horário:** ..... horas;

**Local: SINTRAM - Av. Getúlio Vargas, 21 - Bairro Centro. Divinópolis, MG. Fone de contato: (37) 3216.84.84**

Estaremos a disposição para responder qualquer dúvida.

Desde já agradecemos.

Atenciosamente,

-----  
Diretoria do SINTRAM

### Histórico

Foi encaminhado a mim, pela Secretária do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da UFMG, em 07/12/2015, a Proposta de Pesquisa intitulada *Adoecer: Condição do Ser trabalhador? Estudo sobre as condições de trabalho e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM.* A orientadora desse projeto de Pesquisa é a Profa. Jandira Maciel da Silva e a aluna sob supervisão é Virginia Raimunda Ferreira. Trata-se de Proposta de Pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência da UFMG.

### Mérito

O estudo a ser desenvolvido pretende analisar as condições de trabalho e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores(as) da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no Sindicato dos Trabalhadores(as) Municipais de Divinópolis e região Centro Oeste - SINTRAM. A escolha por trabalhar o tema Saúde dos Trabalhadores(as) inseridos nos serviços públicos do município de Divinópolis se deu pelo fato da Sra. Virginia, orientanda da Professora Jandira exercer seu trabalho na Secretaria Municipal de Saúde desde 1997, portanto, há 18 anos. Conforme consta no projeto apresentado, *sua trajetória pela referida Secretaria, possibilitou-lhe observar empiricamente as relações e condições de trabalho como geradoras de sofrimento e adoecimento dos trabalhadores(as). Sentiu, portanto, necessidade de estudar mais profundamente a questão, visando contribuir para reflexão/compreensão e intervenção junto à realidade de trabalho dos referidos trabalhadores.* A experiência profissional da aluna permitiu que ela percebesse a *"crescente insatisfação dos trabalhadores, associada a uma também crescente desmotivação para com o trabalho prestado, tendo em vista um desacreditar nas possibilidades de mudança do atual cenário"*.

Assim, o objetivo geral do estudo é analisar as condições de trabalho e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores(as) da prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e região Centro Oeste – SINTRAM. Trata-se de um estudo quantiquantitativo, descritivo e exploratório. Os participantes do Estudo são os trabalhadores(as) da prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM. O instrumento de coleta de dados será um questionário devidamente detalhado no projeto de pesquisa apresentado.

A professora Jandira tem sua inserção profissional marcada pela temática de pesquisa em saúde do trabalhador, conforme atestam suas publicações recentes e sua atividade docente no Departamento de Medicina Preventiva e Social da UFMG. O cronograma está adequado e o projeto é viável

### Voto

Pelo exposto minha manifestação é favorável à aprovação do Projeto de Pesquisa *Adoecer: Condição do Ser trabalhador? Estudo sobre as condições de trabalho e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM.* pela Câmara Departamental do Departamento de Medicina Preventiva e Social da UFMG.

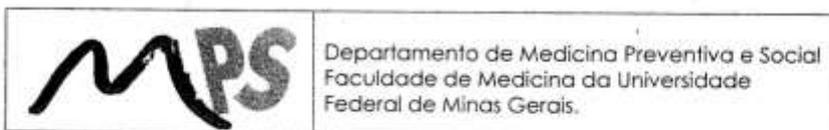
Professora Carla Jorge Machado (Relatora)



Aprovado em reunião  
de Câmara Departamental  
no dia 11 de dezembro  
de 2015.



Antônio Thomaz G. Matta Machado  
Chefe do Depto. de Medicina  
Preventiva e Social  
Insc.: 10941X/0323251



MPS/FM/Ofício nº 130/2015

Belo Horizonte, 15 de Dezembro de 2015.

Ilma. Sra.  
Jandira Maciel da Silva

Informo que a Câmara Departamental reunida no dia 11/12/2015, aprovou o Projeto de Pesquisa **"Adoecer: Condição do ser trabalhar? Estudo sobre as condições de trabalho e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM"**, com recomendação de analisar submissão ao COEP.

Atenciosamente

Antônio Thomaz Gonzaga da Matta Machado  
Chefe do Depto. de Medicina  
Preventiva e Social  
Insc.: 10941X/0323251

Professor Antônio Thomaz Gonzaga da Matta Machado  
Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social

### **Apêndice 1. Roteiro da entrevista - Instrumento de coleta de dados do estudo qualitativo.**

- Nome
- Endereço
- Idade/ Data de nascimento
- Formação/Escolaridade
- Profissão
- Há quanto tempo você trabalha na prefeitura?
- Qual cargo/função que ocupa na Prefeitura?
- Qual seu horário de trabalho na prefeitura?
- A qual secretaria você pertence?
- Como é para você ter que cumprir horário de trabalho?
- Fale um pouco sobre o que você faz no seu trabalho.
- Você trabalha em qual setor?
- Como são suas relações de trabalho? Com os colegas, chefias, público alvo?
- Como estão suas condições de trabalho?
- Estas condições que você relatou, se devem a quê?
- Você tem outro trabalho além da prefeitura?
- Me fale um pouco sobre o significado que o trabalho tem para você.
- Como você administra o trabalho e sua vida familiar e a vida familiar com o trabalho?
- O trabalho influencia na sua formação e realização pessoal?
- Você se sente realizado?

#### Falaremos agora sobre a saúde

- Como está sua saúde?
- Para você, sua condição de saúde se deve a quê?
- Quais são os fatores que influenciam para você ter a saúde que tem?
- Para você existe alguma relação entre condições de saúde/doença com trabalho?

- Na prefeitura existe algum setor ou programa que cuida da saúde do trabalhador?

Mudaremos novamente o foco da nossa conversa.

- Em geral, como você se sente ao findar um dia de trabalho?
- Você tem algum lazer nas horas vagas?

Falaremos agora sobre possíveis situações de agressão e ofensas no espaço de trabalho

- Você já se sentiu ofendido, desrespeitado ou agredido no seu trabalho?  
Se sim, quando? Fale um pouco sobre isso.
- Você já ofendeu, desrespeitou ou agrediu algum colega de trabalho ou usuário ou chefe? Se sim, quando? Fale um pouco sobre isso.
- Tem alguma coisa que eu não perguntei e que você gostaria de falar?
- Muito obrigada!

## **Apêndice 2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

### **Pesquisa Quantitativa.**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os trabalhadores públicos(as) da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e Região Centro Oeste – SINTRAM.

O Senhor(a) está sendo convidado(a) a responder um questionário da pesquisa intitulada, Adoecer: Condição do Ser trabalhador? Estudo sobre a percepção dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM, quanto aos processos de saúde/doença relacionados aos processos de trabalho.

Qualquer dúvida sobre este TCLE deverá ser esclarecida. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas.

A participação do Senhor(a) nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário que versará sobre as condições, os processos e as relações de trabalho e seus impactos sobre a saúde dos trabalhadores públicos da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM, principal objetivo deste estudo.

O Senhor(a) foi escolhido(a) porque é funcionário(a) público(a) da Prefeitura Municipal de Divinópolis, MG e é sindicalizado(a) no SINTRAM.

Esclarecemos que sua participação é inteiramente voluntária e o Sr(a) poderá deixar de responder a qualquer pergunta e se retirar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo. Não será realizado nenhum pagamento pela sua participação.

Esclarecemos ainda que esta pesquisa apresenta risco de constrangimento devido às perguntas que lhe serão feitas pelo pesquisador, assim como o risco de cansaço, devido ao extenso questionário.

O benefício vinculado a sua participação na pesquisa relaciona-se com a percepção dos trabalhadores públicos da prefeitura Municipal de Divinópolis

sindicalizados no SINTRAM, entre sua condição de saúde/doença e as condições, processos e relações de trabalho.

O conhecimento adquirido a partir desta pesquisa poderá subsidiar os sindicatos para melhorar as negociações em prol do trabalhador, assim como, contribuir para a melhoria das políticas públicas de proteção e promoção à saúde dos trabalhadores públicos, incluindo sua publicação em congressos e/ou em revistas científicas especializadas.

Todas as informações obtidas do(a) Senhor(a) serão confidenciais e guardadas com segurança pelos pesquisadores, por um período de cinco anos e, após este período, as informações serão apagadas ou os documentos serão destruídos. As informações serão tabuladas e analisadas sem a identificação do seu nome.

A pesquisadora rubricará as folhas que antecedem a última folha de assinaturas.

Qualquer dúvida ou problema, o Senhor(a) poderá entrar em contato conosco no Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG.

**Orientadora:** Prof. Dra. Jandira Maciel da Silva. Tel.: (31) 99234.0915

Endereço comercial: Avenida Alfredo Balena, nº 190, Bairro Santa Efigênia. CEP 30.130-100. Belo Horizonte, MG. Endereço eletrônico: [jandira.maciel@gmail.com](mailto:jandira.maciel@gmail.com)

**Pesquisadora:** Virgínia Raimunda Ferreira Tel.: (37) 99921.13.43. Endereço comercial: Rua João Morato de Faria, 172/705. Centro. Divinópolis, MG. CEP 35500-615. Endereço eletrônico: [virginiarai@yahoo.com.br](mailto:virginiarai@yahoo.com.br)

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP) pode ser contatado no telefone (31) 34094592; na Avenida Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005, Campus Pampulha – UFMG, Belo Horizonte, MG. CEP 31270-901. Endereço eletrônico: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br).

---

Assinatura do pesquisador

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Data: ..... / ..... / .....

Nome: .....

Tempo de trabalho na Pref. Municipal de Divinópolis, MG. ....

### **Apêndice 3.**

#### **A. Percurso metodológico do estudo quantitativo**

##### **A.1. Participantes do Estudo**

Os trabalhadores da prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM.

##### **A.2 Instrumento de Coleta de Dados**

O instrumento de coleta de dados será um questionário com perguntas condizentes com as hipóteses e objetivos desta pesquisa. Tomaremos o cuidado de colocar as perguntas em ordem arbitrária, no intuito de evitar a "superação do "efeito de contaminação" que, segundo Thiollent, "consiste no condicionamento da resposta a uma pergunta em função das perguntas imediatamente anteriores." (Thiollent, 1987, pag. 32).

Utilizaremos deste instrumento, pois entendemos com Thiollent, "que questionários e entrevistas são considerados como técnicas de observação direta pelo fato de estabelecerem um contato efetivo com as pessoas implicadas no problema investigado". (Thiollent, 1987, pag. 32).

Constará no cabeçalho do questionário uma garantia de anonimato, termo de confidencialidade das informações, bem como suas possibilidades de divulgação.

A proposta do questionário é composta de 69 perguntas divididas em 07 seções que abordam os seguintes aspectos:

- 1- Identificação;
- 2- Formação;
- 3- Trabalho;
- 4- Renda;
- 5- Moradia;
- 6- Saúde/doença;
- 7- Previdência Social.

Para validação do questionário, o mesmo será testado com os sindicalistas, por até três vezes e os ajustes necessários serão realizados a partir das considerações e observações dos mesmos, pois, ainda com Thiollent, consideramos que a linguagem, socialmente construída e determinada, produz em consequência disso, significados diferenciados a cada contexto sócio/econômico/cultural.

O SINTRAM, em carta convite aos trabalhadores selecionados na amostra, formalizará o convite para participação deste estudo. Na carta-convite constará o dia, horário e o local da aplicação do questionário. A pesquisadora, com o auxílio de trabalhadores do SINTRAM, aplicará os questionários. Aos trabalhadores que comparecerem e concordarem em participar da pesquisa, será apresentado o TCLE e aqueles que concordarem assinarão o referido documento.

Os questionários serão digitados duplamente por pessoas diferentes para reduzir erros e otimizar as informações. Se for necessário, procedimentos para a limpeza e consistência do banco de dados serão realizados.

### **A.3. Análise de dados**

Os dados obtidos serão transcritos e analisados com técnicas quantitativas por meio do Programa Statistical Package for the Social Science for Windows - SSPS (Versão 20.0).

Será calculada a distribuição de freqüência simples das variáveis independentes. Os resultados do estudo serão expressos por meio de distribuição de freqüência, medidas de tendência central, mediana, média e medidas de dispersão.

#### **A.3.1. Variáveis do estudo**

Estabelecer as variáveis do estudo nos possibilita trabalhar com maior clareza e estabelecer nexos e mediações entre os dados coletados e os fatos observados, o que tornará nossa pesquisa mais fidedigna no reconhecimento das condições de trabalho/saúde dos trabalhadores da Prefeitura de Divinópolis.

### A.3.2 Variáveis Independentes

Trabalharemos com as seguintes variáveis independentes: Doenças de acordo com CID 10, sexo, faixa etária e licenças médicas.

### A.3.4. Variáveis dependentes

Setor de trabalho, ocupação, tempo de trabalho; horário e jornada de trabalho, hora-extra, cobrança de produtividade, relações de trabalho.

## A.4. Plano Amostral<sup>12</sup>

### A.4.1. População alvo e suas sub-populações

Considerou-se como população alvo todos os trabalhadores públicos da Prefeitura Municipal de Divinópolis que são sindicalizados no SINTRAM - Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e região Centro Oeste. Portanto, a unidade amostral será composta por esses trabalhadores. A partir das informações disponibilizadas, resolveu-se estratificar por sexo, dado as especificações existentes por gênero. Assim, o método de amostragem escolhido foi o de amostragem aleatória estratificada. Segundo as informações disponibilizadas pelo SINTRAM, os dados mais recentes sobre o universo descrito acima estão apresentados na Tabela 01: Tabela 01:

**Tabela 01:** Dados oficiais da população dos trabalhadores (as) públicos da prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM.

Gênero	Nº de trabalhadores
Feminino	2001
Masculino	904
Total	2905

Fonte: SINTRAM, 2015.

### A.4.2. Os parâmetros populacionais

As principais características de interesse neste estudo estão ligadas aos processos de saúde/doença e as relações e condições de trabalho dos

<sup>12</sup> Plano Amostral construído pelo Professor Doutor Ricardo Tavares, do Departamento de Estatística da UFOP.

trabalhadores Municipais de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM. O interesse principal é a proporção de adoecimento desses trabalhadores.

#### **A.4.3. O sistema de referência**

A listagem utilizada como sistema de referência foi a relação disponibilizada pelo SINTRAM de todos os trabalhadores públicos da prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados nesse sindicato.

#### **A.4.4. A amostra**

Utilizamos a variabilidade máxima possível e chegamos a uma amostra de 570 trabalhadores sindicalizados no SINTRAM, com uma margem de erro de 4,0% para mais ou para menos, estabelecendo um grau de confiança de 95%. O número desses trabalhadores que serão amostrados em cada estrato foi obtido pela alocação uniforme, que considera o mesmo tamanho amostral em cada estrato. A amostra por estratificação ficou da seguinte forma:

<b>Gênero</b>	<b>População</b>	<b>Amostra</b>
<b>Feminino</b>	2001	285
<b>Masculino</b>	904	285
<b>Total</b>	2905	570

**Fonte:** SINTRAM, 2015

Conforme a própria definição de amostragem aleatória estratificada, em cada estrato os trabalhadores públicos sindicalizados no SINTRAM serão selecionados por amostragem aleatória simples. Recomenda-se a realização de até três tentativas antes de considerar como entrevista não obtida ou perdida. O tamanho amostral poderá ser aumentado para as possíveis substituições provenientes de perdas durante a execução das entrevistas previamente aleatorizadas. Se necessário, a margem de erro será atualizada.

#### **A.5. Aspectos éticos**

O “Estudo sobre a percepção dos trabalhadores da Prefeitura Municipal de Divinópolis, sindicalizados no SINTRAM, quanto aos processos de saúde/doença relacionados às condições e processos de trabalho.”, será

apresentado ao comitê de Ética e Pesquisa (COEP) da UFMG. Os trabalhadores concordantes em participar da pesquisa assinarão o TCLE.